

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	CÓDIGO DA FICHA				
	PE	01	01	12	F1- A3
	UF	SÍTI	LOC.	ANO	FICHA NO.

LOCALIZAÇÃO

SÍTI INVENTARIADO	Região Metropolitana de Recife
LOCALIDADE	Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Igarassu
MUNICÍPIO / UF	Recife, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Igarassu/ PERNAMBUCO

RELAÇÃO DOS BENS

CELEBRAÇÕES (10)

DENOMINAÇÃO	Abertura do Carnaval			IDENTIFICADO	1	
				SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual, desde 2002 (sexta-feira antes do carnaval).	LUGAR	Marco Zero, Bairro do Recife/PE.		
DESCRIÇÃO	Trata-se de uma celebração de abertura oficial do carnaval da cidade do Recife. Nessa ocasião, o prefeito passa a chave da cidade ao Rei Momo. Esse modelo de celebração de abertura teve início no carnaval de 2002, quando a Prefeitura da Cidade do Recife, com auxílio do Núcleo Afro, instaura o modelo de carnaval denominado "Carnaval Multicultural do Recife". Nessa celebração diversas nações de maracatu se reúnem em frente a um grande palco erguido no Marco Zero, onde se encontra o renomado percussionista Naná Vasconcelos, que, com o auxílio dos mestres de batuque, rege os maracatus nação. Ele ainda divide o palco com o grupo vocal Voz Nagô, formado por artistas locais ou nacionais e também com alguns personagens das cortes dos maracatus nação (geralmente rainhas, reis, damas do paço ou pais e mães de santo), além de alguns batuqueiros. No início da celebração, as nações se aproximam do Marco Zero em cortejo, posicionando-se uma ao lado da outra, de frente para o palco. Após a apresentação de baques, toadas e convenções percussivas conduzidas por Naná, os artistas convidados também se apresentam, executando suas performances, muitas vezes acompanhadas do baque dos maracatus. Depois de certo tempo, as nações de maracatu se retiram uma a uma, saindo em cortejo para que, em seguida, a próxima nação mostre seu baque também. Com a saída dos maracatus, o espetáculo continua com apresentações de mais artistas locais e nacionais. Estes artistas variam de ano a ano, mas a presença de Naná Vasconcelos e de diversas nações de maracatu é constante (mas a quantidade de maracatus nação que participam da celebração pode variar). Esta celebração tem sido marcada por polêmicas em relação à homogeneização dos baques das nações de maracatu, quando regidas por Naná Vasconcelos. Além da questão da suposta falta de espaço para que as nações mostrem suas particularidades, existe também insatisfação por parte dos maracatuzeiros em relação à qualidade do baque, prejudicada não só por causa da adaptação dos batuqueiros às convenções criadas por Naná, como também por causa da quantidade de batuqueiros.					
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os			Cf Anexo 2: 761 até 763		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)		
CONTATOS		Nº	
	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)		29
	Lindivaldo Oliveira Leite Júnior Anexo 4 (Olinda)		8

DENOMINAÇÃO	Acorda povo				IDENTIFICADO		2
					NÃO		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual, no mês de junho, geralmente na semana que antecede o dia de São João.	LUGAR	Ruas das comunidades maracatuzeiras.			
DESCRIÇÃO	Acorda Povo é a denominação utilizada para nomear uma celebração realizada durante o ciclo junino, normalmente na semana que antecede o dia de São João, em vinte e quatro de junho. Trata-se de um cortejo em que várias pessoas saem às ruas, após a meia-noite, cantando músicas em louvor a São João Batista, acompanhando um estandarte e um andor com a imagem deste santo, enfeitado por flores diversas. Dado os processos de composição entre diferentes religiões, principalmente o cristianismo e a religião dos orixás, o Acorda Povo foi uma das formas escolhidas por diversas comunidades de terreiro para celebrar, ao mesmo tempo, São João Batista e Xangô. O Acorda Povo era bastante popular nas ruas das cidades pernambucanas, estando bastante reduzido nos dias atuais, sobretudo devido às questões relacionadas com a poluição sonora. Até os anos 1990, alguns maracatus articulavam seus integrantes para o período junino a partir da constituição do Acorda Povo. Havia também grupos que organizavam cocos, a exemplo do maracatu Elefante, de Madalena, Roberto Barros e Rosinete. Atualmente, apenas os maracatus Cambinda Estrela e Axé da Lua realizam essa celebração.						
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Áudio – Ivaldo Marciano (Cambinda Estrela)				Nº	Cf Anexo 2: 1075	
CONTATOS					Nº		
	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)					29	
	José Maria de Farias Anexo 4 (Olinda)					7	
	Antônio Roberto Nogueira Barros Anexo 4 (Olinda)					3	

DENOMINAÇÃO	Bacalhau na Quarta-Feira de Cinzas			IDENTIFICADO	3
				NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual, nas Quartas-Feiras de Cinzas.	LUGAR	Sedes dos maracatus ou outros espaços nas comunidades.	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO	O Bacalhau da Quarta-Feira de Cinzas era uma celebração onde os maracatuzeiros saíam pelas ruas de suas comunidades para arrecadar proventos para fazer uma bacalhoadada, encerrando o carnaval. Em alguns grupos, os batuqueiros saíam vestidos de mulher, tocando maracatu e pedindo dinheiro. O dinheiro que se arrecadasse era, via de regra, destinado à compra de cachaça, enquanto que o bacalhau era fornecido pelo articulador ou presidente do grupo. Atualmente a única nação que ainda faz o bacalhau é o Leão Coroado, de Afonso Aguiar, porém não mais nos moldes antigos. As últimas nações que realizaram o bacalhau no modo antigo foram o Indiano, o Elefante de Madalena e o Leão Coroado de Luís de França.					
REGISTROS	Ritmos, cores e gestos da Negritude Pernambucana – Vídeo – Entrevista, em vídeo, com Regina Célia	Nº	Cf. anexo 2: 886			
	Ritmos, cores e gestos da Negritude Pernambucana – Vídeo – Entrevista, em vídeo, com Ana Márcia (Indiano)		Cf. anexo 2: 876			
CONTATOS		Nº				
	Afonso Gomes de Aguiar Filho Anexo 4 (Olinda)		1			

DENOMINAÇÃO	Baque de Alvorada					IDENTIFICADO		4
							NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual, nas noites de sexta-feira da semana pré-carnavalesca, ou na madrugada do Sábado de Zé Pereira.		LUGAR	Sede dos maracatus nação e ruas das comunidades.			
DESCRIÇÃO	Trata-se de uma reunião festiva dos batuqueiros e demais integrantes do maracatu, que se encontravam na noite da sexta-feira da semana pré-carnavalesca, ou na madrugada do sábado de Zé Pereira. Às cinco horas da manhã, uma bandeira do maracatu era hasteada em frente à sede sob o espocar de fogos de artifício, enquanto os batuqueiros tocavam o baque da nação. Era o anúncio da chegada do carnaval.							
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Áudio – Ivaldo Marciano (Cambinda Estrela)					Nº	Cf. Anexo 2: 1075	
CONTATOS						Nº		
	Antônio Pereira dos Santos Anexo 4 (Outras localidades)						3	
	Amaro da Silva Vila Nova Anexo 4 (Recife)						2	
	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)						29	

DENOMINAÇÃO	Carnaval do Recife					IDENTIFICADO	5
						SIM	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual, nos meses de fevereiro ou março.	LUGAR	Recife Antigo, Pátio do Terço, Pátio São Pedro, polos de animação centralizados e descentralizados			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				PE	01	00	12	F1-	A3
				do carnaval e comunidades maracatuzeiras.					
DESCRIÇÃO	O Carnaval é uma festa celebrada em quase todo o mundo, sendo muito popular no Brasil. Algumas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Salvador, Olinda e Recife, realizam grandes investimentos para o carnaval, tornando-se assim destinos disputados dos foliões e gerando renda para as cidades. A data do carnaval é calculada em função da Páscoa (a terça-feira de carnaval ocorre sempre 47 dias antes do domingo de Páscoa). Desse modo, a celebração ocorre anualmente no mês de fevereiro ou março. Em Recife, desde os fins do século XIX, o carnaval é uma festa popular, contando não só com bailes em salões fechados como também com blocos de rua e desfiles de variadas manifestações da cultura popular pernambucana, como maracatus nação, maracatus de orquestra, caboclinhos, tribos de índios, bois, ursos, blocos de frevo, escolas de samba, dentre outros. No entanto, à medida que os anos foram passando, o carnaval foi sendo cada vez mais normatizado para atender aos interesses de alguns grupos sociais, além de dialogar melhor com as demandas da indústria do turismo. O carnaval do Recife já teve como atração principal bailes, frevos, escolas de samba e trios elétricos, no entanto, desde o ano de 2002, ele adota outra estrutura. Até a década de 1960 o carnaval era organizado em palanques nos bairros, normalmente montados pelos vereadores ou lideranças comunitárias. Nesses palanques ocorriam as agremiações populares, dentre elas os maracatus nação. No centro da cidade, o carnaval girava em torno do palanque da Praça do Diário, onde se realizava o concurso. Ainda nessa década, começam a ser montadas as arquibancadas, e, com elas, a normatização do concurso se efetiva para as diversas categorias e manifestações de rua do carnaval pernambucano. Ao longo dos anos 1970, grandes polêmicas envolvem os intelectuais em torno da existência ou não da passarela e das arquibancadas, em prol de um carnaval “participação”, ou seja, um carnaval de rua sem a separação entre o público e as agremiações. No início da década de 1980, chega-se a proibir a montagem de passarelas e arquibancadas, projeto que causou grandes protestos por parte das escolas de samba, que foram as mais prejudicadas e que eram indubitavelmente as que atraíam maior público. Nos anos 1990, há a explosão do “axé music” no carnaval pernambucano, simultaneamente à consolidação das arquibancadas e de um modelo de carnaval competitivo. No intuito de criar um modelo de carnaval especificamente pernambucano, ou seja, que não fosse baseado no molde carioca ou baiano, a prefeitura da cidade do Recife criou o “Carnaval Multicultural”. O termo “multicultural” foi utilizado para indicar a variedade de manifestações culturais presentes, buscando dar espaços às manifestações tradicionais e populares do estado e às atrações da cultura de massa nacional, internacional e cultura urbana alternativa. As atrações da festa ocorrem em polos descentralizados, espalhados por todas as regiões da cidade, das mais centrais até as periféricas. Nesse modelo de carnaval, os maracatus nação obtiveram uma atenção especial, sendo a atração principal da abertura. Nessa ocasião, diversas nações se reúnem no Marco Zero da cidade e são regidas simultaneamente pelo renomado percussionista Naná Vasconcelos. Além da abertura oficial do carnaval, os maracatus nação são a atração principal da Noite dos Tambores Silenciosos, além de desfilar no Concurso de Agremiações Carnavalescas, se apresentando também nos palcos dos polos descentralizados ou realizando arrastões pelas ruas da cidade.								
REGISTROS	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.					Nº		Cf. anexo 1: 176	
	INRC – Fotografias – Maracatus Mirins (Grupo de Fotos de apresentação dos Maracatus Mirins na Noite dos Tambores Silenciosos – Cambinda Africano, Estrela do Amanhã, Estrela do Mar, Filhos de Olorum, Nação de Oxalá, Nação Erê, Nação Estrelar, Nação Novo Pina, Porto Rico, Vuginho)							Cf Anexo 2: 742 até 745	
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim,							Cf Anexo 2: 761 até 763	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)		
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Especial) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Especial com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim e Porto Rico)		Cf Anexo 2: 764 até 767
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Dois) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Dois com os Maracatus Nação: Encanto do Dendê, Linda Flor, Tigre e Tupinambá)		Cf Anexo 2: 768
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Um) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo um com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Encanto do Pina, Estrela Dalva, Gato Preto e Raízes de Pai Adão)		Cf Anexo 2: 769
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Cerimônia) (Grupo de Fotos da Cerimônia com Tatá Raminho na Noite dos Tambores Silenciosos)		Cf Anexo 2: 777 até 780
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)		Cf Anexo 2: 781 até 784
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)		Cf Anexo 2: 787 e 788
CONTATOS		Nº	
	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)		29
	Lindivaldo Oliveira Leite Júnior Anexo 4 (Olinda)		8

DENOMINAÇÃO	Ensaaios com Naná Vasconcelos					IDENTIFICADO		6
						SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 2002 (no período carnavalesco).		LUGAR	Sedes dos maracatus nação e Rua da Moeda, Recife Antigo, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	Os ensaios dos maracatus nação com Naná Vasconcelos tiveram início em 2002, no mesmo ano em que foi instaurado o modelo do Carnaval Multicultural do Recife e primeiro ano em que o percussionista conduziu o show de abertura do carnaval recifense. Os ensaios ocorrem nas sedes dos maracatus, onde Naná “treina” com os batuqueiros as convenções que farão no show. Nas sextas-feiras, há ensaio na Rua da Moeda, onde, em média, dois ou três grupos ensaiam juntos. Na semana que antecede o carnaval, todos os grupos ensaiam juntos no Marco Zero, local que servirá de palco para a Abertura. Esses ensaios são uma preparação para o evento de abertura do carnaval, ao mesmo tempo em que propiciam momentos de lazer e de sociabilidade, principalmente quando realizados nas comunidades, e de atração turística, quando realizados na							

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				PE	01	00	12	F1-	A3
--------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

	Rua da Moeda, no bairro do Recife, região central da cidade. Os ensaios têm início cerca de um mês e meio antes do carnaval. A princípio, o percussionista Naná Vasconcelos visita as sedes dos maracatus em suas comunidades e ensaia seus baques e convenções com cada grupo individualmente. O baque construído por Naná é independente de qualquer nação de maracatu, no entanto, ele se assemelha mais ao de alguns maracatus que ao de outros, o que por vezes gera protestos por parte de alguns maracatuzeiros. O fato do baque de Naná homogeneizar os baques de todas as nações de maracatu, sem dar muito espaço para que elas mostrem suas particularidades também é motivo de polêmicas. Para os ensaios, o referido percussionista posiciona-se ora num palanque previamente armado na comunidade, ora no chão, e utiliza um tímpano, tambor utilizado em orquestras sinfônicas, para reger as nações de maracatu. Esses eventos aglomeram uma grande quantidade de maracatuzeiros e de vizinhos que admiram a manifestação. Depois dessas visitas, Naná passa a ensaiar com as nações agrupadas em três ou quatro, na Rua da Moeda. Para a ocasião é construído um palco elaborado e devidamente equipado com som e luz, onde Naná se posiciona em frente ao tímpano e é acompanhado pelas cantoras do grupo vocal denominado “Voz Nagô”, que cantam as loas e canções que serão acompanhadas pelos baques dos bombos. A apresentação fica por conta do Amauri Cunha, que também apresenta a Abertura do Carnaval e a Terça-Negra. O evento atrai também muitos maracatuzeiros pertencentes às comunidades, admiradores da manifestação e turistas em geral. Esses ensaios ocorrem durante as sextas-feiras até a semana anterior ao carnaval. Após os ensaios na Rua da Moeda, grupos culturais se apresentam no palco erguido no local, encerrando a noite. É interessante perceber que essa celebração também contribui muito para que os maracatus nação obtenham cada vez mais visibilidade.						
REGISTROS		Nº					
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)			Cf Anexo 2: 770			
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)			Cf Anexo 2: 771			
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da Moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)			Cf Anexo 2: 772 até 774			
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Sede) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos nas Sedes com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Gato Preto, Leão da Campina e Oxum Mirim)			Cf Anexo 2: 775 e 776			
CONTATOS		Nº					
	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)			29			
	Lindivaldo Oliveira Leite Júnior Anexo 4 (Olinda)			8			

DENOMINAÇÃO	Festa de Aniversário					IDENTIFICADO		7
							NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO		☐ MEMÓRIA		☐ RUÍNA
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual, na data de aniversário de cada nação.	LUGAR	Variável, mas geralmente ocorre nas sedes das nações ou arredores.	
DESCRIÇÃO	A data de fundação de cada nação é algo muito valorizado pelos maracatuzeiros da atualidade. A data confere legitimidade ao grupo, assegura seu tempo de existência, reafirma sua história e muitas vezes sua tradição, ainda mais se ela for considerada antiga. Neste inventário não compartilhamos dos juízos de valor atribuídos à tradição, porém não podemos negar que esse juízo existe entre os grupos. Uma das práticas que conferem tradição aos maracatus são aquelas associadas à religiosidade do grupo; outra que também é considerada importante é o tempo de existência, e isso se reflete nas comemorações de aniversário. Não existe um modo padrão na comemoração do aniversário dos maracatus nação, cada um comemora do seu jeito. Ainda assim, é possível afirmar que, geralmente, os grupos realizam festas nas próprias sedes ou em espaços maiores, pertencentes a clubes ou associações na própria comunidade. Em alguns casos, a festa é aberta a toda a comunidade, em outros, é fechada apenas para os maracatuzeiros da nação, existindo ainda casos em que ela é celebrada de modo mais familiar, apenas pelas lideranças do grupo. As comidas servidas nessas festas são, na maioria das vezes, as mesmas servidas em outras celebrações de aniversários em contextos de periferia da cidade do Recife, ou seja, caldinhos diversos, cuscuz, arroz, feijão, macaxeira, carne de sol, bolo e docinhos tradicionais de aniversário, além de bebidas alcoólicas, refrigerantes e afins. Algumas nações fizeram de suas festas de aniversário grandes eventos, com intenções de atingir a agenda cultural da cidade. É o caso da Nação Porto Rico, que intitulou sua festa de aniversário como “Noite do Dendê”, fazendo referência à origem atribuída pelo grupo. De acordo com suas lideranças, a 1ª Noite do Dendê aconteceu em 1914. Já a 2ª Noite do Dendê, assim ressignificada pelo grupo, ocorreu em 2009, no mês de setembro. Em setembro do ano de 2012 irá acontecer a 4ª Noite do Dendê, com panfleto já confeccionado e divulgado pelo grupo com dois meses de antecedência. No ano de 2009, a festa teve início com um cortejo do batuque da nação, que partiu da Igreja do Pina até a sede da agremiação. Na rua da sede, foi instalado um pequeno palco onde o mestre, a rainha e alguns babalorixás e ialorixás da cidade realizaram discursos; o palco também possuía instrumentos musicais como elús, para que fossem entoadas loas em louvor aos orixás, conferindo assim um momento sagrado à cerimônia. Após essa parte, outros grupos culturais se apresentaram na celebração, animando os maracatuzeiros, os convidados pertencentes aos grupos culturais, as pessoas da comunidade, as pessoas de classe média que pertencem ao maracatu e qualquer outra pessoa que quisesse aparecer. A festa foi aberta, com comida e bebidas diversas para todos. Nos anos seguintes, a festa cresceu e o público se diversificou. O evento já faz parte do calendário da comunidade. Outra nação que realiza uma festa diferenciada é o Maracatu Aurora Africana. O aniversário do grupo é no dia 8 de agosto, sendo comemorado sempre aos domingos que coincidam ou estejam próximos da data. O aniversário do grupo é importante por marcar o início dos trabalhos do referido maracatu para o carnaval, ou seja, a partir do domingo posterior ao da festa, se iniciam os ensaios do grupo. Tanto o formato da festa quanto o planejamento das atividades e orçamento para a organização do carnaval são discutidos em uma reunião com as lideranças do grupo no mês de julho. A festa de aniversário ocorre na rua em frente à sede, oferecendo música, comida e bebida aos convidados. A festa reúne cerca de 100 pessoas, sendo a maioria delas maracatuzeiros do próprio Aurora Africana. O grupo desejava convidar mais nações para participar da celebração, mas alega não possuir recursos suficientes para tal. No entanto, além dos maracatuzeiros do Aurora Africana, o evento conta com a participação de alguns homenageados especiais, que são pessoas, às vezes do próprio grupo, que recebem um certificado pela contribuição e apoio que deram à agremiação. O cardápio da festa conta com algumas comidas tradicionais de terreiros, que, de acordo com as lideranças, é servida na ocasião para lembrar a relação do maracatu nação com a religião dos orixás. A música é, na sua maioria, tocada ao vivo pelos próprios maracatuzeiros presentes; no repertório não falta maracatu, coco, afoxé e outros ritmos provenientes das culturas populares negras. Mesmo quando a música não é ao vivo, o repertório não muda, pois as lideranças do grupo não encorajam a execução de ritmos que não estejam ligados às manifestações populares supracitadas. A festa se inicia às 14h e dura até às 23h. As pequenas diferenças no modo de organização das festas de aniversário dos maracatus nação têm muito a revelar. Não se deve pensar que alguns maracatus realizam festas menos elaboradas por não valorizarem a data; muitos deles não possuem				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	recursos para construir um grande evento; outros não possuem um poder de agregação tão grande entre os seus maracatuzeiros, ou seja, os vínculos não são tão estreitos a ponto de justificar a reunião. Já quando são realizadas, mostram-se como ótimas oportunidades de socialização e estreitamento de laços entre os maracatuzeiros, gerando sentimentos de pertencimento e valorização do grupo.					
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Vídeos – Fábio Sotero (Aurora Africana)	Nº	Cf Anexo 2: 934			
	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Vídeos – Chacon (Porto Rico)		Cf Anexo 2: 953			
	INRC – Fotografias – Grupos Percussivos (Grupo de Fotos do Grupo Percussivo Maracambuco referente a Festa de Aniversário)		Cf Anexo 2: 753			
CONTATOS		Nº				
	Jailsom Viana Chacom Anexo 4 (Recife)		31			
	Fábio de Souza Sotero Anexo 4 (Jaboatão)		1			

DENOMINAÇÃO	Noite dos Tambores Silenciosos				IDENTIFICADO		8
					SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1962 até o presente, sempre nas segundas-feiras de carnaval.	LUGAR	Pátio do Terço, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	Celebração que ocorre na segunda-feira de carnaval, no Pátio do Terço, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Terço. Grupo a grupo, os maracatus nação se conduzem pela Rua Vidal de Negreiros em direção ao adro da igreja onde prestam homenagens aos seus antepassados, ou ancestrais, cantando toadas, acompanhados do batuque e cortejo real. Chegando ao palanque, cada nação realiza uma breve apresentação de seu baque e loas e logo descem, retirando-se do Pátio por uma rua lateral e abrindo espaço para que a próxima nação possa se apresentar. Em torno da meia-noite, o babalorixá Raminho de Oxossi conduz um ritual entoando cantos aos orixás. À meia-noite, as luzes do Pátio são apagadas, uma pomba é solta, em oferta a Oxalá. As luzes são acesas novamente, e os maracatus reiniciam o cortejo, que normalmente se estende madrugada adentro. O evento total se inicia por volta das 20h com a concentração dos maracatus nas proximidades do Pátio do Terço e se encerra por volta das 4h da madrugada. O evento conta com a participação dos maracatuzeiros (batuque e corte), de sacerdotes que conduzem a homenagem da meia-noite, de autoridades locais que assistem ou auxiliam no andamento do evento e do público composto por turistas, pessoas provenientes das comunidades onde os maracatus nação se localizam, pessoas que participam ou admiram as religiões dos orixás e jurema e demais interessados. Organizada pelo Núcleo de Cultura Afro-Brasileira da Prefeitura da Cidade do Recife, a Noite dos Tambores Silenciosos faz parte dos grandes eventos carnavalescos que acontecem na cidade, atraindo público diversificado, uma vez que, invariavelmente, os jornais da cidade noticiam o acontecimento, demonstrando seu caráter institucional. Envolve um público de milhares de pessoas, que passam pelo Pátio do Terço ao longo da Noite dos Tambores Silenciosos. A rua costuma ficar apinhada de gente esperando a cerimônia, ponto alto da Noite, e os maracatus de maior sucesso se apresentarem e fazerem seu espetáculo. Nas ruas laterais, vendedores de água, cerveja e refrigerante, cachorro-quente e queijo assado disputam espaço com os maracatuzeiros que chegam e se organizam, ou com aqueles que já se apresentaram e se dirigem aos muitos ônibus por ali estacionados. Trata-se, portanto, de um ritual em que sagrado e profano não se distinguem rigidamente, ao contrário, estão em constante interação, a depender						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	dos atores sociais envolvidos. Ao mesmo tempo, é um dos eventos mais divulgados para os turistas, que ocorrem ao Pátio em busca das apresentações dos maracatus. A Noite dos Tambores Silenciosos sofreu transformações em sua estrutura e significado ao longo de sua história. Tem início em 1962, quando o jornalista Paulo Viana começou a organizar a celebração com o intuito de lembrar os antepassados dos negros, os escravos que não podiam comemorar o carnaval. Ao longo desses anos, o ritual vai se configurando até assumir uma conformação em que um grupo teatral recitava uma poesia sua em homenagem aos escravos e, à meia-noite, no alto da torre da igreja, tocava-se uma música (silêncio), as luzes eram apagadas e os maracatus rufavam seus tambores. Esta conformação permaneceu por toda a década de 1970 até meados da década de 1980. Esse é um período em que não existiam, no Recife, muitos maracatus, e dizia-se que essa manifestação encontrava-se ameaçada de desaparecimento. Importa destacar que se transformou numa tradição para os maracatus nação, e é desse período que começa a circular uma tradição oral que no Pátio do Terço teria havido muitos escravos enterrados, seja porque lá teria existido um mercado de escravos, seja porque escravos eram deixados lá para morrer (não há comprovação histórica desses fatos, apesar de que havia desembarque das cargas dos navios naquela região do Forte das Cinco Pontas, ou seja, era uma região de trânsito de escravos). Esta tradição justificaria a escolha do Pátio do Terço, e não do adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife. É importante destacar que na Rua Vidal de Negreiros encontra-se a casa de Badia, importante ialorixá que, juntamente com Paulo Viana, contribuiu para a criação da Noite dos Tambores Silenciosos. Segundo Raminho de Oxossi, Badia costumava fazer “obrigações” em frente à igreja para o carnaval, e hoje ele faz mais ou menos a mesma coisa que ela fazia. Em meados dos anos 1980, já após a morte de Paulo Viana, em 1984, a organização da Noite dos Tambores Silenciosos ficou a cargo da Fundação de Cultura da Cidade do Recife. Nesse período formam-se no Recife os afoxés, que começam a participar voluntariamente da Noite e se introduz a celebração religiosa, primeiro a cargo de Raminho de Oxossi e, por um período, a cargo de seu filho de santo, Dito de Oxossi, para posteriormente retornar para Raminho. Nos anos 1990, faziam parte da Noite dos Tambores Silenciosos tanto maracatus quanto afoxés. À medida que crescia o número de afoxés, e novos maracatus nação “ressurgiram” ou foram criados, começou a haver protestos quanto à presença dos afoxés em um evento que era tradicionalmente dos maracatus. No início de 2001, com a gestão petista de João Paulo e a formação do Núcleo de Cultura Afro-Brasileira, vinculado à Prefeitura da Cidade do Recife, instalou-se no Pátio do Terço um polo dedicado à cultura negra. Os afoxés passaram a se apresentar no domingo, e a Noite dos Tambores Silenciosos ficou dedicada exclusivamente aos maracatus, na já tradicional segunda-feira.						
REGISTROS	GUILLEN, Isabel C. M. Noite dos Tambores Silenciosos: ritual e tradição entre os maracatus-nação do Recife. In: 25ª Reunião Brasileira de Antropologia - Saberes e Práticas Antropológicas. Desafios para o Século XXI. Anais da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, 2006. 10 p.	Nº				Cf Anexo 1: 105	
	Movimento Negro – Entrevistas – Áudio – Dito de Oxóssi					Cf Anexo 2: 977	
	Movimento Negro – Entrevistas – Áudio – Edvaldo ramos					Cf Anexo 2: 979	
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Cerimônia) (Grupo de Fotos da Cerimônia com Tatá Raminho na Noite dos Tambores Silenciosos)					Cf Anexo 2: 777 até 780	
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)					Cf Anexo 2: 781 até 784	
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda					Cf Anexo 2: 787 e 788	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)		
	INRC – Fotografias – Maracatus Mirins (Grupo de Fotos de apresentação dos Maracatus Mirins na Noite dos Tambores Silenciosos – Cambinda Africano, Estrela do Amanhã, Estrela do Mar, Filhos de Olorum, Nação de Oxalá, Nação Erê, Nação Estrelar, Nação Novo Pina, Porto Rico, Vuginho)		Cf Anexo 2: 742 até 745
CONTATOS		Nº	
	Lindivaldo Oliveira Leite Júnior Anexo 4 (Olinda)		8
	Expedito Paola Neves Anexo 4 (Recife)		26

DENOMINAÇÃO	Terça-Negra				IDENTIFICADO		9
					SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 2002 (todas as terças-feiras).	LUGAR	Pátio São Pedro, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A Terça-Negra trata-se de uma celebração organizada pelo Movimento Negro Unificado (MNU), em parceria com a Prefeitura do Recife, com o propósito de afirmação da história, da cultura e da cena musical negra através da promoção de atividades como apresentações de grupos culturais como afoxés, maracatus nação, cocos, bandas de reggae, black music, samba e hip hop. O evento ocorre nesse formato desde 2002, periodicamente nas noites de terça-feira no Pátio São Pedro, espaço público localizado no bairro de São José, região central da cidade do Recife. Dentro do evento ocorrem também alguns festivais de caráter competitivo (mostras culturais, lançamentos de documentários, CDs) ligados à cultura negra. No início de 2000, antes do início oficial da Terça-Negra, um grupo de militantes do MNU e de admiradores da cultura negra reuniam-se no bar denominado Pagode do Didi, com fins de socialização. Ao longo dessas reuniões, eles perceberam que não havia um espaço destinado exclusivamente à cultura negra na cidade do Recife. Desse modo, por conta própria, eles passaram a chamar grupos culturais comunitários para tocar no Pagode do Didi todas as noites das terças. A proposta foi ganhando força e visibilidade, até que, em 2002, militantes do MNU enviam um projeto para a Prefeitura do Recife, propondo a criação da celebração que hoje é a Terça-Negra. A coordenação da celebração está nas mãos de Almir Miranda da Hora, mais conhecido como Almir Gandhi, que é músico, desenhista, arte-educador, militante e coordenador de cultura do MNU. Ele é um dos responsáveis pela programação do evento, que é divulgada em blog administrado por ele mesmo: http://www.tercanegra.blogspot.com.br/ . O locutor do evento, Amauri Cunha, artista gráfico, militante do MNU e locutor da Noite dos Tambores Silenciosos, Abertura do Carnaval e Ensaios com Naná Vasconcelos (vide fichas de celebração correspondentes), também dá sugestões para compor a programação. Para a realização da celebração, os organizadores instalaram um palco de médio porte, que fica permanentemente no Pátio do Terço. No dia da celebração, técnicos chegam ao local no fim da tarde para realizar os ajustes relativos ao sistema de som e iluminação. Os recursos do evento vêm da Prefeitura da Cidade do Recife, que remunera os prestadores de serviço e o ônibus que vem buscar e levar de volta os grupos culturais em suas comunidades. Tais grupos, na maioria das vezes, não recebem cachê. O evento é gratuito para o público, que pode prestigiá-lo no espaço do pátio em frente ao palco, ou nas mesas dos bares e restaurantes espalhados pelas laterais do pátio. Por conta do evento, a movimentação do comércio local é intensa, os restaurantes e bares ficam lotados de pessoas que consomem enquanto assistem às apresentações culturais. O público é diversificado, formado por pessoas das comunidades às						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	quais pertencem os grupos culturais, admiradores da cultura negra em geral, turistas, enfim, pessoas de diversas classes sociais e estilos. O evento conta com um público cativo, mas também tem picos de maior movimento como o período carnavalesco, o ciclo junino e novembro, o mês da consciência negra. Neste o público pode chegar a duas mil pessoas, de acordo com seus principais articuladores. Os maracatus nação são presença constante na Terça-Negra. De fato, se algum admirador dos maracatus nação desejar ver a apresentação de um grupo fora do período carnavalesco, a celebração na qual existe maior probabilidade de se encontrar uma apresentação de maracatu nação é a Terça-Negra.				
REGISTROS	Não foram encontrados registros arquivados em instituições públicas que documentem a celebração.	Nº			
	Fabio de Souza Sotero Anexo 4 (Jaboatão)		1		
CONTATOS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Videos – Fábio Sotero (Aurora Africana)	Nº	Cf anexo 2: 934		

DENOMINAÇÃO	Traga a Vasilha				IDENTIFICADO		10
					SIM		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 2000 (todas as sextas-feiras).	LUGAR	Bairro do Recife Antigo, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	O Traga a Vasilha trata-se de um agrupamento de batuqueiros provenientes de diferentes maracatus nação, grupos percussivos ou mesmo curiosos que se juntam para tocar os baques de diversos maracatus nação, sobretudo o do Estrela Brilhante do Recife e do Estrela Brilhante de Igarassu. Os encontros ocorrem todas as noites das sextas-feiras, no bairro do Recife Antigo, na Rua Mariz e Barros, em frente ao Armazém 14. Qualquer pessoa pode trazer seu instrumento ou mesmo tomar emprestado de alguém e participar da despretensiosa batucada. Não se exige qualquer tipo de qualificação técnica para entrar no batuque, bastando conseguir um instrumento. O evento aglomera esses batuqueiros e também curiosos que assistem à batucada, dançando e cantando. O início da celebração aconteceu no ano 2000, a partir de encontros que alguns batuqueiros do Estrela Brilhante do Recife (alguns residentes do Alto José do Pinho e outros provenientes de bairros de classe média) organizavam para ter a oportunidade de batucar fora do período oficial dos ensaios da referida nação para o carnaval. O que começou como uma espécie de reunião com poucos batuqueiros foi crescendo a ponto de tomar as dimensões que possui hoje. Na celebração, esses batuqueiros se reúnem e tocam baques e toadas de diversos maracatus nação, além de, por vezes, tocarem também outros ritmos da cultura popular pernambucana como coco e ciranda. A proposta do evento é principalmente a diversão, além da troca de conhecimento e experiência sobre os baques e linguagens do maracatu de baque virado. O Traga a Vasilha não possui vínculos oficiais com nenhum maracatu nação, apesar de contar com a presença de batuqueiros de algumas nações. A regência da batucada, por exemplo, fica por conta, principalmente, de alguns mestres de maracatu nação ou mesmo regentes de grupos percussivos que vêm prestigiar o batuque. Ainda assim, qualquer pessoa que chegue e peça para cantar uma toada ou puxar um baque é autorizada. Uma das presenças mais marcantes na regência é do Mestre Walter do Estrela Brilhante do Recife, que participa da celebração desde seu início em 2000. Além dele, Mestre Gilmar do Estrela Brilhante de Igarassu e sua família também são frequentadores recorrentes. Os mestres ou regentes cantam as toadas com o auxílio de um microfone ligado a uma caixa de som. Nada mais é preciso para que a batucada aconteça. Os instrumentos utilizados são aqueles associados ao baque dos maracatus nação, ou seja, alfaias, caixas ou taróis, gonguês, ganzás, abês, mineiros e atabaques. Participa do evento uma média de 50 pessoas, em sua maioria, jovens na faixa dos 18 aos 30 anos, sendo equilibrada a quantidade de homens e mulheres. A batucada também atrai um grande público que para ao redor do						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	aglomerado de batuqueiros, dispostos em formação livre. É muito comum que o público que circunda os batuqueiros fique dançando o ritmo do maracatu ou bebendo. As bebidas são obtidas nos bares localizados na própria rua ou por meio dos vendedores ambulantes; esses mesmos vendedores também servem salgados diversos, sanduíches, queijo coalho assado na brasa, tapiocas, dentre outros alimentos comuns em eventos de rua. Em 2005, o Traga a Vasilha alcançou a maior quantidade de participantes, no entanto, em 2012, mesmo com menos gente, a celebração se firmou, pois, mesmo que os principais articuladores não compareçam, o evento alcançou tal autonomia que os próprios batuqueiros que estiverem no espaço darão conta de realizar a batucada de forma independente. O grupo reunido em torno do Traga a Vasilha não se apresenta em outros espaços ou mesmo por contratos, mas na sexta-feira que marca a Abertura do Carnaval, o grupo realiza um arrasto de maracatu pelas ruas do Recife Antigo, por volta da meia-noite. O Traga a Vasilha é um fenômeno que reflete o interesse que o ritmo do maracatu desperta em jovens das mais diversas etnias e classes sociais. Vale ressaltar que essa celebração também contribui para a maior visibilidade dos maracatus nação por atrair muitos turistas e também por possibilitar que outras classes sociais, que geralmente não frequentam as comunidades maracatuzeiras conheçam o ritmo do maracatu. No entanto, a celebração recebe muitas críticas, principalmente as relacionadas às pessoas que abusam do uso de bebidas alcoólicas ou mesmo de drogas ilícitas que, por vezes, adentram o batuque.					
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Áudio – Bruno (Traga a Vasilha)	Nº	Cf Anexo 2: 1093			
	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Videos – Walter (Estrela Brilhante)		Cf Anexo 2: 942			
	INRC – Fotografias – Traga a Vasilha (Grupo de Fotos de Encontro no Recife Antigo do Traga a Vasilha)		Cf Anexo 2: 740			
CONTATOS		Nº				
	Bruno Cortês Uchoa de Miranda Anexo 4 (Recife)		20			
	Walter Ferreira de França Anexo 4 (Recife)		50			

EDIFICAÇÕES (17)

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Recife				IDENTIFICADO		11
					NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1630 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Larga do Rosário, Bairro de Santo Antônio, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	Na Rua Larga do Rosário, no bairro de Santo Antônio, encontraremos a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que foi edificada em 1630 pela irmandade do Rosário dos Homens Pretos, uma associação que era formada por escravos negros. A construção da Igreja pode ser entendida como uma forma de resistência em relação às condições adversas em que viviam os escravos negros naquele momento, constituindo-se um dos poucos espaços onde tais sujeitos poderiam se expressar. Dessa forma, manifestações como a coroação de reis Congo (festa na qual era coroado o rei de congo) possuíam um caráter de resistência e de reelaboração simbólica, tal como a formação da Irmandade e a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A tentativa de construção de uma igreja por parte de uma irmandade de escravos demandava um esforço coletivo e financeiro gigantesco. Dessa maneira, uma das formas recorrentes de conquista de recursos foi através do fornecimento de mão-de-obra gratuita ou até						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS					PE	01	00	12	F1-	A3
--------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

	mesmo através do pagamento de débitos em troca de atividades como confecção de doces. Em 1699, a irmandade resolve dourar a capela-mor e, quatro anos mais tarde, fazem um novo consultório, comunicando com o coro. As obras no interior da Igreja sofreram as demoras habituais produzidas pelas poucas esmolas. Já em 1706, tomam, os irmãos, a decisão de forrar a capela-mor com frisos e molduras douradas, dispostos a mandar buscar em Lisboa materiais necessários. Aproximadamente 100 anos após sua construção, em 1739, tal Igreja apresentava sua fachada em ruínas. Neste momento, a Irmandade decidiu iniciar uma reforma que teve início em 1750 e término em 1777. Segundo alguns historiadores e urbanistas, não se sabe ao certo se o frontispício que conhecemos na atualidade é o mesmo que mandou construir em 1739, por existir detalhes estéticos que diferem dos conhecidos no período. Com essa reforma, tal Igreja passou a se apresentar dentro da arte barroca. Desta forma, partindo de uma questão estética, a construção pode ser considerada típica daquelas existentes na segunda metade do século XVIII. A construção possui um estilo colonial, mas um conjunto dos seus altares conserva o estilo rococó. Dessa forma, a Concatedral de São Pedro dos Clérigos, incorporando modificações sucessivas de estilo, partindo de um Barroco mais “primitivo”, acaba alcançando resultados mais rebuscados dentro do Barroco-Rococó. A Igreja, nesta fase chamada barroco-rococó, possui uma série de soluções compositivas, sobretudo os trabalhos em cantaria. A sua fachada, simples e autenticamente do século XVIII, apresenta uma só torre, um frontispício alto com volutas e um rosário que ocupa o lugar dos brasões tradicionais das igrejas pernambucanas. A Igreja tem cinco grandes portas em sua fachada. No nicho de uma delas, por sua vez, observa-se uma imagem secular de Nossa Senhora do Rosário, proveniente do tempo em que a Igreja foi fundada, como também uma antiga imagem de São Benedito, presente no consistório, datando de 1753. Conservadas são as talhas no altar-mor, o painel, pintado em seu forro primitivo (a imagem da Virgem Maria, ladeada por querubins mulatos, entregando o rosário a São Domingos, inspirador da Ordem), e os móveis presentes na sacristia. Há uma galeria de arte no corredor lateral.		
REGISTROS	INRC – Fotografias – Raízes de Pai Adão (Fotos da Coroação do Rei e Rainha do Raízes de Pai Adão)	Nº	Cf anexo 2: 741
CONTATOS	Marivalda Maria dos Santos Anexo 4 (Recife)	Nº	41
	Nadja Cristina Castro Anexo 4 (Recife)		44

DENOMINAÇÃO	Pátio de São Pedro				IDENTIFICADO		12
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde o século XVIII até os dias atuais.	LUGAR	Pátio São Pedro, bairro de São José, região central do Recife.			
DESCRIÇÃO	O Pátio de São Pedro, em sua configuração urbana atual, surgiu da construção da igreja que lhe deu o nome nas primeiras décadas do século XVIII. Os pátios do Recife, assim como muitas outras cidades coloniais brasileiras, foram construídos com funções religiosas. Eram então usados para a realização de procissões, missões e outros rituais. A praça quadrada faz do Pátio de São Pedro um dos únicos do Brasil a preservar o traçado comum no período colonial. A área defronte à igreja, chamada de Pátio de São Pedro, conserva em seu entorno um belo conjunto de 29 casas baixas coloniais, com um ou dois pavimentos, dominadas pelo corpo imponente da igreja ao fundo. O Pátio possui um calçamento de pedras irregulares e um gradil de ferro que delimita o átrio da igreja, cujo piso é de ladrilhos de barro. As ruas que dão acesso ao Pátio são Rua Felipe Camarão e Rua das Águas Verdes. O arruado mantém o limite frontal e são coladas lateralmente de gabarito térreo. O espaço do Pátio deve ter tido sua importância na vida religiosa da paróquia local, mas como não existem significativos registros da vida cotidiana no Pátio, não é possível balizar o grau dessa dinâmica. No pátio encontra-se uma estátua de Solano Trindade, homenagem feita ao poeta da resistência negra. No lugar funcionam diversas instituições de movimentos culturais como a Casa do Carnaval e o Centro de Formação em Artes Visuais. Todo o conjunto foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	1983. Em nível municipal, a área está classificada como Setor de Preservação Rigorosa. Em 1970 as casas foram desapropriadas e toda a área foi recuperada. O Pátio de São Pedro é sempre lembrado pelos maracatuzeiros por ser um local onde ocorrem apresentações culturais e eventos relacionados à cultura negra e também aos próprios maracatus nação. Semanalmente, até 2011, o Pátio de São Pedro sediava a “Terça-Negra”, onde ocorrem eventos e apresentações culturais relacionados à cultura negra. Aos sábados, domingos e outros dias da semana também podem ocorrer eventos culturais diversos. No período do carnaval, São João e Natal, o Pátio de São Pedro torna-se um dos principais polos de atrações culturais da cidade.		
REGISTROS	INRC – Fotos de Sítio	Nº	Cf anexo 2: 736
	Inventário Sonoro – Lançamento do CD		Cf anexo 2: 737
CONTATOS	-----	Nº	

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Almirante do Forte				IDENTIFICADO		13
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde a década de 1960 até os dias atuais.	LUGAR	Estrada do Bongü, nº 1319, Bongü, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Almirante do Forte, de propriedade do sr. Antônio José da Silva Neto (sr. Teté), trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1960 por Antônio José da Silva e Josefa Maria da Silva (pai e mãe do Sr. Teté). A edificação é uma residência cujo proprietário é o presidente da agremiação. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas semelhantes, e a sede possui uma fácil visibilidade na posição que ocupa na rua. Em sua fachada há uma identificação, na forma de grafite, de que nela funciona uma sede de agremiação. A residência fica localizada na Estrada do Bongü, 1319, rua que possui uma série de casas conjugadas em seu entorno. Na sede do maracatu habitam o senhor Teté e seus familiares; a casa não possui recuo de lote frontal nem lateral, o que dificulta o isolamento e ventilação no espaço. A divisão de cômodos na residência se dá da seguinte forma: uma sala ampla (onde, além dos móveis, estão algumas fantasias, instrumentos, estandarte e adereços de cabeça), três quartos (dois deles com móveis e fantasias encaixotadas e empilhadas, e outro quarto onde ficam as calungas), dois banheiros (sendo um deles construído fora da residência) e uma cozinha. Mesmo se tratando de uma residência, quase todos os cômodos são ocupados com objetos referentes ao Maracatu Almirante do Forte. A cobertura da residência é uma parte de telhas cerâmicas e outra parte de telha Brasilit. No primeiro andar existem duas esquadrias de madeira, sem revestimento (uma porta e uma janela). Este primeiro andar possui três cômodos, e, neste espaço da sede, funciona atualmente um ponto de cultura em parceria com o Ministério da Cultura do Governo Federal e Fundarpe de Pernambuco, que promove oficinas de percussão, confecção de instrumentos, dança afro e informática. A sede possui uma fachada com duas esquadrias de madeira e do lado direito há uma escada de cimento, que dá acesso ao primeiro andar. O sistema construtivo da edificação é de sapatas isoladas, não há detalhes arquitetônicos a serem destacados nessa edificação. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: vegetação na cobertura e peças soltas e quebradas; - fundação: estado regular de conservação; - estruturas: manchas de umidade, descontinuidade da superfície e rachaduras profundas; - esquadrias: pintura em mau estado; - revestimento: não existem revestimentos em algumas paredes externas e internas; - piso: a residência não possui piso cerâmico, existe apenas uma camada de cimento apresentando rachaduras.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	A partir do exposto, observa-se que existem perigos potenciais na edificação. Entre os eventos ocorridos na sede, Seu Teté destaca, como mais significativo, a implementação do Ponto de Cultura em 2010, no primeiro andar da sede. Na sede são realizados ensaios (dentro da sala ou na rua em frente à sede), reuniões, festas, confecção de instrumentos e fantasias e adereços, além das oficinas oferecidas pelo maracatu, através da política dos pontos de cultura. A sede não é lugar de relações e obrigações com o sagrado, apenas espaço de atividades do maracatu. Por ser um local de oficinas culturais, a sede tem grande importância para a comunidade, devido ao trabalho realizado com crianças, adolescentes e jovens.		
REGISTROS			
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS			
	Antonio José da Silva Neto Anexo 4 (Recife)		3

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Cambinda Africano				IDENTIFICADO		14
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde meados da década de 1980 até os dias atuais.	LUGAR	Rua São Braz, nº 08, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Cambinda Africano é de propriedade de Manoel de Souza Silva (tesoureiro do grupo), tratando-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas diversas. A sede possui uma fácil visualização na posição que ocupa na rua. Em sua fachada não consta qualquer identificação de que naquele espaço funciona a sede de uma agremiação. A sede do Maracatu Nação Cambinda Africano localiza-se na Rua São Braz, nº 08. A edificação foi construída com recuo de lote frontal e não possui recuos laterais, o que dificulta o isolamento e a ventilação nesse espaço. O imóvel tem paredes conjugadas com outros do mesmo porte. Todo o terreno possui, integrando casa e quintal, aproximadamente 3,5 metros de frente, por 7 metros de profundidade, e a casa possui um terraço frontal de aproximadamente 3,5 metros por 50 centímetros de comprimento, com porta que dá entrada na sala; uma sala com aproximadamente 3,5 metros de largura por 2 metros de comprimento, com uma janela e passagem para a copa (na sala estão depositados tambores, caixas, fantasias e as calungas); um quarto de 2 metros quadrados com paredes conjugadas com a sala e o pequeno quintal e porta para a copa, de aproximadamente 1,5 metro de largura por 2 metros de comprimento, que dá ligação entre a sala e a porta da área de serviço e quintal; e a área de serviço é composta por um pequeno quarto de aproximadamente 1,5 metros quadrados bem defronte da porta da copa. Essa área é toda calçada em cimento e dividida em um quarto já descrito e uma área descoberta, onde Arlindo guarda, debaixo da cobertura do telhado, as fantasias e figurinos do maracatu. Ele também mantém peles de animais expostas ao sol para curtir e depois serem empachadas nos tambores. A cobertura da edificação é de telhas cerâmicas. A fachada da sede possui revestimento e nela pode ser encontrada uma esquadria de ferro. O sistema construtivo da edificação é de sapatas isoladas. Não há detalhes arquitetônicos a serem destacados nesta edificação. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: peças soltas e quebradas;						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	- fundação: estado regular de conservação; - estruturas: manchas de umidade; - esquadrias: pintura em mau estado; - revestimento: não existem revestimentos em algumas paredes externas e internas; - piso: a residência não possui piso cerâmico, existe apenas uma camada de cimento apresentando rachaduras. A partir do exposto, percebe-se que existem perigos potenciais na edificação. No decorrer de sua reativação, o Cambinda Africano esteve dividido em três locais-sede: o terreiro de Ana Márcia Carneiro dos Santos, a Mãe Márcia, irmã de Arlindo, dona de terreiro nagô; a Rua da Vitória, 468 no Alto do Pascoal (antiga sede); e na atual sede na Rua São Braz. A atual sede, de caráter ainda provisório, está localizada em imóvel disponibilizado temporariamente pelo proprietário. A sede do maracatu não funciona como residência. Na sede da nação são realizadas reuniões administrativas, confecção de figurinos, adereços e ensaios.		
REGISTROS			

CONTATOS			
	Arlindo Carneiro dos Santos Anexo 4 (Recife)		4

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Cambinda Estrela		IDENTIFICADO	15
			SIM	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO			
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde meados da década de 1980 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Marcílio Dias, nº 420, Campina do Barreto, Recife/PE.
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Cambinda Estrela é de propriedade da própria agremiação, tratando-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. A edificação foi comprada para funcionar como sede do maracatu. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas semelhantes. A edificação possui uma fácil visibilidade na posição que ocupa na rua. Em sua fachada possui uma identificação na forma de grafite, indicando que nela funciona uma sede de agremiação. A residência encontra-se em rua com uma série de casas conjugadas, localizada na Rua Marcílio Dias, nº 420. A sede possui um recuo de lote frontal e um portão de ferro (oxidado e sem revestimento) que dá acesso à entrada da residência. A divisão de cômodos na residência se dá da seguinte forma: um terraço (com uma esquadria de metal oxidada); uma sala (onde além dos móveis estão algumas fantasias e adereços da agremiação); dois quartos (no primeiro quarto ficam guardadas as alfaías e outros instrumentos; e no segundo quarto estão os figurinos); uma cozinha e um banheiro; nos fundos existe outro quarto onde ficam guardadas as saias de armação (a cobertura deste quarto é de telhas Brasilit). A cobertura da residência é uma parte de telhas cerâmicas e outra parte de telha Brasilit. A fachada da sede não possui revestimento; nesta existem duas esquadrias em madeira (porta e janela também sem revestimento). O sistema construtivo da edificação é de sapatas isoladas e não há detalhes arquitetônicos a serem destacados. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: vegetação na cobertura e algumas peças soltas e quebradas; - fundação: estado regular de conservação; - estruturas: manchas de umidade; - esquadrias: pintura em mau estado e algumas esquadrias não possuem revestimento;			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	- revestimento: não existem revestimentos em algumas paredes externas e internas; - piso: a residência não possui piso cerâmico, existe apenas uma camada de cimento apresentando rachaduras. A partir do exposto, percebe-se que existem perigos potenciais na edificação. A edificação funcionou durante muitos anos como uma escola de educação infantil (Escola Carrossel). No ano de 2008, o Maracatu Nação Cambinda Estrela torna-se proprietário da edificação, fazendo desse espaço a sede do maracatu. Para diversos membros do Maracatu Nação Cambinda Estrela, a própria compra da sede é considerada uma conquista memorável, pois os recursos para a aquisição foram conseguidos com apresentações realizadas durante o carnaval de 2007. A sede é também considerada um espaço de congregação da comunidade, pois nela se reúnem seus membros para a realização de assembleias e reuniões administrativas, além da realização de oficinas de percussão. A edificação não possui usos cotidianos, visto que a mesma não funciona como residência, exceto no período do carnaval quando os costureiros praticamente residem na casa.		
REGISTROS			
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS			
	Wanessa Paula Conceição Quirino dos Santos. Anexo 4 (Recife)		51
	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)		29

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Encanto da Alegria				IDENTIFICADO		16
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde meados da década de 1980 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Coremas, nº 40, Mangabeira, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Encanto da Alegria é de propriedade de Clóvis Cosme dos santos, presidente da agremiação, tratando-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. A residência de Clóvis fica localizada no primeiro andar da edificação e na parte térrea funciona um terreiro. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas diversas, e, em certa medida, a edificação se destaca das demais presentes na rua por possuir dois pavimentos, visto que grande parte das outras edificações possui apenas a parte térrea. A edificação possui uma fácil visibilidade devido à posição que ocupa na rua. No entanto, o local não possui qualquer identificação de que nela funciona uma sede de agremiação. A residência encontra-se em um rua com uma série de casas conjugadas, localizada na Travessa da Mangabeira. A sede foi construída em meados da década de 1980 e possui um recuo de lote frontal. A sede do maracatu, o terreiro e a residência de Clóvis fazem parte da mesma edificação. Na parte térrea fica o terreiro, onde existe um salão e o quarto das calungas. A sede possui uma escada que dá acesso à entrada da residência, ficando fora da edificação; ao seu término, encontra-se uma esquadria de madeira (porta) que dá acesso direto a residência. A divisão de cômodos na residência se dá da seguinte forma: uma sala (onde além dos móveis estão algumas fantasias e adereços das agremiações); dois quartos (com móveis e fantasias encaixotadas e empilhadas); uma varanda com máquinas e outros instrumentos utilizados para a confecção de						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	roupas, além de várias roupas da corte do maracatu, as quais estão penduradas em uma espécie de guarda roupa; a edificação conta ainda com uma cozinha (nesse espaço não existe roupa ou adereço do maracatu). Mesmo se tratando de uma residência, todos os cômodos são ocupados com objetos referentes ao Maracatu Encanto da Alegria. A cobertura da residência é uma parte de telhas cerâmicas e outra parte de telha Brasilit. A fachada da sede possui bom acabamento e pintura; nela existem duas esquadrias em madeira (porta e janela). Na parte térrea fica o Centro Espírita Cigana Saray, onde são realizadas algumas obrigações do maracatu; o terreiro possui a seguinte organização: uma sala, quatro quartos, dois banheiros, e uma cozinha. Em entrevistas, Clóvis relata que o espaço da sua casa ficou pequeno para agregar a parte material do maracatu. Portanto, no ano de 2011, ele alugou outra residência que fica uma casa após a sua, para guardar os instrumentos e as saias de armação, visto que estas, segundo ele, ocupam muito espaço. A casa que funciona como anexo da sede possui quatro cômodos e tem a função de depósito para guardar o estandarte, instrumentos e saias de armação. O sistema construtivo da edificação é de sapatas isoladas e não há detalhes arquitetônicos a serem destacados. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: bom estado e sem problemas aparentes; - fundação: bom estado e sem problemas aparentes; - estruturas: bom estado e sem problemas aparentes; - esquadrias: pintura em mau estado e ferragens oxidadas; - revestimento: bom estado de conservação; - piso: a residência possui piso cerâmico com algumas peças soltas, no caso do terreiro; a residência passou por uma recente reforma em seus cômodos, onde foi colocado o piso cerâmico. A partir do exposto, percebe-se que não existem perigos potenciais na edificação, precisando apenas de alguns reparos. Na sede da nação são feitas reuniões administrativas, desenhos dos figurinos, confecção de figurinos (as peças maiores, como os vestidos, são feitas por costureiras que residem no bairro e que também fazem parte do maracatu) e adereços. Já no terreiro são realizadas algumas obrigações relacionadas ao maracatu, além de outras atividades que não estão relacionadas ao grupo propriamente. Os ensaios do maracatu são realizados na frente da sede. O terreiro possui uma programação de toques; o realizado em 04 de dezembro é o mais importante para o maracatu, visto que o toque é para Iansã, protetora do Encanto da Alegria. De maneira semelhante às outras agremiações, a sede e o terreiro associados ao maracatu servem como ponto de encontro e de socialização não só entre os maracatuzeiros, como também entre as pessoas que residem no entorno. Desse modo, esses espaços acabam por favorecer a formação de redes de sociabilidades e relações de vizinhança entre os maracatuzeiros e a comunidade.				
REGISTROS					
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)				Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS					
	Clóvis Cosme dos Santos Anexo 4 (Recife)				23

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Encanto do Dendê				IDENTIFICADO		17
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde meados da década de 1980 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Antônio Antão de Carvalho Reis, Nova Descoberta, Recife/PE.
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Encanto do Dendê é de propriedade de Edmilson Lima do Nascimento, presidente da agremiação. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. A edificação funciona como sede e residência de Edmilson, que a divide com sua esposa Elizabete Salvina Xavier. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas semelhantes. A sede possui uma difícil visualização na posição que ocupa na rua. Em sua fachada não consta qualquer identificação de que naquele espaço funciona a sede de uma agremiação. A residência-sede encontra-se na Rua Antônio Antão de Carvalho Reis, número 11, Nova Descoberta, onde existe uma série de casas conjugadas. A residência possui um recuo de lote frontal e não possui recuos laterais, o que dificulta o isolamento e a ventilação neste espaço. A casa possui um corredor de entrada ocupado com móveis e o estandarte da agremiação, sala de jantar, cozinha, área de serviço, banheiro e dois quartos (um desses ocupado do piso até quase a altura da cobertura com fantasias e instrumentos do maracatu, que se encontram encaixotados e empilhados). A cobertura da edificação é de telhas cerâmicas e telhas Brasilit. A fachada da sede não possui revestimento e nela pode ser encontrada uma esquadria de ferro oxidado. O sistema construtivo da edificação é de sapatas isoladas e não há detalhes arquitetônicos a serem destacados. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: vegetação na cobertura e algumas peças soltas e quebradas; - fundação: estado regular de conservação; - estruturas: manchas de umidade; - esquadrias: existem poucas esquadrias na edificação. Alguns cômodos possuem apenas algumas cortinas para a separação dos mesmos. As esquadrias existentes na edificação possuem uma pintura em mau estado; - revestimento: não existem revestimentos em algumas paredes externas e internas; - piso: a residência não possui piso cerâmico, existe apenas uma camada de cimento apresentando rachaduras. A partir do exposto, percebe-se que existem perigos potenciais na edificação. A edificação passou a funcionar como sede do maracatu durante o ano de 2005. No espaço ocorre a confecção de figurinos, adereços, instrumentos e também serve para a realização de reuniões administrativas.			
REGISTROS				
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)			Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS				
	Edmilson Lima do Nascimento Anexo 4 (Recife)			25

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Encanto do Pina				IDENTIFICADO		18
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 2005 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Osvaldo Machado, nº 504, Pina, Recife/PE.			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Encanto do Pina é de propriedade de Maria Cândida da Silva (Dona Quixaba), ialorixá responsável pelas obrigações religiosas referentes ao maracatu. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída por volta do ano de 2005. A edificação funciona como sede e residência da ialorixá, que a divide com familiares. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas semelhantes. A sede possui uma difícil visualização na posição que ocupa na rua e no lote, visto que o transeunte que deseja ter acesso a essa edificação precisa cruzar várias travessas, becos e ruas, cujo acesso é quase labiríntico. Em sua fachada não consta qualquer identificação de que naquele espaço funciona a sede de uma agremiação. A residência-sede possui dois pavimentos e se encontra em uma rua com uma série de casas conjugadas, construídas com alvenaria, ferro, barro e madeira e se localiza na Rua Osvaldo Machado nº 504, na comunidade popularmente conhecida por “Bode”, bairro do Pina. A casa foi construída sem recuo de lote frontal e recuos laterais, o que dificulta o isolamento e a ventilação neste espaço. A edificação possui ainda uma sala com alguns móveis, nela estão anexos dois quartos, um com os assentamentos dos orixás e outro com a mesa das entidades da jurema. Nesse primeiro pavimento, localizam-se também a cozinha, o quarto de dormir de Dona Quixaba e o banheiro. No andar superior há um pequeno quarto utilizado por um dos filhos da ialorixá. A residência possui um corredor coberto com telhas Brasilit, que dá acesso a outra parte da edificação. Nesta parte da edificação, localizada aos fundos, não há esquadria ou outro sistema de ventilação, e existem dois cômodos: no primeiro o piso é de barro e não possui qualquer tipo de revestimento nas estruturas (nesse espaço ocorrem os ensaios do maracatu); o segundo cômodo trata-se de uma palafita de madeira, beirando a maré, onde estão empilhadas, em um espaço de 3x3 metros quadrados, as fantasias e adereços do maracatu. Devido à proximidade com a maré, existem vários insetos no lugar. A cobertura da edificação é de telhas cerâmicas e telhas Brasilit. A fachada da sede não possui revestimento e nela pode ser encontrada uma esquadria de ferro oxidado. O sistema construtivo da edificação é de sapatas isoladas e não há detalhes arquitetônicos a serem destacados nesta edificação. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: vegetação na cobertura e algumas peças soltas e quebradas; presença de galerias de cupim de terra; inclinação incorreta do telhado e calha furada; - fundação: apresenta fissuras; - estruturas: manchas de umidade; manchas escuras nas paredes externas, principalmente na voltada para a rua; descontinuidade na superfície da parede; áreas com reboco descolando em placas; fissuras na base das paredes exteriores; pequenos buracos e descontinuidade na base das paredes; - esquadrias: pintura em mau estado; presença de pó branco abaixo das esquadrias e também pequenas perfurações circulares na madeira; apodrecimento das peças devido à umidade; - revestimento: não existem revestimentos em algumas paredes externas e internas; - piso: a sede possui piso cerâmico apenas na parte que corresponde à residência de Dona Quixaba; as partes onde ocorrem as atividades do maracatu são de pisos em tábuas de madeira com pregos enferrujados à mostra e piso de barro. Dentre as sedes inventariadas neste INRC, a Sede do Encanto do Pina é uma das que mais apresentam patologias na sua edificação, portanto, existem perigos potenciais nesta edificação. A parte da edificação que funciona como sede do maracatu nação não possui usos cotidianos, visto que a ela não funciona como residência, mesmo fazendo parte da mesma edificação. Apesar da precariedade da edificação, Dona Quixaba e as demais lideranças do maracatu costumam realizar celebrações abertas para a comunidade, o que torna o espaço uma referência para encontros e sociabilidade.						
REGISTROS							
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)					Cf. anexo 2: 789 até 791	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONTATOS			
	Joana D'arc da Silva Cavalcanti Anexo 4 (Recife)		32

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife			IDENTIFICADO		19
				SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde meados da década de 1970 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Tuína, nº 15, Mangabeira, Recife/PE.		
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife é de propriedade de Jair Bernardino dos Santos, esposo da Rainha Marivalda Maria dos Santos, tratando-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1970. A edificação, além de sede, é residência do casal e de seus familiares. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas semelhantes. A edificação possui uma fácil visibilidade na posição que ocupa na rua, e está sinalizada com um grafite no terraço com o símbolo da nação, além de uma bandeira hasteada num mastro. A edificação é de difícil acesso, devido à escadaria que dá acesso à casa e ao posicionamento em uma região de morros. A residência encontra-se em uma rua cujo acesso se dá através de uma longa escadaria, onde existe uma série de casas conjugadas, localizada na Rua Tuína, nº 15. Na parte da frente fica localizada a residência de Dona Marivalda e, do lado direito dessa residência, há uma passagem de aproximadamente meio metro que leva à sede do maracatu. Nesse trecho de acesso à parte da edificação que funciona como sede não há proteção de muros de arrimo ou qualquer outra forma de proteção aos moradores, aos membros do maracatu e à comunidade que visitam o local. A residência possui um recuo de lote frontal e sua divisão de cômodos se dá da seguinte forma: um recuo coberto por telhas Brasilit (serve como local de ensaio para os batuqueiros); um terraço cercado por grades de ferro (onde fica o estandarte do maracatu); uma sala (onde ficam alguns troféus dos concursos que o maracatu participou); dois quartos, cozinha e banheiro. A cobertura da residência é de telhas cerâmicas, a parte do recuo onde são realizados os ensaios é coberta de telha Brasilit e outra parte da edificação, que funciona especificamente como sede, a cobertura é de laje cerâmica. A fachada da sede não possui bom acabamento e possui perda de parte da pintura, juntamente com partes do reboco. Na edificação existem duas esquadrias em madeira (porta e janela), com apodrecimento das peças devido à umidade e pintura em mau estado. A parte da residência que funciona apenas como sede do maracatu possui dois pavimentos. No térreo existe um vão com cinco máquinas de costura e uma mesa de corte de roupas, fantasias e adereços e as calungas do maracatu. Na parte térrea existe uma escada de ferro que dá acesso ao primeiro andar. Nesse espaço, existe um vão do mesmo tamanho da parte térrea onde são guardados as saias de armação e os instrumentos. O sistema construtivo da edificação é de sapatas isoladas e não há detalhes arquitetônicos a serem destacados. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: inclinação incorreta do telhado e peças quebradas; - fundação: bom estado e sem problemas aparentes; - estruturas: manchas de umidade e não existe muro de arrimo do lado direito da edificação; - esquadrias: pintura em mau estado e ferragens oxidadas; - revestimento: não existem revestimentos nas paredes externas e internas; - piso: algumas peças cerâmicas encontram-se quebradas, ausentes ou soltas. A partir do exposto, é possível perceber que existem perigos potenciais na edificação. Na sede da nação são feitas reuniões administrativas, desenhos dos figurinos, confecção de figurinos e adereços. Os ensaios do maracatu são realizados no recuo coberto da edificação.					
REGISTROS						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS			
	Marivalda Maria dos Santos Anexo 4 (Recife)		41

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Estrela Dalva				IDENTIFICADO		20
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde a década de 1970 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Pinheiro, nº 02, Joana Bezerra, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Estrela Dalva é de propriedade de Maciel Agripino dos Santos, presidente da agremiação. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1970. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas semelhantes. A edificação não possui uma fácil visibilidade na posição que ocupa na rua, pois não possui qualquer identificação de que no local funciona uma sede de agremiação. A edificação é de difícil acesso, pois a rua onde se localiza é estreita e tem edificações que impedem a visão. A residência encontra-se em uma rua cujo acesso se dá através de uma rua estreita, onde existe uma série de casas conjugadas, localizada na Rua Pinheiro, 02, Joana Bezerra. Na parte da frente fica localizada a residência de Maciel (presidente do maracatu) e nos fundos da residência há uma passagem para o espaço onde funciona a sede e o terreiro onde Maciel atua como babalorixá. A residência e o terreiro (sede) fazem parte da mesma edificação, não havendo nenhuma divisória que separe esses espaços. A residência não possui recuo de lote frontal. A divisão de cômodos na residência se dá da seguinte forma: uma sala (onde ficam alguns troféus dos concursos que o maracatu participou), dois quartos, uma cozinha (sem nenhum tipo de revestimento com proliferação de insetos) e um banheiro. A edificação possui apenas quatro esquadrias (duas portas e duas janelas, o que impede a ventilação nos cômodos). A cobertura da residência é de telhas cerâmicas, e a parte onde funciona o terreiro e a sede a cobertura é de telha Brasilit. A fachada da sede não possui bom acabamento e possui perda de parte da pintura, juntamente com partes do reboco. Nela existem duas esquadrias em madeira (porta e janela), com apodrecimento das peças devido à umidade e à ausência de revestimento. A parte da residência que funciona apenas como terreiro e sede possui uma salão e dois cômodos com piso cerâmico. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: inclinação incorreta do telhado; peças quebradas e vegetação na cobertura; excremento de pássaros na parte alta das paredes e beirais; e presença de pequenas bolas de cor marrom ou claras abaixo das peças da estrutura; - fundação: bom estado e sem problemas aparentes; - estruturas: manchas de umidade, fungos e mofos; áreas com reboco descolando em placas; descontinuidade da superfície e descascamento da pintura; - esquadrias: pintura em mau estado; apodrecimento das peças devido à umidade; presença de mofos e fungos e ferragens oxidadas; - revestimento: não existem revestimentos nas paredes externas e algumas internas; - piso: algumas peças da edificação, onde funcionam a sede e o terreiro, possuem cerâmicas que se encontram quebradas, ausentes ou soltas; nas outras partes da residência o piso não é revestido. A partir do exposto, percebe-se que existem perigos potenciais na edificação. A residência de Maciel Agripino, quando construída, em meados da década de 1970, era uma						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	edificação de madeira. Nessa década, a área construída era bem menor que a área atual. Durante a década de 1980, essa primeira edificação de madeira foi derrubada e foi construída no seu lugar uma edificação de alvenaria, com uma área maior. Nessa edificação foi colocado o piso cerâmico na parte que corresponde ao terreiro. Maciel pretende realizar outra reforma e construir um pavimento em cima do terreiro para funcionar como sede do maracatu: <i>“O projeto da gente é fazer a sede aqui em cima, com uma escada do lado da porta para não ficar parando aqui em baixo. Quando chega o carnaval a gente tem que ficar parando os trabalhos aqui em baixo, porque esse espaço não é só do maracatu, é da comunidade também”.</i> A residência é utilizada cotidianamente como residência de Maciel Agripino dos Santos e Severina dos Santos (Rainha do Maracatu Nação Estrela Dalva). Na sede da nação são feitas reuniões administrativas, desenhos dos figurinos, confecção de figurinos e adereços. Os ensaios do maracatu são realizados na frente da estação de metrô de Joana Bezerra e no terreiro. Sobre esses usos de um mesmo espaço para duas funções, Maciel destaca: <i>“A sede do maracatu é aqui no candomblé. A gente não tem como fazer um espaço para colocar a sede. Mas aqui fica a sede e o candomblé. A gente faz as duas coisas. Quando chegar o começo de dezembro, a gente não vai nem mais dar toque não. A gente vai fechar para o carnaval. Não vai ter mais nada. Só abre em março agora, depois do carnaval”.</i>				
REGISTROS					
CONTATOS					
	Maciel Agripino dos Santos Anexo 4 (Recife)				38

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Gato Preto				IDENTIFICADO		21
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde a década de 1980 até os dias atuais.	LUGAR	Almir Nara, nº 27, Alto dos Coqueiros, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Gato Preto é de propriedade de Walter Martins de Almeida, primo de Amaro da Silva Vila Nova (presidente da agremiação). Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. Ninguém reside na edificação, ela é apenas a sede do grupo. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas semelhantes. A edificação possui uma fácil visibilidade devido à posição que ocupa na rua. No entanto, a mesma não possui qualquer identificação de que nela funciona uma sede de agremiação. A residência encontra-se em rua com uma série de casas conjugadas, localizada na Almir Nara, número 27. A edificação é uma pequena casa de alvenaria com revestimento apenas em poucas paredes internas e externas, não possui recuo de lote frontal, nem lateral. A sede possui uma esquadria de madeira (porta) que dá acesso direto à residência. A divisão de cômodos no referido espaço se dá da seguinte forma: uma sala (possuindo um cômodo maior, onde se localizam as calungas, fantasias, adereços, máquinas de costura, instrumentos); uma pequena cozinha; dois quartos; e um banheiro. Como a área da sede é muito restrita, parte dos materiais do maracatu fica na casa do presidente da agremiação, Amaro da Silva Vila Nova, conhecido como Chocho. A cobertura da edificação é do tipo Brasilit, não existe revestimento no piso e há uma série de infiltrações e rachaduras na estrutura da sede. Os instrumentos, calungas e outros materiais do maracatu ficam empilhados de forma improvisada em tábuas de madeira colocadas nas paredes. O sistema construtivo da edificação é de sapatas isoladas e não há detalhes arquitetônicos a serem destacados. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: vegetação na cobertura e fiação elétrica danificada; - fundação: infiltrações e rachaduras; - estruturas: manchas de umidade, descontinuidade da superfície; - esquadrias: sem nenhum tipo de revestimento;						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	- revestimento: não existem revestimentos nas paredes externas e internas; - piso: a residência possui não possui revestimento cerâmico. A partir do exposto, percebe-se que existem perigos potenciais na edificação. A residência foi construída durante a década de 1980 e foi emprestada a Amaro da Silva Vila Nova, durante a década de 1990, para funcionar como sede do Maracatu Nação Gato Preto. A sede do maracatu é local não só para guardar fantasias, adereços e instrumentos como também para a confeccioná-los. Lá também ocorrem as reuniões administrativas do maracatu e eventos de socialização, estes sem datas fixas para ocorrer. Ainda assim, é preciso lembrar de que no contexto dos maracatus nação, toda ocasião de ensaio também é uma ocasião para a socialização. No caso da Nação Gato Preto, os ensaios ocorrem na rua principal do local, chamada Lage Grande, de setembro até o período do carnaval.		
REGISTROS			
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Sede) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos nas Sedes com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Gato Preto, Leão da Campina e Oxum Mirim)		775 e 776
CONTATOS			
	Amaro da Silva Vila Nova Anexo 4 (Recife)		2

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Leão da Campina		IDENTIFICADO	22
			SIM	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO			
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde meados da década de 1980 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Mário Griz Rodrigues, nº 26, Lagoa Encantada, Ibura, Recife/PE.
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Leão da Campina é de propriedade de João Alexandre de Sales Filho. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. A edificação é uma residência alugada pela presidente e babalorixá do Maracatu Nação Leão da Campina, Nadja Cristina, para funcionar como moradia da mesma e como sede do Maracatu Leão da Campina. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas semelhantes. A edificação possui uma fácil visibilidade na posição que ocupa na rua. No entanto, a mesma não possui qualquer identificação de que nela funciona uma sede de agremiação. A residência encontra-se na Rua Mário Griz Rodrigues, 26, Ibura; trata-se de uma rua sem saída. A edificação possui um recuo de lote frontal e a divisão de cômodos nesse espaço se dá da seguinte forma: um terraço (onde fica o estandarte do maracatu), uma sala (onde ficam alguns troféus dos concursos que o maracatu participou), três quartos (dois deles são ocupados por moradores da residência e o terceiro serve como depósito de roupas e adereços do maracatu), uma cozinha e um banheiro. Do lado direito da casa existe uma garagem onde ficam guardados, de forma precária, os instrumentos. A fachada da sede não possui bom acabamento e possui perda de parte da pintura. Nela existem duas esquadrias em madeira (porta e janela). O sistema construtivo da edificação é de sapatas associadas; não há detalhes arquitetônicos a serem destacados. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação:			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	- cobertura: bom estado e sem problemas aparentes; - fundação: bom estado e sem problemas aparentes; - estruturas: bom estado; - esquadrias: bom estado de conservação; - revestimento: bom estado de conservação; - piso: algumas peças cerâmicas encontram-se quebradas, ausentes e soltas. A partir do exposto, percebe-se que não existem perigos potenciais na edificação, que precisa apenas de alguns reparos. Nadja assumiu o Maracatu Leão da Campina no ano 2004. A partir desse ano, os ensaios e reuniões do maracatu ocorrem no barracão onde ela atua como babalorixá. No entanto, segundo Nadja, a entidade Yansã não permite que os ensaios continuem a ocorrer nesse lugar. A partir daí, ela procura uma casa que possa funcionar como sede e residência. A residência alugada por Nadja foi construída em meados da década de 1980; a escolha desse lugar se deu, segundo ela, por questões religiosas: <i>“Essa casa me deu sorte, sempre consulto os búzios, consegui muita coisa para o maracatu desde que estou aqui. Yansã me pediu que saísse do barracão e me deu um lugar. Quando procurava uma casa entrava e via se a energia dela era boa, quando entrei aqui senti que era o lugar certo para o maracatu”</i>. Atualmente a residência encontra-se em reforma e Nadja pretende comprá-la para funcionar especificamente como sede do maracatu. A narrativa mais representativa da sede, segundo Nadja, foi a primeira visita da sua mãe de santo a esse espaço: <i>“Minha mãe me disse, quando ela veio a primeira vez: eu não gosto de rua sem saída, mas essa casa vai trazer coisas boas para você”</i>. A residência é utilizada cotidianamente como local de morada de Nadja Cristina e de sua filha Nathalia Castro Araújo Ferreira, que atua no Maracatu Leão da Campina como princesa.		
REGISTROS			
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Sede) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos nas Sedes com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Gato Preto, Leão da Campina e Oxum Mirim)		Cf. anexo 2: 775 e 776
CONTATOS			
	Nadja Cristina de Castro Anexo 4 (Recife)		44

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Oxum Mirim				IDENTIFICADO		23
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1975 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Fazenda Nova, nº 86, Afogados, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Oxum Mirim é de propriedade de Mauricéia Ignácio da Paixão e Melo, presidente da agremiação. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em 1975. A edificação funciona como sede e residência de Dona Mauricéia, que a divide com familiares. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas diversas; a sede possui uma difícil visualização na posição que ocupa na rua e em sua fachada consta uma imagem de grafite com a identificação do maracatu. A residência-sede encontra-se em rua com uma série de casas conjugadas, localizada na Rua Fazenda Nova, 86, Afogados. A mesma foi construída com recuo de lote frontal e não possui recuos laterais, o que dificulta o isolamento e a ventilação nesse espaço. A divisão dos cômodos da sede da agremiação se dá da seguinte forma: uma pequena sala (ocupada com móveis e o estandarte da agremiação), cozinha, banheiro e dois quartos (um desses ocupado do piso até quase a altura da cobertura com fantasias e instrumentos do maracatu, que se encontram encaixotados e empilhados). A cobertura da edificação é de telhas cerâmicas. A fachada da sede não possui revestimento e nela se encontra uma esquadria de						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	madeira. O sistema construtivo da edificação é de sapatas isoladas; não há detalhes arquitetônicos a serem destacados. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: vegetação na cobertura e algumas peças soltas e quebradas; presença de galerias de cupim de terra; presença de pequenas bolas de cor marrom abaixo das peças da estrutura; inclinação incorreta do telhado; arqueamento de peças; - fundação: estado regular de conservação; - estruturas: manchas de umidade; descontinuidade da superfície; descascamento da pintura, manchas amareladas; - esquadrias: pintura em mau estado; apodrecimento das peças devido à umidade, mofo e fungos; esquadrias empenadas; ferragens oxidadas ou danificadas; - revestimento: não existem revestimentos em algumas paredes externas e internas; - piso: a residência não possui piso cerâmico, existe apenas uma camada de cimento apresentando rachaduras. A partir do exposto, percebe-se que existem perigos potenciais na edificação. A edificação que hoje abriga a sede do Maracatu Nação Oxum Mirim foi construída no ano de 1975, mas passou a funcionar como sede do maracatu durante o ano de 2002. Na sede da nação são realizadas reuniões administrativas, confecção de figurinos, e os ensaios são realizados em um pátio (largo) que se forma na rua transversal à da sede.				
REGISTROS					
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)				Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS					
	Mauricéia Inácio da Paixão de Melo Anexo 4 (Recife)				42

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Porto Rico			IDENTIFICADO		24
				SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde a década de 1980 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Eurico Vitrúvio, nº 483, Pina, Recife/PE.		
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Porto Rico é de propriedade de D. Elda Viana, rainha do Maracatu Nação Porto Rico. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída na década de 1980. A edificação funciona como sede, terreiro e residência dos familiares de Dona Elda Viana. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas semelhantes. A sede possui fácil visualização na posição que ocupa na rua e em sua fachada consta uma identificação de que naquele espaço funciona a sede de uma agremiação. A residência-sede possui dois pavimentos e fica localizada na rua Eurico Vitrúvio. A edificação não possui recuo de lote frontal, no entanto, possui recuos laterais, o que facilita o isolamento e a ventilação nesse espaço. A parte térrea da edificação, que dá de frente para a rua principal, é composta pela residência dos parentes de Dona Elda Viana. Essa parte da edificação é privativa, com sala, banheiro, cozinha, quartos, salão do terreiro, assentamentos dos orixás, cozinha do terreiro, quarto para os exus, quarto de balé e dispensa (onde são guardadas algumas fantasias e adereços). No salão do terreiro são também encontradas as alfaias e elús do maracatu, que ficam dispostos em um canto do salão. O andar de cima é composto de uma residência independente para hóspedes, de um espaço amplo com algumas divisões improvisadas, onde são guardados adereços, fantasias e alguns					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	instrumentos e máquinas de costura. Esse espaço superior tem como anexo uma espécie de mezanino, onde fica a oficina de confecção de instrumentos, composta por ferramentas, pedaços de instrumentos e demais materiais utilizados para o trabalho. Com a criação do Ponto de Cultura, um dos cômodos da edificação passou a abrigar a sala para a oficina de informática. Uma escada liga o mezanino à laje da casa de D. Edileuza, filha de D. Elda e mãe pequena do terreiro. A referida laje também é utilizada para guardar e confeccionar, não só fantasias e adereços do maracatu, como também do Urso Zé da Pinga, agremiação presidida por D. Edileuza. Nos dois pavimentos inferiores encontram-se as residências de D. Edileuza (2º pavimento) e de Silvania (1º pavimento), também filha de D. Elda. A fachada da edificação é revestida e possui portão de ferro. O sistema construtivo da edificação é de sapatas associadas e não há detalhes arquitetônicos a serem destacados. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: bom estado de conservação; - fundação: bom estado de conservação; - estruturas: manchas de umidade em algumas paredes; - esquadrias: algumas não possuem revestimento; - revestimento: bom estado de conservação; - piso: a residência possui piso em cerâmica e em cimento. A partir do exposto, percebe-se que não existem perigos potenciais na edificação, precisando apenas de reparos. Na sede do maracatu ocorrem ensaios do batuque, oficinas de dança, percussão e informática, além de reuniões da diretoria do maracatu e celebrações religiosas. Os ensaios que aglomeram grande quantidade de batuqueiros ocorrem na rua em frente à sede. Por se tratar de uma agremiação antiga e muito ativa na comunidade, a sede do Maracatu Porto rico é ponto de encontro e espaço de socialização da comunidade.		
REGISTROS			
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS			
	Jailsom Viana Chacom Anexo 4 (Recife)		31

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão				IDENTIFICADO		25
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Indefinida.	LUGAR	Indefinido.			
	A sede do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão constitui um caso à parte. Por meio do trabalho de campo realizado para este inventário, ficou claro que são poucos os maracatus que possuem edificações onde funciona exclusivamente a sede da agremiação. Na maioria dos casos, os maracatus nação possuem como sede a residência de suas lideranças. O caso do Raízes de Pai Adão é próximo a isso, porém com algumas particularidades. Por falta de um espaço exclusivo para a sede, as atividades e artefatos do maracatu dividem-se em mais de um espaço. No terreiro de Paulo Braz, por exemplo, localizado na Rua Abdom Lima, por trás do terreno que abriga o Sítio de Pai Adão, ocorrem as obrigações religiosas e algumas reuniões administrativas; na mesma rua ocorrem alguns ensaios. Já no espaço denominado Instituto Vida (ONG que cede seu espaço para						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	atividades do maracatu aos sábados), situado na Estrada Velha de Água Fria, próximo ao sítio de Pai Adão, ocorrem alguns ensaios do maracatu e guardam-se alguns instrumentos. Ainda na Estrada Velha de Água Fria, logo em frente ao Sítio, situa-se a residência de uma das lideranças do maracatu, onde também ocorrem reuniões administrativas. Por fim, grande parte das fantasias, adereços e instrumentos estão guardados na casa do pai Itaiguara Felipe da Costa, situada no bairro Campina do Barreto. Por fim, Itaiguara, principal representante do grupo, reside em uma casa em Jardim Brasil, Olinda, que não possui ligação com qualquer tipo de atividade do maracatu. Por esta razão, o próprio Itaiguara afirma que o Maracatu Nação Raízes de Pai Adão não possui sede. A falta de um espaço que funcione exclusivamente para atender às demandas do grupo é também uma das principais queixas do presidente. Ele diz que fragmentar as atividades e materiais em diversos locais dificulta muito a organização do maracatu. Por essas razões, decidimos não escolher aleatoriamente um local para constar como sede do grupo, mas sim apontar a real situação pela qual o grupo passa.		
REGISTROS			
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS			
	Itaiguara Felipe da Costa Anexo 4 (Recife)		28

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Rosa Vermelha				IDENTIFICADO		26
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 2001 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Beira Rio, nº 35, Coelhos, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Rosa Vermelha é de propriedade de D. Rosa Maria Ferreira de Souza, presidente da agremiação. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em 2001. A edificação é um galpão e em seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas diversas, algumas de taipa outras de madeira. A sede possui uma fácil visibilidade na posição que ocupa na rua e uma pequena identificação, na sua fachada, de que nela funciona uma sede de agremiação. A sede fica localizada na Rua Beira Rio, nº 35, Coelhos, e lá ocorrem os ensaios e reuniões administrativas. A construção está inacabada e com apenas um vão. A cobertura da sede é de telhas cerâmicas e o revestimento do piso é de cimento. A mesma foi construída sem recuo de lote frontal, sendo o acesso dado por uma esquadria (porta) metálica, oxidada devido à exposição a oscilações climáticas. A estrutura interna e externa não possui revestimento. A fachada da sede não possui pintura e, em algumas de suas partes, é possível visualizar as estruturas de ferro. A edificação é um local onde se guardam instrumentos e adereços como pálio e estandarte. Nela são realizadas, além de algumas reuniões administrativas, confecção de tambores; ninguém reside no local. Em frente à sede são realizados os ensaios do maracatu, de abril até o carnaval, inicialmente aos sábados à noite e, próximo ao período carnavalesco, aos sábados e também às quartas à noite. As festividades do maracatu geralmente ocorrem na própria rua da sede. Existe apenas uma esquadria na fachada da sede, havendo, desta forma, pouca ventilação no vão. O sistema construtivo da edificação é de sapatas associadas e não há detalhes arquitetônicos a serem destacados. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: em bom estado de conservação; - fundação: estado regular de conservação com algumas fissuras;						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	- estruturas: manchas de umidade e sem nenhum tipo de revestimento; - esquadrias: pintura em mau estado e ferragens oxidadas; - revestimento: não existem revestimentos nas paredes externas e internas; - piso: a residência não possui piso cerâmico, existe apenas uma camada de cimento apresentando rachaduras. A partir do exposto, percebe-se que existem perigos potenciais na edificação. A edificação em forma de galpão foi construída 2001, para servir como sede e depósito da Nação do Maracatu Rosa Vermelha. No entanto, devido à área do galpão ser muito restrita e ser ocupada quase em sua totalidade por uma série de instrumentos, os ensaios acabam acontecendo na rua e as reuniões administrativas na residência de D. Rosa, que atualmente se encontra em reforma. Trata-se de uma edificação de alvenaria, com dois andares, composta de sala, cozinha e banheiro no primeiro pavimento e de dois quartos no piso superior. Uma reforma está sendo realizada para ampliar o número de cômodos da casa para, assim, reservar um deles unicamente para guardar os figurinos do maracatu. Na casa, além de se guardarem os figurinos, ocorrem também reuniões administrativas do grupo, além dos oferecimentos aos santos, entidades e calungas, antes do período carnavalesco. Lá residem D. Rosa e seus filhos gêmeos, Samuel Bezerra de Melo e Sadi Bezerra de Melo. Entre os eventos ocorridos na sede, Rosa Maria Ferreira de Souza destaca, como o mais significativo, a festa de aniversário do maracatu, realizada em 2012, devido à grande quantidade de pessoas que visitaram a sede. Os grandes usos cerimoniais que ocorrem na frente da sede são a festa de aniversário do maracatu e os ensaios para o carnaval. Nesses dois momentos a comunidade dos Coelhos participa ativamente dos festejos.		
REGISTROS			
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS			
	Samuel Augusto Bezerra de Melo Anexo 4 (Recife)		47

DENOMINAÇÃO	Sede do Maracatu Nação Tupinambá				IDENTIFICADO		27
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde a década de 1980 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Araripe Júnior, Córrego do Jenipapo, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A sede do Maracatu Nação Tupinambá é de propriedade de Luís Silva de Melo, presidente da agremiação. Trata-se de uma edificação íntegra de categoria civil, construída em meados da década de 1980. A residência fica localizada no lado direito de um terreno, onde existem outras três edificações de familiares de Luís. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas diversas; a sede possui uma fácil visibilidade na posição que ocupa na rua, no entanto, não possui qualquer identificação de que nela funciona uma sede de agremiação. A sede fica localizada na Rua Araripe Júnior, nº 39, e lá ocorrem os ensaios e reuniões administrativas. A construção está inacabada e possui dois pavimentos. A sede foi construída com um recuo de lote frontal, tem o lado direito conjugado com a edificação vizinha e o lado esquerdo possui um recuo de						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	meio metro. A sede possui uma escada com sete lances que dá acesso à entrada da parte térrea. Nessa entrada existe um portão com ferragens oxidadas e danificadas devido à exposição direta a oscilações climáticas. Ao passar do portão, tem-se acesso a uma construção inacabada onde existem poucas divisórias. Na parte térrea encontra-se uma sala, dois quartos, cozinha e lavanderia. Não existem portas que dividam esses cômodos que são praticamente ocupados com objetos referentes ao Maracatu Nação Tupinambá. A cobertura da sede é uma laje inacabada, aberta, sem proteção em suas laterais, onde os batuqueiros ensaiam e fazem as festividades do maracatu. A fachada da sede não possui pintura e, em algumas de suas partes, é possível visualizar as estruturas de ferro. Existe apenas uma esquadria (janela) na fachada da sede, havendo, com isso, pouca ventilação na parte térrea. O sistema construtivo da edificação é de sapatas associadas e não há detalhes arquitetônicos a serem destacados. Quanto ao estado de conservação, observa-se a seguinte situação: - cobertura: vegetação na cobertura, fiação elétrica danificada, vigas de concreto armado expostas e laje aberta com presença de lodo, o que torna o lugar de ensaios escorregadio; - fundação: estado regular de conservação; - estruturas: manchas de umidade, descontinuidade da superfície e rachaduras; - esquadrias: pintura em mau estado e ferragens oxidadas; - revestimento: não existem revestimentos nas paredes externas e internas; - piso: a residência não possui piso cerâmico, existe apenas uma camada de cimento apresentando rachaduras. A partir do exposto, percebe-se que existem perigos potenciais na edificação. O Maracatu Nação Tupinambá foi fundado em 1998 e, nesse período, não possuía sede própria, realizando seus ensaios e reuniões em associações de moradores ou na frente da casa de Maria Carolina da Silva Neta Melo, conhecida como Carol (articuladora e responsável por cantar as toadas do Maracatu Nação Tupinambá). Nesse período, a residência de Carol funcionava como sede, visto que todas as reuniões administrativas, ensaios, confecção de instrumentos aconteciam nesse espaço. A edificação que abriga atualmente a sede do Maracatu Nação Tupinambá foi construída durante a década de 1980 por Antônio José de Melo, pai de Luís Silva de Melo, atual presidente da agremiação, para funcionar como residência de Luís e a sua esposa Carol. Segundo a maracatuzeira, <i>“Essa sede seria a minha casa, então eu cedi para ser a sede do maracatu. Começamos a construir, mas não terminamos”</i>. Entre os eventos ocorridos na sede, Carol destaca, como o mais significativo, a visita de 35 holandeses, que queriam saber quem era o Maracatu Tupinambá, por um comentário de uma pessoa. O grupo não esperava receber essas pessoas que chegaram e passaram o sábado na sede, participando de oficinas. Carol salienta: <i>“Foi um dia de muito valor, tanto do meu trabalho como do trabalho dos meninos”</i>. Na sede do maracatu são realizadas reuniões administrativas, desenhos dos figurinos, confecção de figurinos e adereços. Os ensaios do maracatu são realizados na laje aberta da edificação.						
REGISTROS							
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)						Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS							
	Maria Carolina da Silva Neta Melo Anexo 4 (Recife)						40

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FORMAS DE EXPRESSÃO (22)

DENOMINAÇÃO	Grupos Percussivos				IDENTIFICADO		28
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde o fim dos anos 1980 até os dias atuais.	LUGAR	Bairros diversos, predominantemente os centrais ou habitados por pessoas de classe média.			
DESCRIÇÃO	Definir o que é um maracatu nação configura-se como um grande desafio na contemporaneidade. Isso sucede porque atualmente, não só em Pernambuco, como também em outras partes do Brasil e também do mundo, existe uma série de grupos que executam a linguagem percussiva do maracatu nação, e muitas vezes também sua dança, encenando inclusive cortes reais. Alguns desses grupos acrescentam outros ritmos populares à batida do maracatu, como ciranda, coco, afoxé e samba reggae; outros realizam o batuque do maracatu, mas sem possuir um corpo de dança; outros possuem corpo de dança, mas não encenam a corte. Em suma, a diversidade de formato desses grupos é muito grande. Parte deles tem como participantes pessoas provenientes das classes médias, outros surgiram de projetos sociais das próprias comunidades de baixa renda, uns possuem a composição étnica variada, outros são compostos majoritariamente por pessoas negras ou brancas. Alguns desses grupos se definem como maracatus nação, outros como maracatus parafolclóricos e, por fim, há os que se denominam grupos percussivos ou ainda batucadas. Diante dessa realidade, é preciso primeiramente definir o que faz de um maracatu um maracatu nação. Para isso, tomamos por base a historiografia existente sobre o tema, a experiência empírica sobre o assunto e a opinião dos maracatuzeiros pertencentes aos grupos considerados por eles, por outros maracatus nação e pelos órgãos que regem as políticas culturais como maracatus nação. Por meio de nossas entrevistas, ficou claro que, para ser um maracatu nação “autêntico”, o grupo precisa ter fundamento religioso, seja no xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco), jurema ou umbanda. Outro detalhe é o fato de todo maracatu nação necessitar de um batuque e de um cortejo completo (composto por corte real e demais personagens). A partir dessa definição, é possível categorizar com mais clareza quais grupos se enquadram no que se considera maracatus nação. No entanto, alguns detalhes ainda complicam um pouco esse tipo de categorização. A questão da classe social que forma o grupo e os possíveis vínculos comunitários e compartilhamento de práticas existentes ou não, é algo que para nós pesquisadores, mas que poucos maracatuzeiros mencionaram, diferenciaria os maracatus nação de grupos percussivos ou parafolclóricos. Dentro dos grupos que contatamos, existem aqueles compostos por pessoas de classe média, provenientes de diversos bairros, mas que possuem fundamento religioso, batuque e cortejo. Seria possível definir um grupo como o supracitado, que não possui os vínculos comunitários e relações de vizinhança possíveis de existir quando se reside numa mesma comunidade, como sendo um maracatu nação? Seria possível a existência de um maracatu nação composto por pessoas que não fossem negras, sabendo que, desde onde se tem registro, eram os negros que sempre fizeram o maracatu? Essas questões não são fáceis de serem respondidas, ainda mais quando elas nem sempre fazem parte das preocupações dos maracatuzeiros, mas, para além disso, existem outros pontos interessantes de serem ressaltados. Se levássemos em consideração que para que um maracatu nação seja considerado “autêntico” ele necessitasse de batuque, cortejo, fundamento religioso, vínculos comunitários e componentes negros, descartaríamos praticamente todos os grupos cuja identidade de maracatu nação é colocada em cheque. Porém, seríamos obrigados a incluir nessa lista parte dos maracatus que são considerados quase que por unanimidade como sendo maracatus nação. Isso ocorreria porque hoje existem pessoas de classe média tocando nos maracatus nação, chegando ao ponto de alguma(s) nações de maracatu possuírem em seu batuque quase que 50% dos componentes provenientes da classe média. Essa presença também romperia em parte a questão dos vínculos comunitários. Quanto a esses vínculos, existem também na atualidade maracatus nação que não conseguiram aglutinar seus participantes em torno de uma só comunidade, sendo compostos por pessoas negras, de comunidades de baixa renda espalhadas por Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes e arredores. Esses exemplos demonstram o quanto é difícil estabelecer uma categoria exata do que						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
	pode ser considerado ou não como maracatu nação. Acima de tudo o que foi exposto, torna-se complicada a categorização, principalmente pelo risco de se estabelecer um padrão do que é “verdadeiramente” um maracatu nação, e, a partir disso, impor uma espécie de congelamento forçado da prática cultural. Consideramos que a cultura, mesmo a definida como tradicional, é também dinâmica, ou seja, independentemente do desejo dos órgãos que fomentam a cultura ou dos intelectuais, a cultura está em permanente mudança e ressignificação de suas práticas, seja ela cultura tida como popular, erudita ou de massa. Ainda assim, não se pode ignorar as relações de parceria ou mesmo disputa de poder existente entre os maracatus nação e os maracatus parafolclóricos ou grupos percussivos. Hoje em dia, a maioria desses grupos realiza seus ensaios durante os fins de semanas nas ruas centrais do Sítio Histórico de Olinda ou do Recife Antigo. Alguns grupos dispõem de espaços cobertos para ensaios, porém a maioria o faz nas ruas, ao ar livre, atraindo a atenção de turistas e curiosos. Como mencionamos, a maioria dos participantes desses grupos vem da classe média, residindo em bairros diversos. Alguns grupos cobram uma espécie de mensalidade para ensinar o participante a tocar ou dançar. Desse modo, percebe-se que diferentemente do contexto dos maracatus nação de antigamente, nos grupos percussivos ou parafolclóricos, o conhecimento é passado de maneira sistematizada e escolar. O batuqueiro ou dançarino adota a postura de aluno, não só pelo modo da transmissão do conhecimento como também por, na maioria das vezes, não participar das decisões internas do grupo. Os grupos têm, na sua maioria, o objetivo de desfilar nas ruas durante o carnaval, e para isso eles confeccionam um traje especial que geralmente é pago pelo participante. Normalmente o instrumento musical também é comprado ou trazido de casa pelo participante do grupo. A descrição realizada acima não cabe a todos os grupos parafolclóricos ou percussivos, mas apresenta como a maioria dos grupos (ou os grupos mais conhecidos) se organiza. Em Pernambuco, os primeiros grupos percussivos surgiram no fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, a exemplo do Maracatu Nação Pernambuco, Maracatudo Nação Camaleão (os dois atualmente reivindicam a identidade de maracatu nação), Cabra Alada e Corpos Percussivos. O Maracatu Nação Pernambuco, em especial, é bastante lembrado pelos maracatuzeiros, produtores culturais e demais admiradores dos maracatus nação, por conta da grande visibilidade que alcançou no início de sua carreira. Na época, os maracatus nação não despertavam o interesse de outras classes a não ser a das próprias comunidades maracatuzeiras. O Maracatu Nação Pernambuco foi fundado pelo bailarino Bernardino José da Silva Neto e seus colegas do Balé Popular do Recife. O grupo realizou estudo dos baques e da dança de alguns maracatus nação e construiu um espetáculo de palco além de um cortejo, utilizando elementos que compõem a linguagem dos maracatus nação. Desse modo, o grupo utilizou os mesmos instrumentos encontrados nos maracatus nação, porém inserindo novas convenções e células rítmicas ao baque. O mesmo tipo de ressignificação foi realizada nos movimentos da dança do maracatu e do figurino de sua corte, que, de acordo com alguns maracatuzeiros, lembra os trajes utilizados pelas quadrilhas juninas. As ressignificações realizadas no baque e na dança do maracatu nação são definidas por alguns maracatuzeiros, produtores culturais, intelectuais e artistas de um modo geral como sendo uma “estilização” dessas linguagens. Ressalta-se que o termo baque ou dança “estilizados” nem sempre é aceito pelos grupos que recebem essa definição, ou seja, por vezes o termo é considerado pejorativo. Assim que passou a funcionar, o Maracatu Nação Pernambuco, através dos contatos que seus membros possuíam dentro do mercado cultural, realizaram apresentações de palco e cortejos nas ruas centrais do Recife e Olinda, chamando a atenção de um público diversificado, composto por pessoas que muitas vezes sequer conheciam o termo maracatu. Depois de seu sucesso, outros grupos, seguindo o mesmo modelo, foram fundados. Os maracatus nação pernambucanos obteriam visibilidade semelhante nos fins dos anos 1990 e início do século XXI. Fora de Pernambuco outros grupos percussivos foram fundados, inicialmente por pessoas de Pernambuco que tomavam parte em maracatus nação ou grupos percussivos e posteriormente migraram para outro estado. É o exemplo do Rio Maracatu no Rio de Janeiro, fundado no fim da década de 1990. Outros grupos percussivos como Caracaxá e Quilola (ambos do estado de São Paulo), Maracutaia e Palmeira Imperial (Rio de Janeiro), Estrela do Sul e Voa Voa (Paraná), Arrasta Ilha e Jaé (Santa Catarina), Truvão (Rio Grande de Sul), além de grupos presentes em outros estados do Brasil foram fundados no século XXI. Existem grupos ainda em outros países tal como Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra e Japão. É comum que alguns mestres dos maracatus nação (até então são quatro os mestres mais convidados) sejam chamados para ministrar oficinas dos baques dos maracatus nação para esses grupos. Ao que tudo indica (com bases empíricas e divulgação nas mídias), a quantidade desses grupos vem crescendo.					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				PE	01	00	12	F1-	A3
---	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	CARVALHO, Ernesto Ignácio de. Diálogo de negros, monólogo de brancos: Transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós – Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007, 145p.	Nº	Cf. anexo 1: 157
	KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine. 'A Minha Nação é Nagô a Vocês Eu vou Apresentar: Mito Simbolismo e Identidade na Nação do Maracatu Porto Rico. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011, 150p.		Cf. anexo 1: 169
	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.		Cf. anexo 1: 176
	INRC – Fotografias – Grupos Percussivos (Grupo de Fotos do Grupo Percussivo Afojubá no Recife Antigo)		Cf. anexo 2: 746
	INRC – Fotografias – Grupos Percussivos (Grupo de Fotos do Grupo Percussivo Badia na Noite dos Tambores Silenciosos de Olinda)		Cf. anexo 2: 747
	INRC – Fotografias – Grupos Percussivos (Grupo de Fotos do Grupo Percussivo Cabra Alada no Recife Antigo)		Cf. anexo 2: 748 e 749
	INRC – Fotografias – Grupos Percussivos (Grupo de Fotos do Grupo Percussivo Camaleão na Noite para os Tambores Silenciosos de Olinda)		Cf. anexo 2: 750 e 751
	INRC – Fotografias – Grupos Percussivos (Grupo de Fotos do Grupo Percussivo Corpos Percussivos no Recife Antigo)		Cf. anexo 2: 752
	INRC – Fotografias – Grupos Percussivos (Grupo de Fotos do Grupo Percussivo Maracambuco referente a Festa de Aniversário)		Cf. anexo 2: 753
	INRC – Fotografias – Grupos Percussivos (Grupo de Fotos do Grupo Percussivo Maracatudo na Noite para os Tambores Silenciosos de Olinda)		Cf. anexo 2: 754 e 755
	INRC – Fotografias – Grupos Percussivos (Grupo de Fotos do Grupo Percussivo Nação Pernambuco na Noite para os Tambores Silenciosos de Olinda)		Cf. anexo 2: 756 e 757
	INRC – Fotografias – Grupos Percussivos (Grupo de Fotos do Grupo Percussivo Quebra Baque no Recife Antigo)		Cf. anexo 2: 758
CONTATOS		Nº	
	Bernardino José da Silva Neto Anexo 4 (Recife)		6
	Marcio Carvalho de Lima Anexo 4 (Olinda)		9
	Jorge Martins Anexo 4 (Recife)		33

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Almirante do Forte				IDENTIFICADO		29
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1931 até os dias atuais.	LUGAR	Estrada do Bongí, Recife/PE.			
Descrição	O Maracatu Nação Almirante do Forte foi fundado no dia 07 de setembro de 1931 e está localizado na comunidade do Bongí, Recife. O Maracatu Almirante do Forte é composto, principalmente pelas pessoas da própria comunidade, familiares do senhor Antônio José da Silva, conhecido como Sr. Teté, por pessoas de comunidades arredores e também por pessoas de classe média que resolveram colaborar com o maracatu. O grupo é composto por diferentes faixas etárias, e dele fazem parte crianças, adolescentes, jovens e adultos. O batuque é constituído em sua maioria por homens, enquanto no cortejo há uma distribuição entre homens e mulheres, havendo predominância deste último gênero. Na classificação utilizada pelo concurso das agremiações carnavalescas para organizar os grupos que concorrerão ao desfile, o Almirante do Forte tem transitado entre os grupos 1 e 2. O maracatu tem uma forte ligação religiosa com a jurema, e Dona Menininha, entidade representada por uma das calungas (nome como são conhecidas as bonecas dos maracatus nação), é considerada a dona e zeladora espiritual da nação. O maracatu tem como símbolo, estampado em seu estandarte e nas camisetas, um navio que lembra as antigas naus portuguesas dos tempos coloniais. O nome e o símbolo da nação foram sugeridos pelos antigos dirigentes. O azul e o branco são as cores oficiais da nação. Essas cores estão destacadas nos instrumentos do batuque e na vestimenta dos batuqueiros. O grupo tem como orixás as madrinhas Oxum e Iemanjá e o mestre Zé Pelintra de Santana, entidade da jurema. As calungas do grupo são duas, D. Creuza e a já mencionada D. Menininha, as quais representam os eguns (termo utilizado pelas religiões dos orixás para denominar os espíritos dos mortos antepassados). O Maracatu Nação Almirante do Forte foi fundado no Bongí, no dia 07 de setembro de 1931, pelos familiares do Sr. Teté. Ele relata que o grupo era inicialmente um maracatu de baque solto. Desse modo, além de desfilar com caboclos de lança em seu cortejo, eles utilizavam também instrumentos como bombo, gonguê, mineiro, tarol, surdo e cuíca (formação típica de um grupo de baque solto). O grupo originou-se de uma dissidência do maracatu de baque solto Cruzeiro do Forte, que continua em atividade até os dias de hoje. O Maracatu Almirante do Forte transformou-se em maracatu de baque virado, ou maracatu nação, na década de 1960, junto de outros maracatus de orquestra (baque solto), que também mudaram para nação, como o Cambinda Estrela (ainda em atividade) e Indiano (fora de atividade). De acordo com Sr. Teté, na época, o maracatu já cantava pontos de macumba em suas toadas, pois achava que o baque virado combinava melhor com tais pontos que o baque solto. No entanto, ele não deixa de reconhecer que os maracatus nação, ou de baque virado, tinham mais força na época (até mesmo porque os maracatus de orquestra eram considerados como maracatus descaracterizados, possuindo menos prestígio que os maracatus nação). Até meados da primeira década do século XXI, o referido maracatu passava por sérias dificuldades, possuindo pouco número de batuqueiros. A situação mudou quando algumas pessoas de classe média resolveram colaborar para o fortalecimento do grupo. A iniciativa deu certo, hoje o maracatu conta com número de batuqueiros suficiente para desfilar no carnaval, além de ter se tornado, em 2009, um Ponto de Cultura, recebendo auxílio financeiro do governo federal, no intuito de realizar projetos de inclusão social atrelados ao maracatu. Com a verba, a sede foi reformada e hoje abriga várias oficinas voltadas para a comunidade. O maracatu tem, aos poucos, atraído a atenção de estrangeiros, que já desfilaram com o grupo em alguns carnavais. As toadas do Maracatu Almirante do Forte são o diferencial dessa nação, pois nelas residem traços de sua vinculação com os maracatus de baque solto, bem como suas raízes na jurema. Outra característica do maracatu é que, segundo as entrevistas cedidas pelo Mestre Teté, o Almirante do Forte, em suas apresentações e ensaios, canta apenas as suas toadas, não sendo usadas toadas de nenhum outro grupo. As principais lideranças do grupo são Antônio José da Silva Neto (Sr. Teté), que possui a função de mestre, compositor e presidente da agremiação; Josefa Maria da Silva, mãe de seu Teté e, até bem pouco tempo, dama do paço da nação, hoje afastada devido a problemas de saúde e idade já avançada (102 anos); e Luciano Magalhães, produtor cultural do grupo, responsável pelas atividades do Ponto de Cultura. O Maracatu Nação Almirante do Forte pertence à Associação						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	dos maracatus Nação de Pernambuco desde a fundação da instituição em 2009.		
REGISTROS	GUERRA-PEIXE, César. Maracatus do Recife. 2. ed. Recife: Irmãos Vitale, 1981. 171 p. (Coleção Recife, v. XIV)	Nº	Cf. anexo 1: 33
	REAL, Katarina. Eudes: o rei do maracatu. Recife: Massangana, 2001. 144 p., il.		Cf. anexo 1: 67
	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.		Cf. anexo 1: 176
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Um) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo um com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Encanto do Pina, Estrela Dalva, Gato Preto e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 769
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)		Cf. anexo 2: 787 e 788
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS		Nº	
	Antonio José da Silva Neto Anexo 4 (Recife)		3

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Cambinda Africano		IDENTIFICADO	30
			SIM	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO			
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1990 até os dias atuais.	LUGAR	Água Fria/Alto do Pascoal – Recife/PE.
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Cambinda Africano foi fundado na segunda metade do século XX por Natércio Carneiro dos Santos, pai do atual presidente e mestre, Arlindo Carneiro dos Santos. Inicialmente chamado de Cambinda “Africana”, representava uma reunião de batuqueiros de maracatus que desfilavam pelas ruas vestidos de mulher, com o intuito de simplesmente se divertirem, aproveitando a oportunidade para pedir dinheiro, com o objetivo de angariar fundos para realizar uma festa regada a bebidas e comidas. Era um momento de descontração que antecedia batuques noturnos oficiais dos maracatus Elefante, Cambinda Estrela e Leão Coroado, ou que ocorria na quarta-feira de cinzas. Entretanto, Natércio, que era do Maracatu Leão Coroado, guardava grande cuidado com a manutenção desse brinquedo de batuqueiros, a ponto de desejar transformá-lo num maracatu nação. Em seu relato, mestre Arlindo cita, segundo suas memórias, que nos anos 1970 o Cambinda Africana era obrigado a pedir ressalva na delegacia ou autoridade pública para desfilar nas tardes das quartas-feiras de cinzas. Essa diversão dos maracatuzeiros veio, então, a se tornar			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	um maracatu nação a partir do momento em que essa agremiação realizou obrigações religiosas para adquirir fundamento e vínculos com a religião dos orixás. Com a adoção do novo perfil como nação de maracatu, o mestre Arlindo resolveu alterar o termo “africana” (adjetivo feminino que, de acordo com Arlindo, era aplicável em conformidade e em função da ideia de brincadeira) para o termo “africano” (adjetivo masculino, que Arlindo considera apropriado a um cortejo do que ele denomina como nação africana). Essa mudança justifica-se, para Arlindo, porque era necessário apagar a relação do maracatu com uma brincadeira descompromissada. Sua sede oficial está localizada na Rua Vitória, nº 468, no Alto do Pascoal. Porém, Arlindo possui como sede provisória uma casa alugada na Rua São Braz, nº 08, em Água Fria. O mestre Arlindo, a exemplo de seu pai Natércio e outros maracatuzeiros, trafegou por outros maracatus no exercício de sua função de mestre, visto existir uma relação de continuidade e manutenção do maracatu como manifestação de identificação cultural de uma tradição transmitida oralmente. É de se destacar que integrantes dos maracatus Elefante e Leão Coroado tenham, no decorrer da história desta forma de expressão no Recife, influenciado e disseminado entre outros novos maracatus um paradigma estético e estilístico que permite a identificação dos modos de fazer maracatu no Recife e em Olinda. Mestre Arlindo compõe esse grupo seletivo de difusores do modelo hoje identificado como maracatu nação. A consciência desse papel histórico e da responsabilidade de continuidade dessa herança induz mestre Arlindo a buscar manter a tradição tal como foi exemplificada pelo Mestre Luís de França, evitando comportamentos e ideias consideradas modernistas e contemporâneas que, segundo Arlindo, dissolvem a memória dos antepassados. O baque do Cambinda Africano possui um toque cadenciado e regular, sem adoção de linguagem sofisticada, de paradas e de acelerações rítmicas sucessivas e intermitentes no decorrer do cortejo. Seu batuque é composto por homens adultos e jovens.		
REGISTROS	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.	Nº	Cf. anexo 2: 161
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)		Cf. anexo 2: 787 e 788
CONTATOS		Nº	Cf. Anexo 4
	Arlindo Carneiro dos Santos Anexo 4 (Recife)		4

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Cambinda Estrela				IDENTIFICADO		31
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Fundado em 1935, ressurgido em 1995.	LUGAR	Chão de Estrelas, Recife/PE.			
	DESCRIÇÃO	Fundado em 1935, no Alto Santa Izabel, Casa Amarela, Recife, por migrantes oriundos da zona da mata-norte pernambucana, o Maracatu Nação Cambinda Estrela era um maracatu de baque solto, com forte presença no carnaval da comunidade de Casa Amarela. Dirigido pelo senhor Tercílio, com a colaboração de sua esposa, D. Inês, o grupo manteve-se como um maracatu de baque solto até a década de 1960. A memória dos antigos brincantes, ainda residentes em Casa Amarela, atesta que o grupo mudou de gênero por pressão da Federação Carnavalesca, que via nos maracatus de baque solto ou de orquestra uma descaracterização dos que eram considerados autênticos e legítimos: os maracatus de baque virado. Nesse sentido, a mudança de baque proporcionou ao grupo legitimidade para continuar a brincar no carnaval. Esse foi um fenômeno que					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	se aplicou também a outros maracatus, como o Indiano (que já não mais existe) e o Almirante do Forte. Da década de 1960 até década de 1980, o Cambinda Estrela manteve-se no carnaval como um grupo respeitado e tinha como figura mais conhecida de seu grupo o babaloxirá Mário Miranda, mais conhecido como Maria Aparecida, que se fantasiava de baiana. No final da década de 1980, com a morte do Sr. Tercílio, o maracatu deixa de desfilar por alguns anos, a ponto de a Federação Carnavalesca considerá-lo extinto. Em 1994, um grupo de residentes em Chão de Estrelas e Campina do Barreto, juntamente com alguns estudantes universitários, resolveram recriar este grupo, e, desde 1995, é conduzido no batuque pelo mestre Ivaldo Marciano de França Lima. Conhecido como um maracatu de “festa e luta”, o Cambinda Estrela destaca-se por sua combatividade política, presente em palavras de ordem, letras das toadas compostas por mestre Ivaldo e outros componentes do grupo, que aludem à questão racial, combatendo as desigualdades sociais e raciais que atingem a grande maioria do grupo. O Maracatu Nação Cambinda Estrela possui sede própria, situada à Rua Marcílio Dias, nº 462, Chão de Estrelas, onde o grupo oferece durante o ano oficinas de batuque, formando, desse modo, seus batuqueiros a partir das crianças e jovens da comunidade. O batuque é composto, em sua grande maioria, por jovens e adolescentes, sem distinção de gênero. Há forte presença feminina no grupo, pois o batuque e as oficinas de percussão são dirigidas por Wanessa Paula Quirino dos Santos e outros integrantes do batuque. O Cambinda Estrela é também conhecido por ter uma direção do grupo colegiada, em que todas as decisões são tomadas por consenso ou pela maioria do grupo, sem imposição ou determinação de “donos” ou “diretores”. A corte é constituída por homens e mulheres, em equilíbrio de gênero e grupo etário, e há uma presença significativa de pessoas GLBTT. Isso se explica pelo fato de o maracatu advogar os direitos dessas pessoas e combater a discriminação. Compõem a corte diferentes integrantes de terreiros religiosos de diversas comunidades da zona norte do Recife e de Jaboatão dos Guararapes. No desfile das agremiações carnavalescas, o grupo transita entre o grupo 1 e o grupo especial, tendo sido diversas vezes campeão do primeiro grupo. O rei, atualmente, é Erasmo Rodrigues e a rainha é Amara. O maracatu é regido pelos orixás Xangô, Iansã e Oxum; suas calungas têm por nome D. Aurora e D. Inês; suas cores são o vermelho e o amarelo. O batuque do grupo tem uma forte identidade percussiva pelas toadas de seu repertório, compostas, em sua grande maioria, pelo mestre Ivaldo Marciano. Ainda que não deixe de cantar toadas de domínio público, as toadas do Cambinda Estrela têm forte conteúdo político e crítico. Seu baque é caracterizado pela performance dos mineiros, que conferem ao baque do Cambinda Estrela uma sonoridade única no universo dos maracatus nação de Pernambuco. Este maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.						
REGISTROS	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.					Cf. anexo 1: 176	
	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Videos – Ivaldo Marciano (Cambinda Estrela)					Cf. anexo 2: 937	
	INRC – Fotografias – Cambinda Estrela (Grupo de Fotos do Cambinda Estrela consertando bombos)					Cf. anexo 2: 759	
	INRC – Fotografias – Cambinda Estrela (Grupo de Fotos de Obrigação do Cambinda Estrela)					Cf. anexo 2: 760	
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)					Cf. anexo 2: 761 até 763	
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Especial) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Especial com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da					Cf. anexo 2: 764 até 767	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Alegria, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim e Porto Rico)		
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 770
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 771
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 772 até 774
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Sede) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos nas Sedes com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Gato Preto, Leão da Campina e Oxum Mirim)		Cf. anexo 2: 775 e 776
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)		Cf. anexo 2: 781 até 784
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS			
	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)		29

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Centro Grande Leão Coroado				IDENTIFICADO		32
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 2012 até os dias atuais.	LUGAR	Córrego do Cotó, Bomba do Hemetério, Zona Norte do Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Centro Grande Leão Coroado localiza-se numa comunidade de periferia, de onde vem a maioria de seus membros. Sua sede situa-se na Rua Evangélico Pastor Benobi Carvalho de Souza, nº 187, no bairro da Bomba do Hemetério, Zona Norte do Recife. O grupo reivindica a data de fundação do antigo Centro Grande Leão Coroado, que era articulado pelo renomado Mestre Luís de França, em 08 de dezembro de 1863. Atualmente, os principais articuladores do maracatu são Regina Célia da Silva, conhecida como Mana, filha adotiva de Luís de França, presidente da agremiação; seu filho, vice-presidente, Carlos Adriano Ferreira de Lima,						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				PE	01	00	12	F1-	A3
--------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

	conhecido como Adriano; e José Claudiano Ferreira de Lima, conhecido como Reizinho, mestre do batuque, também filho de Mana. Os três articuladores participavam do maracatu liderado pelo mestre Luís de França, acompanharam também os momentos de dificuldades enfrentados pela agremiação, bem como os últimos anos de vida do renomado mestre. De acordo com eles, após a morte de Luís de França, o maracatu deveria ter permanecido em sua comunidade de origem, nas mãos dos familiares dele. Desse modo, eles não reconhecem o Leão Coroado (vide ficha correspondente), articulado por Afonso Aguiar, como continuador do antigo Centro Grande Leão Coroado (modo como Luís de França chamava o maracatu). Por essa razão, após algum tempo ensaiando batuqueiros, os familiares do antigo mestre, com o apoio da comunidade, resolvem em 2010, mais precisamente no dia 01 de agosto (data de nascimento de Luís de França), reativar o maracatu, adotando o mesmo nome utilizado por Luís de França (salienta-se que o grupo liderado pelo Mestre Afonso chama-se apenas Leão Coroado, não sendo precedido por “Centro Grande”). Os ensaios do batuque do maracatu ocorrem na rua em frente à sede, mesma casa onde Luís de França residiu de 1954 a 1997; eles têm início no mês de setembro, se estendem até o período carnavalesco, ocorrendo sempre aos domingos. A faixa etária do grupo é bem heterogênea, participando desde crianças, adolescentes, jovens, até pessoas de meia idade. No batuque, a maioria é de adolescentes do sexo masculino. No entanto, duas meninas, Débora e Lidiane, tocam alfaias; o batuque possui cerca de 24 batuqueiros no total. No cortejo, a faixa etária e gênero são mais heterogêneos, contendo com cerca de 35 pessoas. O Centro Grande Leão Coroado possui vínculos com o xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco). As obrigações são realizadas no Sítio de Pai Adão, um dos terreiros de linha nagô considerado muito tradicional. A rainha do grupo, D. Maria da Conceição, é irmã de Manoel do Nascimento Costa, conhecido como Manoel Papai. Nesse maracatu apenas as calungas D. Clara (representado Iansã) e D. Isabel (representando Oxum) recebem obrigação religiosa. As damas do paço do grupo são duas senhoras com mais de 40 anos, D. Célia e D. Maria José. O orixá padrinho do maracatu é Xangô, que era o orixá que regia a cabeça (<i>ori</i>) de Luís de França. As cores do grupo são vermelho e branco, homenageando Xangô e Oxalá, e seu símbolo é um leão. O repertório de toadas do Centro Grande Leão Coroado é composto principalmente por toadas de domínio público, consideradas tradicionais, a maioria delas cantadas também por Luís de França no passado (para mais informações vide ficha de Toada/Loa). As toadas geralmente fazem referência aos símbolos do maracatu (como rei, rainha, dama do paço, cortejo, batuque, instrumentos, calungas), à história do grupo, à época da abolição, à África, dentre outros temas. O baque desse maracatu procura seguir o modelo de baque utilizado pelo Mestre Luís de França, ou seja, como os baques de antigamente. Ele se caracteriza por não ser sistematizado, os batuqueiros podem livremente executar variações por cima das bases de marcação e martelo, além de executar a viração também de maneira espontânea e muitas vezes improvisada. Nesse sentido, a harmonia do baque ocorre por meio do diálogo e observação que um batuqueiro faz do trabalho do outro. Apesar de manterem esse baque, o grupo, por vezes, executa um tipo de baque mais sistematizado, tendo como recursos algumas convenções previamente sinalizadas. Em 2012, o maracatu participou do grupo de acesso no desfile do Concurso das Agremiações Carnavalescas e, no carnaval de 2013, desfilará no grupo 2. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde 2011.		
REGISTROS	Ritmos, cores e gestos da Negritude Pernambucana – Vídeo – Entrevista, em vídeo, com Regina Célia		Cf. anexo 2: 886
CONTATOS			
	Carlos Adriano Ferreira de Lima Anexo 4 (Recife)		21
	José Claudiano Ferreira de Lima Anexo 4 (Recife)		34

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Elefante			IDENTIFICADO		33
					NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				PE	01	00	12	F1-	A3
--------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1805 até 2011, com interrupção de 1962 até 1986.	LUGAR	Zona Norte do Recife/PE.
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Elefante possui uma história bastante complexa e controversa. Há que se distinguir três fases desse grupo, sendo possível afirmar que se referem a dois maracatus distintos. A primeira fase refere-se ao Maracatu Nação Elefante, sediado em Ponto de Parada, quando essa comunidade nada mais era do que uma passagem, e, conseqüentemente, o momento de pausa, entre o centro da cidade do Recife e os arrabaldes mais distantes, localizados na zona norte do Recife, notadamente Água Fria, Beberibe e regiões adjacentes. Nessa primeira fase, o Nação Elefante foi articulado por Dona Santa, liderança incontestável entre os maracatuzeiros da época, ao menos na visão dos jornalistas e intelectuais pernambucanos das décadas 1950 e 1960. Esse maracatu constituiu-se em importante referência ao longo dos anos, e sua articuladora, Dona Santa, foi alçada ao lugar de ícone e símbolo dos maracatuzeiros e maracatuzeiras. Apesar de sabermos com maiores detalhes a história do Elefante a partir de sua condução por Dona Santa, sua história é mais longa. Segundo reza a tradição oral, o Maracatu Elefante teria sido fundado em 1805. No início do século XX, encontramos nos jornais notícias desse maracatu desfilando pelas ruas do Recife durante o período carnavalesco. Seu dirigente era João Vitorino, casado com Maria Júlia do Nascimento, que ficaria conhecida como D. Santa. João Vitorino morreu na década de 1920 e Dona Santa teria assumido a direção do maracatu. Em sua juventude, antes de se casar com Vitorino, Dona Santa teria sido rainha do Maracatu Leão Coroado. Na década de 1930, em meio à intensa repressão aos terreiros de xangô e jurema, promovidos pelos governos de Carlos de Lima Cavalcante e Agamenon Magalhães, Dona Santa foi presa, assim como muitos outros pais e mães de santo. Nos anos 1940, com o final do Estado Novo e o reconhecimento de que o maracatu era um elemento importantíssimo do “folclore” pernambucano, Dona Santa ganha gradativamente notoriedade, vindo a ser fotografada por Lula Cardoso Aires e Pierre Verger; e ganhou reportagem em revistas semanais, a exemplo da <i>Cruzeiro</i>. Seu Maracatu Elefante torna-se exemplo de cultura popular pernambucana, tradição dos antigos escravos. Dona Santa teve uma vida longa, sempre dirigindo o maracatu, situado em Ponto de Parada, Encruzilhada, Recife. Mesmo quando já não tinha a saúde em perfeito estado, a prefeitura da Cidade do Recife lhe oferecia um jipe para poder desfilar durante o carnaval. Quando morreu, em 1962, teve enterro de chefe de estado, rainha que era símbolo de toda a realeza dos reis e rainhas negros dos maracatus nação. Em diversas matérias de jornal publicadas entre os anos de 1950 e 1960 pode-se observar que um consenso entre os intelectuais será construído, quando se trata de pensar os maracatus, contribuindo para consolidar uma imagem homogênea dos mesmos. As reportagens em geral circulam em torno da história do Elefante e de sua famosa rainha, Dona Santa, bem como de sua iminente sucessão. Ela adquire uma visibilidade tal que personagens de outros maracatus quase não aparecem nestas reportagens. Nesse período, final dos anos 1940 e início dos anos 1950, Dona Santa, que mesmo desfrutando de alguns anos de vida, estava ainda em processo de consolidação de sua imagem e liderança em um contexto extremamente difícil para a manutenção dos maracatus nação existentes. A ascensão de Dona Santa como símbolo maior dos maracatuzeiros e maracatuzeiras pode ser descrita como tributária de um longo processo de negociação desta com jornalistas e intelectuais, e de uma performance em que ressaltava sua importância como rainha maracatuzeira. Dona Santa soube se colocar perante os seus pares, assim como também percebeu a importância de ter bem em conta os contatos com jornalistas e intelectuais. Um deles, por exemplo, foi o autor de <i>Maracatus do Recife</i>, Guerra Peixe, que esteve no Recife entre os anos de 1949 a 1952, fazendo pesquisas sobre algumas manifestações culturais pernambucanas, entre elas o maracatu nação. Em sua obra, observa-se o destaque que atribui para o Elefante de Dona Santa e, ao mesmo tempo, a pouca importância que dá a outros grupos. Ao longo dos anos 1950 e 1960, ela foi objeto de várias matérias de jornal. As relações estabelecidas entre Dona Santa como filha de escravos africanos e de que o seu maracatu se tratava de uma transposição do continente africano para o Brasil podem ser vistas em diversas matérias de jornal, especialmente nas que foram assinadas por Paulo Viana, Afonso Ligório, Severino Barbosa e Jarbas Maciel (MACIEL, Jarbas. Maracatu ritmo negro. <i>Jornal do Commercio</i>, 26, 02, 1961; LIGÓRIO, Afonso. Uma nação africana desapareceu no Recife. <i>Diário de Pernambuco</i>. 28, 02, 1965, p. 09; BARBOSA, Severino. Festa de negros. <i>Diário de Pernambuco</i>, 17, 09, 1967). Em comum entre esses jornalistas destacam-se as ideias de que os maracatus			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
	representavam cortejos originários das festas de coroação dos reis e rainhas do congo; de que os maracatus representavam nações africanas exiladas no Recife; e que os seus cantos constituíam a expressão do sofrimento de uma raça e da saudade da distante terra natal. Em geral, o Elefante era apontado como o mais autêntico grupo, e o falecimento de sua rainha atestava a morte de tais práticas e costumes. Paulo Viana, em algumas matérias de jornal, destacou Dona Santa como última rainha legítima de maracatu. Não sabemos ao certo, mas é possível que Dona Santa tenha sido influenciada por essas matérias ao afirmar que desejava ver o seu maracatu no museu após sua morte. Deve ser levado em conta o fato de que ela não possuía herdeiros de sangue, apenas uma filha adotiva que reivindicou a continuidade do maracatu, conforme matéria de jornal publicada após sua morte (Morreu Dona Santa; a filha Antônia é a nova rainha. <i>Diário de Pernambuco</i>, 28/10/1962). Independente de tais questões, sabe-se que há indícios que dão conta de problemas em relação a uma descrição tranquila do Elefante enquanto maracatu “puro” e “africano”. Os indícios de que existiam caboclos de lança no Elefante, além de suas calungas terem sido levadas por homens bem vestidos, de paletó e gravatá, indicam que as descrições e matérias de jornais não nos permitem acreditar que esse maracatu correspondia ao que desejavam tais jornalistas e estudiosos. Além das indicações de que o lugar de porta-estandarte era ocupado por uma mulher, atestam que o formato do Elefante não era assim tão “correto” como procuram mostrar as matérias de jornais em questão. O formato que os maracatus nação possuem nos dias atuais é uma construção posterior aos anos 1950, talvez adaptações das pressões a que foi submetida a maior parte dos grupos ainda na época da fundação da Federação Carnavalesca. Nem sempre os maracatus possuíam um porta-estandarte trajando o modelo de roupa do rei Luís XV, com um estandarte ao modo das antigas corporações medievais. Enfim, problemas de descrição à parte, o Elefante foi celebrado e alçado ao lugar de símbolo dos maracatus nação pernambucanos. Ainda hoje diversos maracatuzeiros e maracatuzeiras reivindicam terem pertencido ao grupo e se colocam como herdeiros da afamada rainha, mesmo após o seu falecimento, ocorrido em 1962. O Elefante teve suas atividades encerradas em 1962, e sua memória foi celebrada com maior destaque a partir do momento em que os restos do grupo foram colocados no Museu do Homem do Nordeste, na Fundação Joaquim Nabuco. Tal ato gerou uma narrativa que ainda hoje é referida entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras como forma de “resolver” o fim dos grupos da atualidade. Quando um maracatu encontra-se com problemas de sucessão, é comum existir a proposta de que o mesmo seja “levado para o museu”, a exemplo de Luís de França, que ameaçava colocar o seu grupo, Leão Coroado, no local referido. Esta narrativa de “colocar o maracatu no museu”, ou de retirá-lo, é corrente entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras da atualidade. Outra narrativa bastante comentada, e diretamente relacionada com o Elefante da atualidade, diz respeito a uma suposta maldição que Dona Santa havia lançado para os que ousassem desobedecer as suas ordens de paralisação das atividades do maracatu. Tal narrativa relacionada a essa maldição ganhou força com dois eventos ocorridos após a “reativação” do Elefante em 1986: o assassinato de Rosinete, ocorrido em 2000, e a prisão do atual articulador do grupo, que forçou o mesmo a não sair às ruas no carnaval do ano de 2012. Essas narrativas sugeriram, pressupomos, devido às polêmicas ocorridas após sua morte, acerca da continuidade ou não do maracatu. Segundo consta nos jornais do período e também na tradição oral, D. Santa não queria que seu maracatu saísse às ruas após sua morte. E foi o que aconteceu. Seu acervo foi recolhido pelo Movimento de Cultura Popular e, com o início da ditadura militar, foi incorporado ao acervo do Museu do Homem do Nordeste, em Recife, onde permanece até hoje. Nesse museu estão em exposição roupas de D. Santa, coroa, cetro e espada, as calungas e instrumentos musicais. Em 1986 o Elefante foi “retirado do museu”, ou seja, recriado, por um grupo de pessoas interessadas em “salvar” os maracatus de um perigo de desaparecimento, já que poucos maracatus desfilavam pelas ruas do Recife. Para ocupar o lugar de rainha foi convidada Dona Madalena, ialorixá que já tinha sido rainha de outros maracatus, como o Indiano e o Estrela Brilhante. Com o concurso de várias pessoas, foi então o Elefante recriado e rapidamente tornou-se um dos grandes grupos de maracatu nação do Recife, disputando os primeiros lugares no concurso das agremiações. Graças à ajuda da Comissão Pernambucana de Folclore, o Elefante possuía sede própria, situada na Mangabeira, zona norte do Recife. O Elefante sofreu um grande baque com a morte de sua princesa e principal articuladora, Rosinete, em 2000. D. Madalena morrerá alguns meses depois, e o Elefante parecia que iria deixar de desfilar. Até o ano passado esteve sob a direção de Dunga, familiar de Rosinete e D. Madalena, mas não mais alcançou o sucesso das décadas passadas, sob a coroa e cetro de Dona Madalena.					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Enquanto grupo, portanto, o Elefante atual foi fundado no ano de 1986 sob o discurso de estar sendo reativado, de modo que estava sendo apresentado como o antigo maracatu de Dona Santa, e que os seus atuais integrantes estavam retirando-o do “museu”. Várias narrativas são contadas em torno desse acontecimento, que foi objeto de notícia no Diário de Pernambuco em duas ocasiões (Maracatu Elefante volta às ruas. <i>Diário de Pernambuco</i>, 26/01/1986, p. a15 e Nação maracatu Elefante volta às ruas para brilhar no carnaval 86 do Recife. <i>Diário de Pernambuco</i>, 07/02/1986, p. b1.). Para Armando Arruda, na época um dos integrantes da comissão de reativação do Maracatu Elefante, tratava-se de “dar um pálio para a maior e mais antiga rainha de maracatu em Pernambuco”. Antônio Roberto, também integrante da referida comissão, juntamente com Rosinete, de quem era marido, foram partícipes desse processo. Madalena foi, de fato, a rainha deste maracatu, que teve o seu primeiro desfile no ano acima citado. A sede ficava no Alto do Pascoal, e parte significativa dos seus integrantes foram dissidentes do Leão Coroado, além dos participantes do terreiro liderado por Madalena. O Elefante consagrou-se campeão do concurso carnavalesco do ano seguinte, em 1987, desbancando a hegemonia do Porto Rico. Durante os anos em que desfilou, sob a direção conjunta de Antônio Roberto e Rosinete, foi um dos principais maracatus, vencendo os concursos nos anos de 1987, 1991, 1992 e 1995. Até o ano 2000 estava sempre ou na condição de campeão, conforme os anos citados, ou na de vice, desbancando os maracatus Leão Coroado e Estrela Brilhante para lugares secundários no contexto dos maracatus nação. Os integrantes deste maracatu eram, em sua maioria, residentes nas imediações da Bomba do Hemetério, incluindo os altos que o circundam, a exemplo do Alto do Pascoal e Alto Santa Terezinha. As idades dos integrantes variavam bastante, havendo crianças, jovens e idosos. O grupo enfrentou forte dissidência no ano de 1999, ocasião em que houve intervenção da Federação Carnavalesca, promovendo uma eleição entre Antônio Roberto e Rosinete, que, na época, estavam separados. No ano 2000 e 2001, o maracatu foi articulado por Rosinete, tendo Antônio Roberto se desvinculado do grupo para fundar o Maracatu Nação de Luanda. O Elefante em questão, com o formato citado, teve fim em 2001, com o brutal assassinato de Rosinete. Nos anos seguintes foi articulado por um dos seus familiares, Dunga, não conseguindo mais, entretanto, reunir em torno do grupo a quantidade de pessoas que o maracatu levava às ruas. Atualmente o maracatu quase não se apresenta nos carnavais, tendo no ano de 2012 deixado de desfilar por razões diversas.				
REGISTROS	GUERRA-PEIXE, César. Maracatus do Recife. 2. ed. Recife: Irmãos Vitale, 1981. 171 p. (Coleção Recife, v. XIV)	Nº	Cf. anexo 1: 33		
	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.		Cf. anexo 1: 176		
	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Vídeos – Antônio Roberto (Nação de Luanda)		Cf. anexo 2: 949		
	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Áudio - Armando Arruda		Cf. anexo 2: 1092		
	Movimento Negro – Entrevistas – Áudio – Roberto Benjamin		Cf. anexo 2: 991		
CONTATOS		Nº			
	Antônio Roberto Nogueira Barros Anexo 4 (Olinda)		3		
	Armando Marcos Martins de Arruda Anexo 4 (Recife)		5		
	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)		29		

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Encanto da Alegria	IDENTIFICADO		34
		SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO			☐ MEMÓRIA		☐ RUÍNA	
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1998 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Coremas, Mangabeira, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	O Encanto da Alegria é uma das nações que foram fundadas no final do século XX, mais precisamente no dia 10 de dezembro de 1998. O grupo é presença marcante no período carnavalesco, desfilando no grupo especial do concurso das agremiações carnavalescas, bem como em diversas outras celebrações, além de terem apresentações culturais realizadas ao longo do ano. A sede é localizada na Rua Coremas, nº 40, Mangabeira, onde funciona também o terreiro de religião dos orixás de tradição nagô e jurema e a residência do atual presidente e babalorixá, Clóvis Cosme dos Santos. De acordo com Clóvis, o mestre da nação é Antônio Pereira de Sousa, popularmente conhecido por “Mestre Toinho”, que regia o batuque desde sua fundação. Nos anos de 2011 e 2012, o batuque foi conduzido por Felipe Henrique Tavares Sobrinho, no lugar de Mestre Toinho, que se encontrava adoentado. Essa mudança também trouxe transformações no baque da nação, com a introdução de instrumentos como o abe e atabaques, mudando, consequentemente, a identidade percussiva do grupo. O maracatu conta ainda com uma grande quantidade de batuqueiros e desfilantes, contendo pessoas da Mangabeira e também de outras comunidades dos arredores. No período carnavalesco, o grupo também conta com a participação de alguns batuqueiros de classe média. A faixa etária dos batuqueiros é diversificada, com a presença de adolescentes, jovens e pessoas de meia idade. As cores do Encanto da Alegria são vermelho e branco e seu orixá protetor é Iansã. Salientamos que, até muito recentemente, uma característica marcante do grupo era o fato de ele ter feições de um maracatu nação antigo, não só pelo estilo de seu baque, mas também por juntar em seu batuque antigos maracatuzeiros da Nação Elefante de D. Madalena e do Leão Coroado de Luís de França; parte desses batuqueiros estão afastados do grupo. A fundação do maracatu ocorreu por esforços de D. Ivanize Tavares, Sr. Antônio Pereira de Sousa e Sr. Clóvis Cosme dos Santos. Dona Ivanize já havia tido contato com os maracatus nação através da observação que fazia do Maracatu Elefante de Dona Santa e do mesmo maracatu já na época de Dona Madalena. Quando ficou mais velha, alguns anos antes da fundação do Encanto da Alegria, Dona Ivanize foi convidada por Armando Arruda para ser rainha do maracatu articulado por ele, que se chamava Leão de Judá. Ela afirmou que ficou muito feliz e orgulhosa pelo convite, chegando a receber nota 10 como rainha, mas após alguns anos na agremiação precisou se afastar. Foi então que, em sua comunidade, alguns vizinhos passaram a incentivá-la a criar seu próprio maracatu. Ela obteve ajuda de Clóvis, que já participava de outras agremiações e tinha experiência na confecção de fantasias e adereços, e de outras pessoas da comunidade. Na hora de pensar em quem seria o mestre, uma pessoa próxima de Ivanize sugeriu o nome de Mestre Toinho, que ao longo de sua vida já havia passado pelas nações Cambinda Estrela (de Casa Amarela), Leão Coroado (de Luís de França), Indiano e Estrela Brilhante. Toinho aceitou o convite e o maracatu foi fundado. No entanto, ele só saiu às ruas pela primeira vez em 2001, foram necessários dois anos de trabalho para que o grupo se organizasse. Em 2007, Dona Ivanize faleceu e Clóvis assumiu a presidência do Encanto da Alegria. Hoje, o grupo é um dos maracatus com maior visibilidade em Pernambuco, desfilando no grupo especial. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.						
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Videos – Toinho (Encanto da Alegria)				Nº	Cf. anexo 2: 939	
	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Videos – Ivaldo Marciano (Cambinda Estrela)					Cf. anexo 2: 937	
	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Áudio – Clóvis (Encanto da Alegria)					Cf. anexo 2: 1078	
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)					Cf. anexo 2: 761 até 763	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Especial) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Especial com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim e Porto Rico)		Cf. anexo 2: 764 até 767
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 772 até 774
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Sede) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos nas Sedes com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Gato Preto, Leão da Campina e Oxum Mirim)		Cf. anexo 2: 775 e 776
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS		Nº	
	Clóvis Cosme dos Santos Anexo 4 (Recife)		23
	Antônio Pereira dos Santos Anexo 4 (Outras localidades)		3

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Encanto do Dendê				IDENTIFICADO		35
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1998 até os dias atuais.	LUGAR	Nova Descoberta, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Encanto do Dendê foi fundado no dia 16 de setembro de 1998 pelo atual mestre e presidente, Edmilson Lima do Nascimento, também conhecido como Nissinho, no bairro da Nova Descoberta, região norte do Recife. A sede desse grupo está localizada na própria residência de Edmilson. O grupo é formado basicamente por pessoas da própria comunidade onde ele se insere, as quais estão vinculadas à nação como uma forma de pertencimento a um grupo social específico. Antes de comandar o Encanto do Dendê, Edmilson já havia participado da corte de outras nações de maracatu, como o Estrela Brilhante e o Porto Rico, além de ter atuado como diretor do Maracatu Leão de Judá, articulado por Armando Arruda. De acordo com ele, uma de suas funções no Leão de Judá era a de trazer mais pessoas para o batuque e para a corte. Entretanto, chegou um momento em que percebeu que da mesma forma que conseguiria arranjar integrantes para o maracatu de outros, também poderia arregimentar pessoas para formar o seu próprio maracatu; foi assim que, em 1998, fundou o Encanto do Dendê. No início, Edmilson contou com a ajuda do próprio Armando Arruda para conseguir alguns instrumentos e em seguida realizou uma série de rifas na comunidade para arrecadar fundos. Os primeiros batuqueiros do Encanto do Dendê vinham de comunidades próximas, como Macaxeira, e demorou um pouco para conseguir mobilizar as pessoas da comunidade, mas, com o tempo e com o apoio das outras lideranças do maracatu, ele pode contar com uma participação mais efetiva da comunidade de Nova Descoberta. O conjunto percussivo desta nação é formado, em sua maioria, por homens, adolescentes, entretanto, observa-se também jovens e crianças integrando esse setor. O baque executado tem uma característica						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	cadenciada, possuindo uma base rítmica conhecida entre alguns maracatuzeiros, como luanda, martelo, baque de parada e virações específicas em cima de cada baque, além de convenções. As toadas entoadas pelo mestre são tanto de domínio público quanto autorais, ambas com referências simbólicas distintas entre si. Desse modo, por se tratar de um maracatu cuja fundação é recente, a temática dessas toadas varia entre tradicional (fazendo referência ao próprio maracatu, sua história corte e símbolos) e religiosa (referindo-se a elementos da religião dos orixás e da jurema). A parte religiosa do grupo é feita na própria sede. Nela está localizado o terreiro com seus assentamentos onde são realizadas as obrigações do maracatu. Assim como ocorre com outras nações de maracatu, esse diálogo com a dimensão sagrada é um dos aspectos que sintetiza a ligação que o grupo possui com a religião dos orixás e da jurema, tendo, inclusive, Xangô e Oxum como orixás padrinhos e as cores vermelho e branco como destaque da nação. O grupo possui três calungas denominadas Yá Mitaladê, representando Oxum, Oyá Gigan, representando Oyá (Iansã) e Xangô. As calungas representam orixás, mas também representam os eguns (espírito) do babalorixá e ialorixá de Edmilson. No desfile das agremiações carnavalescas, esse maracatu transita entre os grupos 1 e 2. Sua trajetória na competição já lhe rendeu alguns títulos, como os que foram conquistados em 2003 e 2004, como vice-campeão do grupo 2, e em 2011, como campeão nessa categoria. As principais lideranças do grupo são Edmilson Lima do Nascimento, que é presidente, babalorixá e mestre do grupo, e a Rainha Elizabete Salvina Xavier, esposa de Edmilson. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.		
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Áudio – Edmilson (Encanto do Dendê)	Nº	Cf. anexo 2: 1079
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Dois) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Dois com os Maracatus Nação: Encanto do Dendê, Linda Flor, Tigre e Tupinambá)		Cf. anexo 2: 768
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)		Cf. anexo 2: 787 e 788
CONTATOS		Nº	
	Edmilson Lima do Nascimento Anexo 4 (Recife)		25

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Encanto do Pina				IDENTIFICADO		36
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1981 aos dias de hoje.	LUGAR	Bode/Pina, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A Nação do Maracatu Encanto do Pina, com fundação no dia 05 de março de 1981, possui sede na Rua Osvaldo Machado, nº 320, na comunidade popularmente conhecida como Bode, situada no bairro do Pina, Zona Sul do Recife. As pessoas que compõem o maracatu são provenientes do						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
	Bode e de outras comunidades do Recife, como Brasília Teimosa, Ilha de Deus e Ibura, além de possuir pessoas de classe média, que se juntam ao grupo no período carnavalesco, vindas de diferentes bairros do Recife, Olinda e Jaboatão e de outras cidades do Brasil, São Paulo, Santos, Curitiba, Rio de Janeiro, Florianópolis, Londrina, Porto Alegre, dentre outras. Os batuqueiros do grupo são, em sua grande maioria, adolescentes e jovens, porém existe também a presença de crianças e pessoas de meia idade (estas de classe média). No período carnavalesco, onde ocorrem as principais apresentações e celebrações associadas ao maracatu, é possível observar a grande quantidade de pessoas de classe média presentes no batuque; a presença de batuqueiros da Nação Porto Rico também é evidente. No período, o batuque chega a juntar cerca de 70 pessoas. Isso ocorre porque o grupo passou por uma reestruturação no fim de 2008. No referido ano, o então mestre de batuque e presidente Manoel Cândido Cavalcanti, conhecido como Marcelo, que ocupava o cargo desde 2001, passou o apito para sua filha, Joana D'Arc Cavalcanti, esposa do Mestre Chacon Viana, que está à frente da Nação Porto Rico. Quando Joana assumiu a regência do batuque, o maracatu encontrava-se com poucos batuqueiros e poucas condições estruturais para realizar um desfile que pudesse tornar o maracatu campeão do grupo 1, ao qual pertencia. No entanto, a partir de 2008, o Maracatu Porto Rico realiza uma parceria com o Encanto do Pina, auxiliando o grupo vizinho com batuqueiros, conserto de instrumentos e confecção de figurinos e adereços. O baque, sob a regência de Joana, ganhou novos contornos, com diferentes viradas e convenções. Quando o período carnavalesco chegou, já em 2009, as pessoas de classe média que saíam no Porto Rico resolvem desfilar também no Encanto do Pina. Naquele ano, o número de batuqueiros de classe média foi bem superior ao de batuqueiros da comunidade. Os esforços do grupo apresentam bons resultados, pois naquele ano o grupo torna-se campeão, desfilando no grupo especial em 2010. No entanto, o grupo não obtém boa colocação ao desfilar no grupo especial, descendo novamente para o grupo 1. No ano de 2012 eles voltam a ocupar o primeiro lugar no grupo 1 e são aguardados para o desfile no grupo especial para o carnaval de 2013. No cortejo, os passistas pertencem à comunidade, muitos deles desfilam também no Maracatu Porto Rico e também em quadrilhas juninas e grupos de dança contratados. Assim como no maracatu Porto Rico, os únicos a receberem remuneração são os grupos contratados. Os ensaios do batuque ocorrem nos fundos da sede do grupo nos meses de setembro até o período do carnaval. Por vezes, quando a quantidade de batuqueiros é muito grande, o batuque ensaia na Rua Osvaldo Machado, próximo à sede. O Maracatu Encanto do Pina está nas mãos da família de Joana desde 2001. Antes disso, ele pertencia à ialorixá Maria de Sônia, mãe de santo da atual ialorixá que cuida das obrigações do maracatu, Maria da Quixaba, e filha de santo do falecido rei Eudes Chagas, principal articulador do Maracatu Porto Rico do Oriente. A fundação do Encanto do Pina está relacionada ao maracatu Porto Rico de Eudes. Depois de seu falecimento em 1978, o Maracatu Porto Rico do Oriente encerrou suas atividades. No entanto, pouco tempo depois, surge uma movimentação de pessoas da comunidade que desejavam colocar o maracatu em atividade novamente. Com a intervenção da Comissão Pernambucana de Defesa do Folclore (LIMA, 2005) e de alguns ativistas culturais como Armando Arruda, o projeto de retomar as atividades do Porto Rico do Oriente estava prestes a se concretizar. Sendo assim, Maria de Sônia, que era dama do paço do maracatu de Eudes é convidada por Armando Arruda para ser a rainha do reativado Porto Rico do Oriente. No entanto, de acordo com Armando Arruda, três meses depois de ela estar no cargo, ele desfez o convite e chamou Elda Viana para ocupar o seu lugar (KOSLINSKI, 2011). Ele justifica sua escolha, alegando que Maria de Sônia tinha problemas de saúde, além de não possuir responsabilidade para assumir tal cargo. A ialorixá não se conformou com a decisão e acabou fundando seu próprio maracatu, o Encanto do Pina. O grupo esteve sob os cuidados da rainha até 1995, ano de seu falecimento. Depois de sua morte, o grupo mantém-se ativo por cerca de dois anos e acaba encerrando de vez suas atividades. Em 2001, Manoel Cândido Cavalcanti conversa com os antigos articuladores do Encanto do Pina e consegue a autorização para colocar o maracatu na rua novamente. O grupo tem por símbolo uma sereia chamada Janaína, referência à Iemanjá, orixá que rege o grupo. As cores do grupo, azul e amarelo, são atribuídas aos orixás Iemanjá e Oxum, a quem duas das calungas representam. O grupo possui três damas do paço: Luci, que conduz a calunga D. Maria Padilha, que representa uma pomba-gira com o mesmo nome; Célia, que conduz a calunga D. Deym, representando Oxum Deym; além de dama do paço que conduz a calunga D. Emília, que representa Iemanjá. O terreiro que abriga as obrigações do grupo é de tradição nagô, trabalhando não só com o xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco), como também com a jurema. As calungas do grupo foram dadas de presente à Maria de Sônia pelo folclorista Roberto Benjamim que, após a morte do Rei Eudes, cuidou dos artefatos da Nação Porto Rico do Oriente. A ialorixá responsável pelo terreiro é Maria da Quixaba, filha de					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	santo de Maria de Sônia, avó de Joana. O presidente continua sendo Manoel Cândido de Cavalcanti, filho de Maria Quixaba e pai de Joana. O carnavalesco do grupo é Paulinho, o mesmo que faz os figurinos da Nação Porto Rico. Não se pode negar também a importância de Chacon Viana, mestre do Porto Rico, para o Encanto do Pina. Ele é esposo de Joana e, sempre que pode, auxilia o grupo tanto em decisões administrativas, quanto em contratos para apresentações e demais parcerias. O repertório musical da Nação Encanto Pina aproxima-se bastante do executado pela Nação Porto Rico. Esse tipo de semelhança explica-se pela proximidade geográfica dos grupos, como também pelo compartilhamento de práticas entre os maracatuzeiros da região. O Encanto do Pina utiliza toadas de domínio público, que também se fazem presentes nos repertórios de outras nações e toadas de autoria da mestra, de seus maracatuzeiros ou de parceiros. Uma das características mais marcantes das toadas autorais da Nação Encanto do Pina é a forte temática religiosa, que faz referências aos orixás, contendo inclusive o toque ou ponto dessas entidades dentro de sua parte rítmica. Ainda assim, a nação trabalha também com toadas de temática mais tradicional, que fazem referência à história ou a símbolos do maracatu, e, por vezes, ao Brasil ou à África. O baque do Encanto do Pina possui ritmo mais acelerado composto de baques de marcação, denominados luanda e martelo, além de virações em cima desses baques, chamadas biancô, ian e iandarrum, realizadas simultaneamente e se encaixando uma na outra como se fosse um esquema de perguntas e respostas (termo utilizado pelo mestre Chacon, que sistematizou o baque do Porto Rico, cujo sistema também é utilizado pelo Encanto do Pina). O baque do Encanto do Pina possui também uma série de convenções, o que o coloca dentro da categoria dos maracatus de sonoridade recente, segundo dissertação de Ernesto Ignácio de Carvalho (vide bibliografia). Os bombos são tocados com um galho de goiabeira na mão esquerda, o que confere um toque com menos potência na pele, enquanto a mão direita carrega uma baqueta de madeira, dando a batida mais forte. Os instrumentos utilizados pelo grupo são as alfaias, caixas e taróis, atabaques, gonguê, mineiros e abês. As alfaias e abês são confeccionados pelos batuqueiros da nação na própria sede do grupo, e o restante é comprado com artesãos ou em lojas de instrumentos musicais. Os recursos da Nação do Maracatu Encanto do Pina vêm por meio de subvenção por parte da Prefeitura da Cidade do Recife, apresentações realizadas por contrato das iniciativas públicas ou privadas e por doações realizadas em dinheiro ou mesmo em tecido, instrumentos etc. pelos batuqueiros provenientes da classe média. O grupo também comercializa camisetas, bolsas, porta baquetas e outros produtos com tecido nas cores azul e amarela. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.						
REGISTROS	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.						Cf anexo 1: 176
	KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine. 'A Minha Nação é Nagô a Vocês Eu vou Apresentar: Mito Simbolismo e Identidade na Nação do Maracatu Porto Rico. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011, 150p.						Cf anexo 1: 169
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)						Cf. anexo 2: 761 até 763
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Um) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo um com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Encanto do Pina, Estrela Dalva, Gato Preto e Raízes de Pai Adão)						Cf. anexo 2: 769
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu)						Cf. anexo 2: 770

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 771
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 772 até 774
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)		Cf. anexo 2: 781 até 784
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS			
	Joana D'arc da Silva Cavalcanti Anexo 4 (Recife)		32

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife				IDENTIFICADO		37
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1910 até os dias atuais.	LUGAR	Alto José do Pinho, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	A Nação do Maracatu Estrela Brilhante inscreve-se como um maracatu nação composto por um cortejo, que se apresenta sempre ricamente trajado, e batuque que possui forte identidade musical, reconhecida nacional e internacionalmente. A nação traz como símbolo, estampado no estandarte e nas camisetas, uma estrela, o azul e o branco como as cores distintivas da agremiação. A sede do Maracatu Nação Estrela Brilhante localiza-se na Rua Otuína nº 15, bairro da Mangabeira/Alto José do Pinho (segundo a rainha desta nação, essa rua pertence ao bairro da Mangabeira, embora se conheça e tenha o Alto José do Pinho como referência). As entidades patronas são Iansã, Oxum e mestre Cangarussu. O grupo costuma realizar apresentações através de iniciativa pública e por vezes privada. Entretanto, o período do carnaval é considerado mais oportuno para uma agenda de apresentações bastante diversa dentro da programação oficial dos festejos momescos. Afora o carnaval, suas apresentações normalmente são feitas em eventos culturais dentro e fora do Estado e até mesmo em países da Europa. Além dessas atividades, o grupo confecciona instrumentos musicais e camisetas para comercialização. São essas fontes que provêm parte dos recursos para sua manutenção, outros são provenientes de projetos sociais, através do Ponto de Cultura e parcerias firmadas entre a FUNDARPE e o MINC. O grupo está sob os cuidados de Marivalda e regência do Mestre Walter desde 1995. No entanto, em sua história, o Maracatu Nação Estrela						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	Brilhante passou por diversas fases. A primeira delas remete ao ano de 1906. De acordo com os relatos das atuais lideranças e alguns estudos (BARBOSA, 2001), o grupo teria sido fundado no referido ano pelo senhor Cosme Damião Tavares, conhecido por Mestre Cosmo no bairro de Campo Grande. Existem relatos que afirmam que o referido senhor participava do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu, e que ao se mudar para Recife, fundou a agremiação com o mesmo nome. No entanto, não foram encontrados documentos e registros suficientes que comprovem o fato. Com o falecimento do Sr. Cosmo em 1955, sua esposa Dona Assunção não consegue manter as atividades do maracatu, encerrando suas atividades em 1968 e entregando a calunga Joventina para a antropóloga norte americana Katarina Real. Nos anos seguintes (1969/1970), José Martins de Albuquerque, conhecido por Cabeleira, pede à Dona Assunção para retomar as atividades do maracatu. Em suas mãos, as atividades do maracatu passam a ocorrer no Alto do Pascoal, no bairro de Água Fria, com o apoio de Maria Madalena dos Santos, conhecida por Rainha Madalena, que posteriormente se tornaria rainha do “ressurgido” Maracatu Nação Elefante. Em 1993 o maracatu passa para as mãos do carnavalesco Lourenço Molla que obtém auxílio de Dona Marivalda e de Mestre Walter, já no bairro de Casa Amarela. Por fim, em 1995, Molla afasta-se e Dona Marivalda assume a presidência do grupo, transferindo suas atividades para o Alto José do Pinho. Atualmente, os participantes deste maracatu são em sua maioria de baixa renda, provenientes da própria comunidade do Alto José do Pinho. Entretanto, pessoas de classe média do Recife e de outros estados do Brasil também fazem parte do maracatu, atuando mais precisamente no batuque. O batuque conta em média com 100 a 130 batuqueiros, a maioria deles do gênero masculino, variando de crianças a homens adultos, mas com a maior parte de jovens. A maioria de mulheres que toca nesse setor concentra-se nos abês, restando uma pequena minoria nas alfaias. É interessante perceber que dentro dessa minoria de mulheres nos tambores, a maioria pertence à classe média. Já no cortejo o cenário é inverso, possuindo um número maior de mulheres em relação aos homens e com faixa etária mais heterogênea. A quantidade de pessoas desfilando no cortejo varia bastante de acordo com o período do ano e do evento. No desfile do Concurso de Agremiações Carnavalescas organizado pela Prefeitura da Cidade do Recife, uma das celebrações mais prestigiadas pelos(as) maracatuzeiros(as), o grupo chega a agregar mais de 200 integrantes. As principais lideranças do grupo são Marivalda Maria dos Santos (Rainha e Presidente) e Walter Ferreira de França (Mestre do batuque). O grupo possui duas damas do paço, Ana Paula, que segura a calunga Dona Joventina, e Fernanda, que carrega Dona Erundina. Nesse maracatu as calungas representam eguns. Há alguns anos o maracatu Estrela Brilhante vem desfilando no grupo especial do concurso das agremiações carnavalescas e é um dos grupos que ora é campeão, ora vice. O período de ensaios do grupo costuma iniciar no mês de setembro e se estendem até o carnaval, sempre aos domingos à tarde. O mestre do maracatu continua sendo Walter de França. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.						
REGISTROS							Nº
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)						Cf. Anexo 2 761 até 763
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Especial) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Especial com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim e Porto Rico)						Cf. Anexo 2 764 até 767
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)						Cf. Anexo 2 770
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero)						Cf. Anexo 2 771

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. Anexo 2 772 até 774
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)		Cf. Anexo 2 781 até 784
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. Anexo 2 789 até 791
CONTATOS		Nº	Cf. Anexo 4
	Walter Ferreira de França Anexo 4 (Recife)		50
	Marivalda Maria dos Santos Anexo 4 (Recife)		41

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Estrela Dalva			IDENTIFICADO		38
				SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1990 até os dias atuais.	LUGAR	Joana Bezerra, Recife/PE.		
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Estrela Dalva foi fundado no dia 18 de janeiro de 1990 e está localizado na rua Pinheiro, nº 02, bairro de Joana Bezerra, Recife. Embora Maciel Agripino dos Santos tenha fundado o grupo em 1990, somente em 1993 é que o maracatu saiu às ruas pela primeira vez. Paralelamente às atividades do Estrela Dalva, Maciel também desfilava nas nações Encanto do Pina (desde fins da década de 80 até o falecimento da rainha Maria de Sônia em 1995) e Porto Rico (por cerca de dois anos), trazendo pessoas de sua comunidade para compor a corte desses maracatus. Segundo o presidente, após muito tempo trazendo pessoas de sua comunidade para desfilar em outros maracatus, se deu conta de que poderia fundar sua própria agremiação. Conta Maciel que também chegou a receber convite para presidir outro maracatu nação, mais antigo. No entanto, por questões de fundamento religioso ligado aos eguns, não aceitou a proposta. De acordo com ele, os maracatus antigos estão atrelados a muitos eguns. Assim, optou por fundar o Maracatu Nação Estrela Dalva no bairro onde residia, com a ajuda de seus familiares e vizinhos. Maciel e sua esposa foram os primeiros rei e rainha do maracatu; atualmente Maciel prefere atuar somente como presidente. A faixa etária dos integrantes desse grupo mostra-se bem homogênea, compondo-se principalmente de adolescentes, do sexo masculino e feminino, provenientes da própria comunidade e também do bairro de Prazeres, divisa de Recife com Jaboatão dos Guararapes. No que tange ao batuque, atualmente encontra-se sob a regência de Marcelo Agripino dos Santos, filho de Maciel. Os ensaios do Estrela Dalva ocorrem dentro do terreiro, a partir do mês de dezembro, sempre aos sábados à noite. Com a aproximação do carnaval, o número de integrantes aumenta, o que impossibilita que os ensaios continuem a ser realizados dentro da sede,					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	transferindo-se para a calçada da Estação Metroviária de Joana Bezerra. No desfile das agremiações, o grupo transita entre os grupos 1 e 2. Fora o período momesco, época em que as nações de maracatu, de maneira geral, possuem uma agenda mais intensa de atividades, o grupo realiza apresentações eventuais promovidas pela iniciativa pública ou privada. O Maracatu Nação Estrela Dalva possui em seu repertório toadas de domínio público, ou seja, também executadas por outras nações, apresentando apenas pequenas variações, e toadas de autoria dos próprios maracatuzeiros da nação, muitas delas fazendo referência ao próprio maracatu, a sua corte real, aos símbolos, aos lugares e a outros aspectos relacionados a elementos do xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco). O baque desse maracatu tem como base baques de marcação chamados luanda e martelo. Em cima desses baques são feitas virações que, por sua vez, são sistematizadas junto de outras convenções e breques. Outro traço marcante dessa nação, sobretudo no batuque, é a utilização dos atabaques em meio aos demais instrumentos percussivos. A sede deste maracatu localiza-se na própria residência de Maciel Agripino dos Santos, situada no endereço acima citado, que abriga também o terreiro onde o grupo realiza suas obrigações religiosas. A relação que este maracatu mantém com a dimensão sagrada, no xangô, constitui-se por meio da linha jêje-nagô, além da jurema. As calungas do Estrela Dalva chamam-se Anália (representando Oxum) e Julieta (representando Iansã), uma confeccionada em madeira e a outra em porcelana. O grupo tem como símbolo uma estrela, suas cores são azul e branco. Atualmente as principais lideranças do grupo são: Maciel Agripino dos Santos, presidente e babalorixá; Severina Santos, rainha da nação; Eduardo Luís de Brito, rei da nação; e Marcelo Agripino, mestre do batuque. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.		
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Vídeos – Maciel (Estrela Dalva)	Nº	Cf. anexo 2: 959
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Um) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo um com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Encanto do Pina, Estrela Dalva, Gato Preto e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 769
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)		Cf. anexo 2: 781 até 784
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)		Cf. anexo 2: 787 e 788
CONTATOS		Nº	
	Maciel Agripino dos Santos Anexo 4 (Recife)		38

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Gato Preto				IDENTIFICADO		39
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1989 até os dias atuais.	LUGAR	Alto de Santa Terezinha, Recife/PE.			
	DESCRIÇÃO						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	Terezinha, Zona Norte do Recife. O grupo foi fundado em 1989 e é composto principalmente pelas pessoas da própria comunidade, sendo algumas também de comunidades arredores. A faixa etária do grupo é bem heterogênea, possuindo desde crianças até jovens, pessoas de meia idade, em sua maioria, familiares de Amaro da Silva Vila Nova, conhecido como Chocho, atual presidente do grupo. Foi ele quem fundou a nação. No entanto, antes disso, ele já havia saído no Maracatu Indiano, como príncipe, e no Maracatu Porto Rico, a convite de Armando Arruda, onde ajudava a confeccionar as fantasias. Ele conta que não sentiu muita afinidade com nenhum dos grupos e foi aconselhado por uma senhora a fundar seu próprio maracatu. Chocho fundou o maracatu atribuindo-lhe diversos nomes, que, de acordo com seu depoimento, nunca davam certo, até que um dia a mestra de jurema Ritinha vem em Terra e lhe diz que o maracatu só daria certo se fosse colocado o nome do exu dela, que se chamava Gato Preto. A partir desse novo nome, o maracatu conseguiu manter suas atividades. Assim que o maracatu passou a desfilar, a mestra avisou ao Sr. Amaro que o maracatu seria dela. O Gato Preto é um dos únicos maracatus nação com ligação apenas com a jurema (uma das religiões afro-brasileiras no Recife, com forte influência lusa e indígena). O terreiro onde ocorrem as obrigações religiosas desse maracatu localiza-se em Dois Unidos, comunidade próxima ao Alto Santa Terezinha. As calungas do maracatu Gato Preto chamam-se Jupira e Laurinda, que representam duas caboclas. A ligação com a jurema reflete-se em suas toadas, que muitas vezes dialogam com os “pontos” cantados nos cultos de jurema, seja por sua temática ou mesmo pela melodia e modo de cantar de Chocho. O Maracatu Gato Preto possui também em seu repertório toadas de domínio público, ou seja, também executadas por outras nações, apresentando apenas pequenas variações, além de toadas de autoria dos próprios maracatuzeiros da nação, muitas delas com temática tradicional (sobre o próprio maracatu, sua corte real, símbolos e lugares). O baque desse maracatu tem como base o baque de marcação chamado luanda e virações em cima desse baque. No entanto, essas virações não são sistematizadas, ou seja, elas se iniciam e se encerram livremente durante o baque e as loas, além de serem executadas de maneira muito autônoma, diversificada e espontânea pelos batuqueiros, como se cada um deles virasse o baque a seu modo. Por essa razão, o baque da nação Gato Preto aproxima-se do que o antropólogo Ernesto Ignácio de Carvalho (vide bibliografia, anexo 1) classifica como sonoridade antiga nos maracatus. O grupo transita entre os grupos 1 e 2 no desfile do Concurso das Agremiações Carnavalescas e suas cores são amarelo e preto. Seu símbolo é um Gato Preto, que sai como uma das alegorias nos desfiles dessa nação. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.						
REGISTROS	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.	Nº		Cf. anexo 1: 176			
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)			Cf. anexo 2: 761 até 763			
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Um) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo um com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Encanto do Pina, Estrela Dalva, Gato Preto e Raízes de Pai Adão)			Cf. anexo 2: 769			
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)			Cf. anexo 2: 770			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 772 até 774
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Sede) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos nas Sedes com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Gato Preto, Leão da Campina e Oxum Mirim)		Cf. anexo 2: 775 e 776
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		789 até 791
CONTATOS		Nº	
	Amaro da Silva Vila Nova Anexo 4 (Recife)		2

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Leão da Campina				IDENTIFICADO		40
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1997 até os dias atuais.	LUGAR	Ibura, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Leão da Campina foi fundado em 26 de Julho de 1997 na comunidade dos Coelhos, pelos integrantes do Centro Leão do Norte de Cultura Popular da cidade de Recife, tendo como representante o bailarino pernambucano Aélson da Hora. O grupo surge com uma proposta de se apresentar em palcos, tocando o ritmo do maracatu, intitulando-se, assim, como grupo de palco “Leão do Norte”, como era chamada a companhia de dança do bailarino. Enquanto grupo de palco, desfilava na comunidade dos Coelhos e se apresentava também nas programações culturais da cidade. Além disso, parte dos seus integrantes desfilava na corte do Maracatu Porto Rico, na ala dos escravos. Por ser esta uma ala performática, os bailarinos eram contratados pelos dirigentes dessa nação para representar esses personagens no desfile do Concurso das Agremiações Carnavalescas. Com o passar do tempo, a proposta de se manter como grupo de palco foi se redefinindo e o presidente Aélson resolveu transformar o grupo em uma nação de maracatu, atribuindo-lhe o nome de Leão da Campina. O nome Leão foi em homenagem à companhia de dança Leão do Norte e Campina foi em homenagem ao bairro dos Coelhos, que originalmente se chamava Campina dos Coelhos, pois a maioria das pessoas que participavam da nação era do bairro dos Coelhos. Depois foi havendo uma mescla de pessoas oriundas dos Coelhos com pessoas residentes no Ibura. Em 1998, mãe Nadja Cristina de Castro assume religiosamente o maracatu, assumindo o cargo de vice-presidente, e Aélson assume como presidente. Em 2004, Aélson retira-se do grupo e Mãe Nadja assume a presidência do grupo até hoje. O referido maracatu tem como símbolo a figura de um leão, o vermelho e o azul como as cores oficiais e como orixás patronos Iansã e Ogum (patrono do batuque), além do caboclo Boiadeiro, que é o mensageiro do maracatu nação. O Leão da Campina é composto em sua maioria por adolescentes e jovens, em grande parte moradores do bairro do Ibura. Existem também pessoas de outras localidades e cidades vizinhas que fazem parte do grupo, inclusive pessoas de classe média. A Nação Maracatu Leão da Campina conquistou em 2003 a passagem para a categoria “A” e no seu primeiro ano foi 3ª (terceira) colocada entre as maiores nações de maracatu de Pernambuco. A primeira rainha a desfilar no Leão da Campina foi Dona Rosa, no ano de 1997. A mesma acaba						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	abandonando a função de rainha por não querer fazer obrigações religiosas. Portanto, no ano de 1998, Dona Nadja assume a função de Rainha do maracatu. Em maio de 2004, foi realizada a Coroação da Rainha da Nação Maracatu Leão Campina, Mãe Nadja de Angola, no Pátio da Igreja do Rosário dos Homens Pretos. Na ocasião, Mãe Nadja foi coroada por sua mãe de santo com a presença da última rainha coroada na época, que hoje é falecida, Dona Ivanize de Xangô, do Maracatu Nação Encanto da Alegria. A coroação contou ainda com a percussão do Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife, sob a regência de mestre Walter. Na época do desfile no Concurso das Agremiações Carnavalescas, o maracatu reúne em média de 100 a 130 integrantes entre cortejo e batuque. Para outros eventos fora do carnaval, a quantidade de pessoas que se apresentam varia de acordo com o tamanho do cachê, em média de 25 a 40 pessoas entre corte e batuque. O grupo possui três damas do paço, Gláucia, que conduz a calunga Rita de Cássia, Aline Ferreira, que segura Ana Rosa, e Cristiane Michele, que conduz Maria Luíza. As calungas representam os eguns da família de santo da nação angola, da qual Nadja faz parte, bem como orixás (somente o nome de um deles foi revelado por Nadja em entrevista, Iansã, representada pela calunga Maria Luíza). Os ensaios da Nação Leão da Campina acontecem, desde o princípio do ano, às quartas na Academia da Cidade do Recife e aos domingos na quadra esportiva da Escola Municipal Maria Sampaio, por se tratar de um ensaio que reúne mais pessoas. A sede da Nação fica na Rua Mario Gil Rodrigues, 26, UR 01/Lagoa Encantada/Ibura, Recife. Parte dos seus recursos é proveniente de subvenções concedidas pela Prefeitura do Recife e de apresentações em eventos privados. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.						
REGISTROS	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.	Nº	Cf. Anexo 1: 176				
	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Videos – Nadja (Leão da Campina)		Cf. anexo 2: 948				
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)		Cf. anexo 2: 761 até 763				
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Especial) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Especial com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim e Porto Rico)		Cf. anexo 2: 764 até 767				
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 770				
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 771				
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 772 até 774				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Sede) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos nas Sedes com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Gato Preto, Leão da Campina e Oxum Mirim)		Cf. anexo 2: 775 e 776
CONTATOS		Nº	Cf. Anexo 4
	Nadja Cristina de Castro Anexo 4 (Recife)		44

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Linda Flor				IDENTIFICADO		41
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	De 1984 até os dias atuais.	LUGAR	Buriti.			
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Linda Flor foi fundado em 1984 e está localizado na comunidade do Buriti, Zona Norte da cidade do Recife. O grupo é composto principalmente por pessoas da própria comunidade, tendo por faixa etária no batuque, crianças, adolescentes e alguns jovens, a maioria do sexo masculino. Já no cortejo, o gênero e faixa etária são heterogêneos. Esse grupo iniciou suas atividades em Dois Unidos, sob a liderança de Gago e Dona Severina Ursulina da Silva, conhecida por Dona Ina. Em 1986, após o falecimento de Gago, a Federação Carnavalesca solicita que Dona Ina cuide da agremiação. Ela então transfere as atividades do maracatu para a comunidade do Buriti, localidade que faz fronteira com os bairros da Macaxeira, Nova Descoberta, Córrego do Jenipapo e Apipucos.À frente do maracatu, Dona Ursulina, com a ajuda de seus familiares e vizinhos, consegue levar o grupo adiante até seu falecimento em dezembro de 2010. Com a morte de Dona Ursulina, o seu genro, Flávio Gomes, assumiu o comando da agremiação na condição de presidente, permanecendo nesse posto até os dias atuais. A parte espiritual da agremiação é feita na própria sede, uma vez que neste local funciona também o terreiro de linha nagô com umbanda, um pequeno espaço onde se encontram os assentamentos dos orixás e entidades da jurema. O imóvel está situado numa das principais ruas da comunidade do Buriti, mais especificamente na rua Idá. Do ponto de vista religioso, o grupo tem Oxum como orixá regente e suas cores são amarelo e vermelho. As toadas que formam o repertório do Linda Flor são de dois tipos, aquelas de domínio público, ou seja, também executadas por outras nações, apresentando apenas pequenas variações, e outras de autoria dos próprios maracatuzeiros da nação, muitas delas com temática tradicional (sobre o próprio maracatu, sua corte real, símbolos e lugares) e outras também que fazem referência a elementos do xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco). O baque desse grupo tem como base os baques denominados luanda, martelo e baque de parada. As virações ocorrem de modo sistematizado em cima desses baques, podendo haver também algumas convenções ou paradinhas em meio à sua rítmica. Desse modo, o baque do Linda Flor pode ser definido como sonoridade recente pelas múltiplas linguagens percussivas que o caracteriza (ver Ernesto Ignácio de Carvalho, anexo 1, bibliografia). No desfile das agremiações carnavalescas, a referida nação transita entre o grupo de acesso e o grupo 2. Fora do período de carnaval, o grupo costuma fazer poucas apresentações em eventos de iniciativa pública ou privada. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.						
REGISTROS	Projeto Inventário Sonoro dos Maracatus – Entrevistas – Flávio Gomes (Linda Flor)				Nº	Cf. anexo 2: 1079	
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Dois) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Dois com os Maracatus Nação: Encanto do Dendê, Linda Flor, Tigre e Tupinambá)					Cf. anexo 2: 768	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)		Cf. anexo 2: 781 até 784
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)		Cf. anexo 2: 787 e 788
CONTATOS		Nº	
	Flávio Gomes Anexo 4 (Recife)		27

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição				IDENTIFICADO		42
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1986 até os dias atuais.	LUGAR	Morro da Conceição, Recife.			
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição tem sede situada na Rua da Conceição, 139, no Morro da Conceição, Zona Norte do Recife. A referida agremiação foi fundada em 17/03/1986 e é composta principalmente pelas pessoas da própria comunidade e algumas também de comunidades arredores como o Alto Zé do Pinho. A faixa etária do cortejo do grupo é bem heterogênea, possuindo desde crianças até jovens e pessoas de meia idade. O batuque é composto principalmente por adolescentes, a maioria do sexo masculino. Grande parte das pessoas do maracatu pertence ao terreiro da presidente e fundadora do grupo, Dona Miriam Bezerra de Almeida, ou mesmo da troça carnavalesca fundada por seu marido, Leônidas Pinto de Almeida, também no ano de 1986. A troça chama-se “Quem fala de mim não sabe o que diz” e é bem conhecida no Morro da Conceição, possuindo sede na mesma edificação que o maracatu, onde também é a residência do casal e de alguns parentes e onde fica o terreiro de xangô de linha nagô e jurema. Até o momento da fundação do maracatu, o casal, principalmente o Sr. Leônidas, era mais ligado ao frevo e às troças carnavalescas, tendo desfilado no Vassourinhas do Recife e presidido a troça “Estou aí” de Casa Amarela por um curto período na década de 1980. Sua esposa Miriam sempre o auxiliou na preparação das agremiações em que tomava parte, mesmo sem desfilar. Até 1986, nenhum deles já havia participado de maracatu, e a grande maioria das pessoas que os ajudaram a fundar também não. Ainda assim, o Sr Leônidas afirmou que sempre foi um homem de carnaval e que conhecia muitos maracatuzeiros considerados importantes como Dona Santa, rainha do antigo Maracatu Elefante, Sr. Eudes, rei do Maracatu Porto Rico do Oriente, Luiz de França, mestre do antigo Maracatu Leão Coroado, ou seja, ele sempre teve contato, mesmo que de modo indireto com os maracatus. Sua atuação como carnavalesco também permitiu que ele frequentasse a Federação Carnavalesca e que conhecesse pessoas de diversas agremiações, com quem trocou experiência. Toda essa vivência permitiu que ele aprendesse a fazer maracatu também. Isso, no entanto, não ocorreu de maneira repentina. O Lira do Morro da Conceição foi fundado em 1986, mas só desfilou no Concurso das Agremiações Carnavalescas como aspirante em 2010. Antes disso, o maracatu desfilava de modo mais despretensioso pela comunidade, enquanto a família concentrava seus esforços na troça. Desse modo, percebe-se que, ao longo de 24 anos, o maracatu teve a oportunidade de agregar conhecimento relativo aos ofícios, modos de fazer, formas de expressão e fundamentos dos maracatus nação. Nesse período eles contaram também com o auxílio do Sr. Farias, antigo maracatuzeiro que já desfilou no Estrela Brilhante, na década de 1970, quando era dirigido por Cabeleira e que atualmente desfila no Maracatu Nação Encanto da Alegria. O referido senhor já saiu como porta-estandarte do Lira do Morro da						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Conceição, mas passou o cargo para seu sobrinho, enquanto se dedica a outras agremiações. A motivação para o maracatu participar do Concurso das Agremiações veio por conta das dificuldades pelas quais as troças estavam passando para conseguir subvenções, contratos e boas remunerações para apresentações, enquanto que os maracatus, de acordo com o Sr. Leônidas, estão obtendo cada vez mais visibilidade e espaços no mercado cultural. Desde 2010, os esforços da família se concentram no maracatu e as atividades da troça ficaram em segundo plano. O nome do maracatu foi dado em homenagem a uma antiga troça carnavalesca do Morro da Conceição, chamada Lira do Horizonte, e ao próprio Morro da Conceição. As cores do grupo são amarelo e preto, fazendo referência ao orixá Oxum e ao mestre de jurema Manoel Quebra Pedra. As duas entidades são os padrinhos do grupo, sendo que o nome das calungas, Bárbara e Quebra Pedra (calunga macho) são em homenagem a elas. As calungas são de pano e foram encomendadas a um artesão do mercado São José. Uma curiosidade interessante é que uma delas, Dona Bárbara, é branca, e a outra Sr. Quebra Pedra é negra. Essa descrição torna clara a ligação do Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição com o xangô e a jurema. As calungas são carregadas pelas damas do paço chamadas Maria do Bom Parto da Silva e Laudicéa Maria da Conceição, sendo ambas senhoras de idade e frequentadoras do terreiro de Mãe Miriam, ocupando o cargo desde a fundação do grupo. A rainha, que também está no grupo desde o início, se chama Severina Gomes, ialorixá de um terreiro localizado nas proximidades da sede, assim como o rei Rinaldo de Oliveira, este no grupo há cinco anos. O mestre do maracatu reside em Nova Descoberta, e os ensaios do grupo ocorrem o ano todo, aos sábados à tarde, na Rua da Macaíba, no Alto Zé do Pinho, comunidade localizada próxima ao Morro da Conceição, em frente à residência de sua mãe. Os ensaios ocorrem no local por duas razões, primeiramente por conta da vizinhança de Mãe Miriam que não gosta de barulho e segundo por conta de grande parte dos instrumentos da nação pertencerem ao mestre, que os guarda na casa de sua mãe. Os instrumentos utilizados pelo maracatu são as alfaías, abês, caixas e taróis, mineiros e gonguês. Para tomar parte no batuque basta avisar ao mestre ou à D. Miriam. Os batuqueiros recebem uma remuneração por apresentação. Para tomar parte no cortejo, o procedimento é parecido, basta conversar com D. Miriam. O maracatu empresta o figurino para a apresentação, a pessoa devolve após o encerramento e por vezes também recebe remuneração. Os figurinos são todos confeccionados pela referida maracatuzeira, com o auxílio de três costureiras contratadas e remuneradas, que não fazem parte do maracatu. O Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição ainda não participou da Noite dos Tambores Silenciosos, Abertura do Carnaval ou Ensaios com Naná Vasconcelos, porém as lideranças da agremiação têm interesse em se inserir nesse contexto. O grupo tornou-se sócio da Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) no ano de 2011.		
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Áudio - Leônidas e Miriam (Lira do Morro da Conceição)	Nº	Cf. anexo 2: 1084
CONTATOS		Nº	
	Leônidas Pinto de Almeida Anexo 4 (Recife)		37

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Oxum Mirim				IDENTIFICADO		43
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 2002 até os dias atuais.	LUGAR	Afogados, Recife.			
	Descrição	O Maracatu Nação Oxum Mirim, com fundação em 02/04/2002, tem sede localizada na Rua Teófilo Towrtz, quase na esquina com a Rua Santa Edwiges, no bairro popular de Afogados, Zona Oeste do Recife. O grupo é composto não só por pessoas da própria comunidade e arredores como Bongri					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	e Prado, além de pessoas de comunidades mais distantes como Ibura e Cajueiro Seco, essa em Jaboatão dos Guararapes. O batuque é composto por crianças, adolescentes e jovens, sendo a sua maioria do sexo masculino, e a corte é composta por pessoas de faixa etária heterogênea, sendo a quantidade de homens e mulheres equivalente. Os ensaios do batuque ocorrem de setembro até o carnaval, na Rua Santa Edwiges ou na Rua Fazenda Nova, locais próximos da sede e também da residência de Dona Mauricéia Inácio Paixão de Melo, presidente e fundadora da nação. A referida senhora, passou a infância participando do Maracatu Nação Almirante do Forte, localizado no Bongí, junto de seus pais, irmãos e vizinhos, já que sempre residiu nas proximidades de Afogados. No entanto, Dona Mauricéia afirma que no ano de 2000, ela recebeu do Sr. Antônio José da Silva Neto, conhecido por Sr. Teté, principal articulador do grupo, o convite para ser rainha da nação. O convite a deixou muito feliz, porém pouco tempo depois ela afirma que o Sr. Antônio mudara de ideia. Dona Mauricéia ficou decepcionada e decidiu fundar um maracatu nação dentro de sua própria família. O nome Oxum Mirim foi escolhido por ser uma homenagem à Oxum de Dona Mauricéia, que é Oxum menina, criança. O referido maracatu possui vínculos somente com o xangô, tendo como entidades protetoras Oxum e Xangô, por isso, suas cores são o amarelo e o vermelho. As calungas da nação, Dona Bárbara e Dona Carmelita, representam os orixás Iansã e Oxum, sendo seguradas pelas damas do paço Lucicleide e Márcia respectivamente. As calungas recebem obrigação em um terreiro localizado em Engenho do Meio, relativamente distante de Afogados. Todos os familiares e muitos vizinhos de Dona Mauricéia se afastaram do Maracatu Almirante de Forte e resolveram colaborar para colocar o Oxum Mirim na rua. Com o esforço de todos, o maracatu conseguiu desfilar como aspirante no Concurso das Agremiações Carnavalescas já no carnaval de 2003, um ano após a fundação do grupo. Os instrumentos musicais, figurinos e adereços haviam sido todos comprados com as economias da família de Dona Mauricéia. Com os anos, o maracatu foi ascendendo no concurso até chegar ao grupo especial em 2012. Como sua colocação não foi boa, em 2013 a nação volta a desfilar no grupo 1. Ao longo dessa trajetória, o grupo contou com a presença do mestre Levi Lima, percussionista residente da comunidade de Cajueiro Seco, em Jaboatão dos Guararapes. Levi permaneceu com a nação de 2004 a 2011. O Maracatu Oxum Mirim possui em seu repertório toadas de autoria dos próprios maracatuzeiros da nação, muitas delas com temática tradicional (sobre o próprio maracatu, sua corte real, símbolos e lugares) e outras também que fazem referência a elementos do xangô (culto aos orixás), principalmente ao orixá que rege a nação, Oxum. O baque desse maracatu tem como base baques de marcação chamados luanda, martelo e baque de parada e virações em cima desses baques. As virações são sistematizadas e entre um baque e outro são acrescentadas ainda inovações como convenções e paradinhas. De acordo com o mestre Levi Lima, que regeu o maracatu até 2011, os baques de luanda, martelo e parada são a base que segura o maracatu, e as convenções servem para trazer um diferencial ao baque. Por esta razão, o Maracatu Oxum Mirim poderia ser classificado como um maracatu de sonoridade recente, de acordo com os critérios estabelecidos pelo antropólogo Ernesto Ignácio de Carvalho em sua dissertação de mestrado (vide anexo 1, bibliografia). Os batuqueiros do Oxum Mirim não recebem dinheiro para tocar no maracatu, mas Dona Mauricéia sempre lhes fornece transporte, alimentação e as condições estruturais para que os batuqueiros sejam bem tratados durante ensaios e apresentações. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.						
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Videos – Mauriceia (Oxum Mirim)	Nº		Cf. anexo 2: 952			
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)			Cf. anexo 2: 761 até 763			
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Especial) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Especial com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim e Porto Rico)			Cf. anexo 2: 764 até 767			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				PE	01	00	12	F1-	A3
--------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 770
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 771
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2: 772 até 774
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Sede) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos nas Sedes com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Gato Preto, Leão da Campina e Oxum Mirim)		Cf. anexo 2: 775 e 776
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791
CONTATOS		Nº	
	Mauricéia Inácio da Paixão de Melo Anexo 4 (Recife)		42

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Porto Rico				IDENTIFICADO		44
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Década de 1980 aos dias de hoje.	LUGAR	Bode/Pina, Recife.			
DESCRIÇÃO	A Nação do Maracatu Porto Rico, com fundação, de acordo com suas lideranças, em 07/09/1916, é um maracatu nação muito conhecido no Recife e arredores, possuindo sede na Rua Eurico Vitrúvio, nº483. A comunidade na qual o maracatu se encontra é conhecida popularmente como Bode e se situa no bairro do Pina, Zona Sul do Recife. As pessoas que compõem o maracatu são provenientes, não só do Bode, como também de outras comunidades do Recife como Brasília Teimosa, Ilha de Deus, Ipsep e Ibura, além de contar com pessoas de classe média vindas de diferentes bairros do Recife, Olinda e Jaboatão e finalmente pessoas de classe média de outras cidades do Brasil, que se juntam ao grupo no período carnavalesco, saindo de São Paulo, Santos, Curitiba, Rio de Janeiro, Florianópolis, Londrina, Porto Alegre, dentre outras cidades (KOSLINSKI, 2010). Os batuqueiros do grupo são, em sua grande maioria, adolescentes e jovens, porém existe também a presença de crianças e pessoas de meia idade (essas de classe média). A quantidade de homens é superior a de mulheres, porém, com os anos, esse número vem se equilibrando. No carnaval de 2010, o grupo desfilou com 147 batuqueiros, 38% pertencentes ao Bode, 31% de outras comunidades do Recife e arredores, 21% da classe média do Recife e arredores e 10% da classe média de outras cidades do Brasil. A quantidade de pessoas na corte não é tão precisa						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
	quanto a dos batuqueiros, porém estima-se que o grupo tenha saído com 200 passistas, sendo em média 50% pertencentes ao Bode e o restante pertencente a outras comunidades ou provindo das quadrilhas juninas e grupos de dança contratados e remunerados pelo maracatu (KOSLINSKI, 2010). De acordo com as lideranças, o restante dos maracatuzeiros não é remunerado, e as pessoas de classe média pagam pelo seu instrumento e figurino ao desfilar, mesmo que o figurino (no caso da corte) precise ser devolvido. Os ensaios do batuque ocorrem em frente à sede do grupo nos meses de setembro até o período do carnaval. No entanto, ao longo do ano, o mestre Chacon ministra oficinas do baque do maracatu Porto Rico na sede da Federação Carnavalesca aos sábados e domingos. As pessoas que frequentam a oficina são em sua maioria de classe média e as oficinas são pagas. Chacon Vianna, filho da Rainha Elda Viana, é mestre do batuque desde o ano 2000. Já D. Elda é rainha desde 1980. No entanto, no passado existiram outros maracatus nação que também se chamavam Porto Rico (KOSLINSKI, 2010; LIMA, 2005, 2008). A historiografia aponta para a existência de diversos maracatus denominados “Porto Rico” no fim do século XIX e início do XX. A referência mais antiga se trata de um Porto Rico existente na cidade de Palmares, Zona da Mata Sul do estado de Pernambuco (GUERRA-PEIXE, 1950). Outras referências partem das listas de permissão para os maracatus desfilarem do início do século XX, publicadas nos jornais locais. Nessas listas, observou-se a existência de diversos maracatus “Porto Rico”, mesmo que acrescido de outros termos, como por exemplo, “Dona Carolina do Porto Rico” (LIMA, 2005). Já nas décadas de 1930 e 1940, essas mesmas listas apontam para a existência simultânea de dois grupos homônimos, o Porto Rico de Água Fria, liderado por Pedro da Ferida e o Porto Rico de Afogados, liderado por Francisco de Barros, sendo que além das listas, relatos de memória testemunham não só a existência de tais grupos, como também seus encerramentos na década de 1950. Mais tarde, em 1967, o Babalorixá Eudes Chagas, que possuía terreiro no Pina, resolve fundar um maracatu e denomina-o Porto Rico do Oriente. Segundo a antropóloga Katarina Real, que colaborou na fundação da agremiação, o termo “do Oriente” havia sido acrescentado por Eudes para diferenciar seu grupo do antigo Porto Rico de Pedro da Ferida (REAL, 1990, 2001). Com a morte de Eudes Chagas em 1979, o Maracatu Porto Rico do Oriente encerra suas atividades e seus artefatos passam a pertencer à União, sendo resguardados numa sala da Universidade Federal Rural de Pernambuco. No entanto em 1980, dois grupos diferentes, sendo um deles composto pelos familiares de Eudes, decidem colocar o maracatu novamente na rua com a ajuda de ativistas culturais como Armando Arruda. Após uma disputa pela posse do grupo, D. Elda Viana é intitulada rainha, por Armando Arruda, e os familiares de Eudes acabam fundando um grupo com outro nome, Maracatu Nação Encanto do Pina. Para evitar indisposições judiciais com os familiares do falecido rei, D. Elda Viana e seus parceiros decidem retirar o termo “do Oriente”, intitulando-se Nação do Maracatu Porto Rico. Apesar da historiografia sobre os maracatus nação de Recife apontarem para a existência de diversos grupos homônimos, aparentemente independentes entre si, os atuais líderes consideram-se continuadores do grupo de Palmares, de Pedro da Ferida e de Eudes Chagas, adotando como data de fundação 07/09/1916, que segundo eles é o primeiro registro oficial encontrado do Maracatu Porto Rico. O grupo tem por símbolo uma caravela chamada Santa Maria, mesmo símbolo utilizado pelo Maracatu Porto Rico do Oriente de Eudes. Outra referência ao maracatu de Eudes é apontada também no orixá patrono da nação, Ogum, que era o orixá do antigo rei. As cores do grupo, verde e vermelho, são as atribuídas ao orixá dentro da tradição nagô. O terreiro que abriga as obrigações do grupo é de tradição jêje com nagô, trabalhando não só com o xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco), como também a jurema. A ligação do maracatu com o xangô se dá por meio da tradição nagô, já que o maracatu de Eudes trabalhava sob essa perspectiva. No entanto, o grupo possui também vínculos com a jurema, por meio de uma mestra chamada Elizabete, que incorpora em D. Elda, que, além de rainha, é ialorixá da nação. A relação com a religião também se expressa pelas calungas D. Inês, que representa o orixá Iansã, D. Elizabete (nome dado em homenagem à mestra Elizabete), que representa Oxum, e Dona Bela, também chamada de “bruxa de pano”, que representa Exu. As outras calungas foram confeccionadas em madeira. As damas do paço responsáveis pelas calungas são Silvania Maria dos Santos, que carrega D. Inês e Edileuza Melo, que carrega D. Bela. A dama do paço responsável pela calunga D. Elizabete geralmente muda muito, por isso, os maracatuzeiros não souberam apontar quem era a responsável. Outras pessoas que compõem as lideranças do grupo são Edileuza Lira da Silva, filha de Dona Elda e princesa da nação, o rei Riva de Oxum e o carnavalesco Paulinho, responsável pelo figurino do grupo. Desde os anos 1980, a Nação Porto Rico desfila no grupo especial do Concurso das Agremiações Carnavalescas, obtendo muitos títulos. No entanto, se até o fim da década de 1990 ela disputava a liderança com o Maracatu Nação Elefante, da Rainha Madalena, no início dos anos 2000, ele passa a disputar com					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	o Maracatu Nação Estrela Brilhante, liderado pela Rainha Marivalda e o Mestre Walter. O repertório musical da Nação Porto Rico compõe-se de toada de domínio público, que também se fazem presentes nos repertórios de outras nações e toada de autoria do mestre, de seus maracatuzeiros ou de parceiros. Uma das características mais marcantes das toadas autorais da Nação Porto Rico é a forte temática religiosa, onde as toadas fazem referências aos orixás ou entidades da jurema, contendo inclusive o toque ou ponto dessas entidades dentro de sua parte rítmica. Ainda assim, a nação trabalha também com toada de temática mais tradicional, que fazem referência à história ou a símbolos do maracatu, e por vezes ao Brasil ou África. O baque do Porto Rico possui ritmo mais acelerado composto de baques de marcação, denominados luanda e martelo, além de virações em cima desses baques, chamadas biancó, ian e iandarrum, realizadas simultaneamente e se encaixando uma na outra, como se fosse um esquema de perguntas e respostas (termo utilizado pelo mestre Chacon). O baque do Porto Rico é sistematizado, possui também uma série de convenções, o que o coloca dentro da categoria dos maracatus de sonoridade recente, segundo dissertação de Ernesto Ignácio de Carvalho (vide bibliografia). Os bombos são tocados com um galho de goiabeira na mão esquerda, o que confere um toque com menos potência na pele, enquanto a mão direita carrega uma baqueta de madeira, dando a batida mais forte. Musicalmente, o baque do Porto Rico diferencia-se também pelo uso dos atabaques. Os instrumentos utilizados pelo grupo são as alfaias, caixas e taróis, atabaques, gonguê, mineiros e abês. As alfaias e abês são confeccionados pelos batuqueiros da nação na própria sede do grupo e o restante é comprado com artesãos ou em lojas de instrumentos musicais. Os recursos da Nação do Maracatu Porto Rico vêm por meio de subvenção por parte da Prefeitura da Cidade do Recife, apresentações realizadas por contrato das iniciativas públicas ou privadas e oficinas ministradas pelo Mestre Chacon no Recife ou em outras cidades do Brasil e do mundo (Chacon é chamado para ministrar oficinas pela Europa quase todos os anos). O grupo também comercializa CDs (um produzido em 2003 e o outro em 2009), camisetas, bolsas, porta-baquetas e outros produtos com tecido produzido especialmente para a nação. O tecido é estampado com diversos símbolos e frases com referência ao grupo. Além disso, em 2010, o grupo foi contemplado como Ponto de Cultura pela FUNDARPE e MINC, obtendo recursos para a reforma da nação e manutenção de oficinas e projetos de cunho social. As celebrações mais importantes para o grupo são aquelas ocorridas no carnaval como Concurso das Agremiações Carnavalescas, Noite dos Tambores Silenciosos e Abertura do Carnaval, assim como para a maioria dos maracatus nação. Outras celebrações realizadas pelo maracatu, fora do período carnavalesco, são as obrigações religiosas antes do carnaval, a obrigação para a mestra Elizabete no mês de novembro e o aniversário da nação em setembro, que também é conhecido como “Noite do Dendê”. A festa é realizada em frente à sede do maracatu, contando com a participação de outras agremiações da cidade, sacerdotes dos xangôs e jurema, além de pessoas da comunidade e quem mais quiser aparecer. A festa ocorre neste formato desde 2009 e tem aglutinado considerável número de pessoas. Este maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.						
REGISTROS						Nº	
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)						Cf. Anexo 2 761 até 763
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Especial) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Especial com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim e Porto Rico)						Cf. Anexo 2 764 até 767
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)						Cf. Anexo 2 770
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero)						Cf. Anexo 2 771

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	(Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. Anexo 2 772 até 774
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)		Cf. Anexo 2 781 até 784
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. Anexo 2 789 até 791
CONTATOS	Jailsom Viana Chacom Anexo 4 (Recife)	Nº	31

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Raízes de Pai Adão				IDENTIFICADO		45
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1998 até os dias atuais.	LUGAR	Rua Abdon Lima,68 Água Fria, Recife.			
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Raízes de Pai Adão foi fundado em 20/01/1998 e pertence aos familiares do renomado Pai Adão, que foi o quarto babalorixá do terreiro denominado Obá Ogunté, também conhecido como Sitio de Pai Adão. A referida nação possui como componentes do batuque pessoas do próprio bairro de Água Fria como também batuqueiros de comunidades próximas como Alto Santa Terezinha. A faixa etária do grupo é homogênea, possuindo em seu batuque muitos adolescentes, mas também alguns jovens e crianças. O número de homens é maior que o de mulheres. O Raízes de Pai Adão encontra-se atualmente no grupo especial, tendo subido de categoria ano a ano, desde 2008, salientando-se que em 2012 desfilou no grupo 1. O grupo possui como cores oficiais o azul e o branco e seu orixá protetor é Iemanjá. Antes de fundarem o Maracatu Raízes de Pai Adão, Itaiguara Felipe da Costa e seu primo Cosme (Inaldo Costa do Nascimento) tocavam em grupos de samba reggae, além de acompanharem e prestigiarem outras agremiações, como afoxés, escolas de samba e outros maracatus. Em 20/01/1998, no entanto, eles resolveram fundar uma agremiação dentro da própria família, para a diversão de parentes amigos e vizinhos, e, como já admiravam muito o ritmo do maracatu acabaram escolhendo a referida manifestação como agremiação. Ninguém da família se opôs, e o maracatu passou a ensaiar e se apresentar em eventos mais fechados, no âmbito familiar e comunitário mesmo. Foi apenas em 2003 que o maracatu desfilou pela primeira vez no carnaval, saindo no grupo de acesso. Em 2006 e 2007, por razões pessoais, o maracatu não desfilou. Já em 2008, ele voltou às ruas com mais ânimo, sendo campeão do grupo de acesso e logo foi campeão do grupo 2, em 2009, e do grupo 1, em 2010, e em 2011 já desfilou no grupo especial. Como sua colocação não foi boa, em 2012 ele desfilou novamente no grupo 1 e, para 2013, voltará a desfilar no grupo especial por conta de sua boa						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	colocação. No dia 6 de dezembro de 2011, a enfermeira particular e cuidadora de idosos Lígia Rosalina da Silva foi coroada como Rainha do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão. A cerimônia ocorreu em frente à Igreja do Rosário dos Homens Pretos de Recife, localizada no bairro de Santo Antônio. O Baque do Raízes de Pai Adão conta com aproximadamente 70 batuqueiros, a maioria do Alto do Pascoal e Água Fria, liderados por Mestre Leandro, antigo batuqueiro do Leão Coroado, Estrela Brilhante e Indiano. O jovem mestre é parente em terceiro grau da Rainha Madalena (Elefante) e do Mestre Luís de França (Leão Coroado). A sede do maracatu fica localizada na Rua Abidon Lima, 86, no bairro de Água Fria, por trás do Sítio de Pai Adão. O referido bairro situa-se na Zona Norte do Recife, fazendo fronteira com o Alto Santa Terezinha, Arruda e Beberibe. O bairro é bastante conhecido também por sediar o Sítio de Pai Adão, terreiro de tradição nagô mais antigo da cidade. Na sede da agremiação funciona também o terreiro do Sr. Malaquias Felipe da Costa, filho de Pai Adão. As atividades do maracatu também ocorrem no Instituto Vida, espaço destinado aos projetos sociais da agremiação. Os ensaios do maracatu ocorrem na esquina da rua em frente à sede. Esse espaço é onde terminam duas ruas, formando assim um espaço vago com pouca passagem de veículos. O Maracatu Raízes de Pai Adão possui em seu repertório toadas de domínio público, ou seja, também executadas por outras nações, apresentando apenas pequenas variações, além de toadas de autoria dos próprios maracatuzeiros da nação, muitas delas com temática tradicional (sobre o próprio maracatu, sua corte real, símbolos e lugares) e outras também que fazem referência a elementos do xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco) de tradição nagô, à história e à memória do Sítio de Pai Adão. De acordo com suas lideranças, o baque do grupo nos primeiros anos soava como os baques mais tradicionais, sem tanta sistematização de baques ou convenções, aproximando-se do que o antropólogo Ernesto Ignácio de Carvalho define como sonoridade antiga (vide anexo 1 bibliografia). É possível compreendermos a existência desse estilo na referida nação ao pensarmos que Leandro Santos, seu mestre, formou-se como batuqueiro através de Mestre Toinho, quando este estava no Maracatu Elefante, além de já ter sido batuqueiro no Maracatu Gato Preto, que também mantém uma estética mais antiga em seu modo de tocar. No entanto, com os anos, o baque foi ficando mais “estilizado”, nas palavras do próprio Itaiguara, ainda mais com a inserção dos agbês, que dão um swing diferente à levada do maracatu. De fato, o presidente Itaiguara afirma que o baque de seu maracatu tem mudado com o tempo, principalmente na busca de uma identidade própria. Ele compreende também que isso, às vezes, leva um bom tempo para acontecer, mas que já estão percorrendo esse caminho. O baque desse maracatu tem como base os baques chamados luanda, arrasto, martelo e baque de parada, com virações diferenciadas em cima de cada uma dessas bases. Os instrumentos utilizados são bombo, mineiro, gonguê, caixa, tarol e agbê. Os instrumentos pertencem ao maracatu, sendo que alguns são confeccionados pelo maracatuzeiro Jorge Fernandes Carneiro, que faz parte da diretoria, e outros encomendados de artesãos ou comprados em lojas de instrumentos musicais. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.						
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Videos – Itaiguara (Raízes de Pai Adão)	Nº	Cf. anexo 2: 954				
	INRC – Fotografias – Raízes de Pai Adão (Grupo de Fotos da Coroação do Rei e Rainha do Maracatu)		Cf. anexo 2:741				
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)		Cf. anexo 2:761 até 763				
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Um) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo um com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Encanto do Pina, Estrela Dalva, Gato Preto e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2:769				
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto		Cf. anexo 2:770				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2:771
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf. anexo 2:772 até 774
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)		Cf. anexo 2:781 até 784
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2:789 até 791
CONTATOS		Nº	
	Itaiguara Felipe da Costa Anexo 4 (Recife)		28

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Rosa Vermelha				IDENTIFICADO		46
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 2001 até os dias atuais.	LUGAR	Bairro dos Coelhos, Recife.			
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Rosa Vermelha foi fundado em 05/03/2001 no bairro dos Coelhos, localizado na região central da cidade do Recife. De acordo com os seus dirigentes, Samuel Augusto Bezerra de Melo, presidente, e sua mãe, Rosa Maria Ferreira de Souza, vice-presidente, o maracatu foi criado em decorrência dela e de alguns dos seus familiares terem saído do maracatu Elefante, grupo em que desfilaram por mais de 20 anos. Dona Rosa como baiana rica e os demais da sua família como batuqueiros. Ao se desligarem do Elefante, após a morte de Rosinete, Dona Rosa decidiu fundar o seu próprio maracatu. A relação de amizade e confiança que mantinha com Rosinete parece ter sido significativa tanto para se pensar a trajetória desta família naquele maracatu, quanto em relação à formação do Rosa Vermelha. Conta Dona Rosa que, inclusive por diversas vezes, sonhou com Rosinete lhe pedindo para que assumisse o comando do Elefante. Pedidos que só cessaram quando da criação do seu maracatu. Levando em consideração a importância deste evento, a existência do grupo Rosa Vermelha também parece estar marcada por narrativas que, em alguma medida, foram determinantes na sua formação. De uma forma ou de outra, a vivência no Elefante fez Dona Rosa se identificar com o universo do maracatu, fazendo dele parte da sua vida, atribuindo-lhe sentidos e valores. O nome da agremiação foi dado por um amigo de Dona Rosa, funcionário da prefeitura do Recife, em alusão ao nome dela, sendo o vermelho por referência à rosa vermelha, símbolo da nação. Assim ficou “Rosa Vermelha” e, consequentemente, foram						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	tomados o verde e o vermelho como as principais cores de destaque. A realeza desta nação é representada pela filha de Dona Rosa, que também cuida das finanças do grupo. As calungas Dona Isabel, Dona Izabele e Dom Luíz sintetizam o plano sagrado do maracatu. Seus nomes foram dados por Samuel que, por intuição e em homenagem a princesa Isabel, assim os nomeou. No início, o grupo era formado basicamente pelos familiares de Dona Rosa (filhos e netos) e desfilava somente com o batuque, embora fosse reconhecido pelos mesmos como um maracatu. Nessa época, não havia integrantes suficientes para compor a corte. Por essa razão, desfilava somente no bairro dos Coelho. Com o tempo, as pessoas da comunidade e de outros bairros, como Santo Amaro, Areias e Casa Amarela, foram integrando-se ao grupo, incentivando e trabalhando para a sua manutenção e, aos poucos, o maracatu foi se firmando, formando sua corte e se consolidando como agremiação. Atualmente, entre corte e batuque, o grupo possui aproximadamente 50 pessoas, entre adolescentes, jovens adultos e algumas crianças. À frente do batuque está Evandro de Melo Moura, neto de Dona Rosa, que também já foi batuqueiro do Elefante e do Porto Rico. As toadas cantadas pelo mestre e por Samuel, que também auxilia Evandro no batuque, são de domínio público, apresentando pequenas modificações, e de autoria de Samuel, as quais fazem alusão ao grupo, seus símbolos, suas cores e sua corte. Nota-se que o maracatu é um elemento importante não só para a família de Dona Rosa, que sempre esteve à frente do grupo, mas também para aqueles e aquelas que residem no bairro dos Coelho, uma comunidade pobre formada por pessoas de baixa renda e com muitos problemas de ordem social como tantas outras existentes nos grandes centros urbanos do Brasil. A presença do grupo nesta localidade, assim como acontece com outras nações de maracatu, parece contribuir nas relações de convivência e nos processos de socialização das pessoas que se ligam a ele direta ou indiretamente. Segundo Dona Rosa, tanto a Sede quanto a sua residência é sempre frequentada por integrantes do maracatu. O ingresso de novos integrantes foi fundamental para que essa nação conseguisse, entre 2009 e 2010, se apresentar fora da comunidade de origem, em eventos que antecedem o período momesco, como a "Quinta do Galo", programação festiva organizada pelos dirigentes do Galo da Madrugada na Praça Sérgio Loreto, no bairro de São José, e, agora em 2012, fazer parte das celebrações que congregam o período do carnaval, as quais têm os maracatus como atração principal, a exemplo da recém-criada Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos do Recife e da sua comemoração oficial realizada na segunda-feira de carnaval no Pátio do Terço, também no Bairro de São José. De acordo com Dona Rosa, outros eventos vêm sendo almejados, como o concurso das agremiações carnavalescas. No que diz respeito à parte religiosa, Dona Rosa afirma que esta normalmente não é feita como ocorre em outras nações de maracatu, as quais realizam obrigações por meio de sacrifício de animais. Neste maracatu, as calungas não recebem obrigação de sangue e a relação com o sagrado é feita através de orações e pedidos de energias positivas para o período carnaval. Entretanto, afirma Dona Rosa que as damas do paço fazem obrigações para seus orixás, além de cumprirem as regras de abstinência sexual, estarem fora do ciclo menstrual e não ingerirem bebidas alcoólicas durante todo o carnaval. Tendo em vista a importância das práticas religiosas e seus desdobramentos para pensar a dimensão sagrada dos maracatus, faz-se necessário aprofundar a pesquisa para melhor compreender como esses aspectos são significados e em que medida influenciam na forma de organização deste grupo. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde 2011.						
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Videos – Rosa Maria (Rosa Vermelha)	Nº		Cf. anexo 2: 955			
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)			Cf. anexo 2:781 até 784			
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)			Cf. anexo 2:787 e 788			
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto			Cf. anexo 2:789 até 791			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		
CONTATOS		Nº	
	Samuel Augusto Bezerra de Melo Anexo 4 (Recife)		47

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Sol Nascente				IDENTIFICADO		47
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1995 até os dias atuais.	LUGAR	Água Fria, Recife.			
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Sol Nascente foi um maracatu atuante na década de 1920, mas não se sabe quando foi fundado. Pouco se sabe sobre a origem deste grupo ou sua composição social na década de 1930. Apenas conhecemos o nome de seu Rei, Eduardo, que gozava de grande prestígio entre os carnavalescos do período, uma vez que é, por várias vezes, mencionado nos jornais. Vítima da intolerância religiosa e cultural afrodescendente desenvolvida durante o Estado Novo, o Sol Nascente teve suas atividades encerradas após o carnaval de 1937. A segunda fase do Maracatu Nação Sol Nascente deve-se à atuação de Ubiracy Barbosa Ferreira, integrante do Balé Primitivo do Recife e fundador do Bacnaré. Decorridos 50 anos, Ubiracy Barbosa Ferreira reativou o maracatu. Sob sua direção, o Maracatu Sol Nascente excursionou na Polônia, Bélgica e Espanha. Atualmente a sede está localizada na Rua Raul Pompéia, 462, no bairro de Água Fria, Recife, Pernambuco, onde a comunidade também mantém relações com outras formas de expressão da tradição cultural popular durante o ano, tais como queima de lapinha, coco, ciranda, etc. É importante destacar que o grupo atua tanto no maracatu como no Bacnaré. A música do Sol Nascente busca a manutenção e continuidade da estrutura estética das toadas tradicionais da época de sua criação, o que implica observar que o repertório musical do Sol Nascente compõe-se predominantemente de toadas de temática mais tradicional, que fazem referência à história ou aos símbolos do maracatu e por vezes ao Brasil ou à África.						
REGISTROS	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos do Maracatu Nação Sol Nascente)				Nº	Cf anexo 2: 787 e 788	
CONTATOS	Ubiracy Barbosa Ferreira Anexo 4 (Recife)				Nº	48	

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Tupinambá				IDENTIFICADO		48
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1998 até os dias atuais.	LUGAR	Córrego do Jenipapo, Recife.			
DESCRIÇÃO	O Maracatu Nação Tupinambá, com fundação em 03/03/1998, é localizado na Rua Araripe Junior, 39, na comunidade do Córrego do Jenipapo. O grupo é composto principalmente pelas pessoas da própria comunidade e de algumas comunidades circunvizinhas. O batuque é composto por						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	crianças, adolescentes, alguns jovens e homens, na maioria. O referido maracatu transita entre o grupo de acesso e o grupo 2. O Tupinambá tem ligação com a jurema e com o xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco), sendo regido por Oxum. As cores do grupo são vermelho, amarelo e branco. O nome Tupinambá foi dado ao maracatu em homenagem a um caboclo, entidade pertencente à jurema e umbanda. O mestre do maracatu é Luiz José de Melo (que também ajudou na fundação), conhecido por Mestre Luis, e o contramestre é Gustavo Henrique da Cruz. Maria Carolina da Silva Neta Melo, conhecida por Carol, é a responsável por cantar as toadas ao longo das apresentações e desfiles. Quando interpelados sobre a história do Tupinambá, Carol e Mestre Luís relatam que há muito tempo acompanhavam as apresentações de agremiações referentes à cultura popular na cidade. Foi então que eles sentiram a necessidade de implantar uma agremiação em sua comunidade, para que as crianças, jovens e adolescentes obtivessem uma ocupação. Eles também acreditavam que as pessoas da comunidade não tinham muito conhecimento sobre a cultura popular de Pernambuco. Em 1998 fundaram o Grupo Cultural Tupinambá (nome sugerido pelo próprio caboclo Tupinambá), que trabalhava com vários folguedos, dentre eles o maracatu nação. Deste modo, o Maracatu Nação Tupinambá é uma vertente do grupo cultural Tupinambá. Segundo o depoimento cedido por Carol, existem atualmente alguns debates dentro da nação entre os coordenadores para o nome da nação ser alterada para “Corrente Africana”. No entanto, essa mudança não foi realizada devido a todo o processo de estatuto e CNPJ que envolvem a nação. O grupo Tupinambá participou do Concurso das Agremiações Carnavalescas pela primeira vez em 2003 e atualmente transita entre os grupos 2 e 1. O Maracatu Nação Tupinambá possui em seu repertório toadas de domínio público, ou seja, também executadas por outras nações, apresentando apenas pequenas variações, além de toadas de autoria dos próprios maracatuzeiros da nação, muitas delas com temática tradicional (sobre o próprio maracatu, sua corte real, símbolos e lugares) e outras que fazem referência a elementos do xangô. Os nomes das calungas do Tupinambá são Benedita e Raio de Luar. Dentro do Maracatu Nação Tupinambá existe uma hierarquização em relação à utilização dos instrumentos, onde os membros mais antigos tocam as alfaias de macaíba. Segundo a depoente Carol, o grupo não quer tocar outros tipos de alfaias que não sejam as de macaíba, essa escolha se daria pela energia que o instrumento transmite. Em seus depoimentos, Mestre Luís narra a importância da figura do mestre enquanto um articulador do grupo e transmissor de conhecimento aos membros mais jovens do maracatu. Dessa forma, Luís recorre a outros mestres e percursionistas para ensinar sobre a musicalidade para os integrantes do Maracatu Tupinambá. Esse maracatu pertence à Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE) desde a fundação da instituição em 2009.					
REGISTROS	Inventário Cultural dos Maracatus – Entrevistas – Videos – Carol (Tupinambá)	Nº	Cf. anexo 2: 958			
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Dois) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Dois com os Maracatus Nação: Encanto do Dendê, Linda Flor, Tigre e Tupinambá)		Cf. anexo 2: 768			
	INRC – Fotografias – Visita as Sedes (Grupo de Fotos de Visita as Sedes dos Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Encanto da Alegria, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão Coroado, Linda Flor, Nação de Luanda, Oxum Mirim, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Tigre, Tupinambá, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Porto Rico, Aurora Africana e Estrela Brilhante de Igarassu)		Cf. anexo 2: 789 até 791			
CONTATOS		Nº				
	Maria Carolina da Silva Neta Melo Anexo 4 (Recife)		40			

DENOMINAÇÃO	Maracatus Mirins					IDENTIFICADO		49
							NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO		☐ MEMÓRIA		☐ RUÍNA
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde a década de 1990.	LUGAR	Comunidades periféricas do Recife e arredores.	
DESCRIÇÃO	Maracatus Mirins tratam-se de grupos de maracatu formados por crianças, sendo alguns desses grupos ligados a ONGs que trabalham com crianças e adolescentes e outros ligados aos maracatus nação considerados tradicionais. Os primeiros maracatus mirins de que se tem notícia são aqueles ligados a ONGs, até mesmo porque, de acordo com muitos maracatuzeiros, até o fim dos anos 1990, era muito comum que mestres de batuque não permitissem a participação de crianças. Tudo indica que o primeiro maracatu mirim que surgiu foi o Nação Erê, em 1993, a partir da ONG Centro de Educação Popular Maílde Araújo, localizado na comunidade de Brasília Teimosa, zona Sul do Recife. De acordo com seus articuladores, a ONG existia desde 1983, com o foco em alfabetização de adultos, utilizando-se os preceitos de Paulo Freire. Com o tempo, os filhos desses jovens atendidos passaram a frequentar o espaço que foi mudando seu foco de ação para crianças e jovens. Em 1993, os coordenadores da ONG conversaram com alguns maracatuzeiros do Maracatu Nação Encanto do Pina, na época comandado pela ialorixá Maria de Sônia, e pediram auxílio para o aprendizado dos baques, toadas e organização da corte, confecção de instrumentos e figurinos de um maracatu nação. Após essa vivência, é formado o Nação Erê (a palavra Erê, nas religiões dos orixás designa um estado infantil no qual o indivíduo se encontra, o Erê é considerado o intermediário entre uma pessoa e seu orixá, sendo popularmente associado à figura de uma criança). O Nação Erê possui batuque e corte e é considerado pelos seus atuais articuladores como um maracatu nação, por mais que não possua vínculos religiosos. Para os articuladores do grupo, para que um maracatu seja uma nação é necessário batuque e corte. O baque executado pelo grupo atualmente é sistematizado, possuindo viradas e convenções bem marcadas, aproximando-se do que algumas pessoas designam como baque estilizado, ou ainda baque de sonoridade recente, se tomarmos como base a classificação realizada pelo antropólogo e etnomusicólogo Ernesto Ignácio de Carvalho (vide anexo 1). Os figurinos são confeccionados pelos educadores ou colaboradores da ONG e os instrumentos são em sua maioria comprados em lojas de instrumentos musicais. O Maracatu Nação Estrelar, que também possui grande visibilidade entre os maracatus mirins, surgiu em 1994, a partir do interesse das crianças da ONG Daruê Malungo, localizada na comunidade de Chão de Estrelas, Zona Norte do Recife. A ONG já realizava oficinas de dança, capoeira, artes plásticas e percussão para crianças e adolescentes. No entanto, o trabalho de percussão tinha como ritmo base o samba reggae, composto por adolescentes. As crianças mais novas pediram para formar um grupo para si, mas que utilizasse outro ritmo, no caso o maracatu. O grupo se formou e foi denominado Maracatu Nação Estrelar em homenagem à comunidade Chão de Estrelas. No início, o grupo teve a colaboração do artesão de instrumentos e percussionista Maureliano, que, além de ter ministrado oficina para a confecção de instrumentos e assumido a regência do batuque ao lado do educador Meia Noite, ajudou também a confeccionar os figurinos de Rei e de Rainha. Assim como o Nação Erê, o Nação Estrelar possui batuque e corte, porém, não se consideram como sendo um maracatu nação justamente por não possuírem vínculos religiosos. Atualmente, os dois maracatus mirins supracitados obtiveram bastante visibilidade nos anos 1990. De acordo com seus articuladores, isso ocorreu por conta da novidade que era para a época a existência de maracatus compostos por crianças, pela pouca concorrência no mercado cultural, já que existiam poucos grupos naquele estilo, e por conta do interesse que o ritmo do maracatu estava despertando nas pessoas, por conta, de acordo com os articuladores dos referidos grupos, do surgimento do Maracatu Nação Pernambuco e da ascensão do movimento Mangue Beat, principalmente através da banda Chico Science e Nação Zumbi. Atualmente, o espaço para apresentações dos maracatus mirins ocorre principalmente no período carnavalesco. Os principais espaços de apresentação estão na programação vespertina de alguns polos como o da Praça do Arsenal, apresentações nos polos descentralizados em suas comunidades de origem e a apresentação na Noite dos Tambores Silenciosos Mirins, que ocorre na tarde da segunda-feira de carnaval, no mesmo local onde posteriormente se realiza a Noite dos Tambores Silenciosos. No ano de 2012, desfilaram na Noite dos Tambores Silenciosos Mirins o Maracatu Nação Porto Rico Mirim, Maracatu Nação Peixinhos, Maracatu Nação Novo Pina, Maracatu Nação Cambinda Africano Mirim, Maracatu Nação Oxalá, Maracatu Filhos de Olorum, Maracatu Nação Cambinda do Amanhã, Maracatu Nação Estrelar, Maracatu Estrela do Mar, Maracatu Mirim Encanto da Alegria, Maracatu Nação Erê e Maracatu Nação dos Vunginhos. Desses, cinco pertencem a maracatus				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	nação considerados tradicionais, são eles: o Porto Rico, Cambinda Africano, Cambinda do Amanhã (ligado ao Cambinda Estrela), Encanto da Alegria e Nação dos Vunginhos (ligado ao Leão da Campina). Enquanto os outros grupos mirins surgiram principalmente da necessidade de se realizar um trabalho social, os outros maracatus mirins são os representantes da próxima geração de maracatuzeiros a integrar o batuque adulto, ou seja, o trabalho realizado no batuque mirim é um meio de garantir a continuidade do grupo. Não se nega que os maracatus mirins ligados a maracatus nação tradicionais não possuam um foco também na questão social, porém, não se deve negar que os sentidos de um maracatu mirim pertencente a uma ONG ou a uma nação de maracatu não são os mesmos. Os maracatus mirins pertencentes às nações, por exemplo, possuem vínculos religiosos. Tal vínculo é motivo de polêmicas dentre os próprios maracatuzeiros. Alguns deles afirmam, por exemplo, que, como o maracatu trata de evocar eguns, por questões de fundamento religioso, não deveria ser permitido que crianças participassem de uma cerimônia de caráter religioso, como a Noite dos Tambores Silenciosos Mirins. Outros acreditam que não há mal algum na formação dos maracatus mirins, já que eles estão ligados a um maracatu nação tradicional, esse sim responsável pela questão da religiosidade.		
REGISTROS		Nº	
	INRC – Fotografias – Maracatus Mirins (Grupo de Fotos de apresentação dos Maracatus Mirins na Noite dos Tambores Silenciosos – Cambinda Africano, Estrela do Amanhã, Estrela do Mar, Filhos de Olorum, Nação de Oxalá, Nação Erê, Nação Estrelar, Nação Novo Pina, Porto Rico, Vuginho)		Cf. anexo 2: 742 até 745
CONTATOS		Nº	
	Vilma Moura da Silva Anexo 4 (Recife)		49
	Izamar Martins de Santana Anexo 4 (Recife)		30

LUGAR (08)

DENOMINAÇÃO	Bairro do Recife				IDENTIFICADO		50
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde o século XVI até os dias atuais.	LUGAR	Bairro do Recife, região central do Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	O primeiro registro histórico do Bairro do Recife data de 12 de março de 1537, quando o então donatário da capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, recebeu a carta de doação da Coroa Portuguesa, o chamado Foral de Olinda. Na carta, o lugar era narrado como um ancoradouro de navios, onde mais tarde um lugarejo daria origem à futura capital de Pernambuco. O nome do bairro e da cidade se referia aos recifes de arenito (formação rochosa marinha presente em toda costa pernambucana). A paisagem do Bairro do Recife passou por transformações significativas ao longo do tempo, em parte, decorrente dos aterros realizados ligando as ilhas, formadas no delta, ao continente. O Recife, junto com os bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista, foram alguns dos bairros da cidade que passaram por sucessivos aterramentos. Uma das mudanças ocorridas na dinâmica do Bairro foi proporcionada por uma grande reforma urbana para melhoramento do porto, iniciada na década de 1910. O plano incluía aterros para ampliação da área do porto, construções de armazéns e a modificação do traçado urbano do Bairro, com o alargamento da Avenida Marquês de Olinda e a criação das avenidas Rio Branco e do Cais para ampliar o fluxo do tráfego em direção ao porto. Com esse novo traçado, o que havia de arquitetura						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
	civil colonial veio abaixo, com as inúmeras demolições que marcaram a construção da moderna paisagem do Bairro do Recife. Todo núcleo original foi demolido para dar lugar a um traçado influenciado pelo urbanismo francês do século XIX. Com a reforma, quase todo o bairro foi demolido, arrasando o que ainda restava de exemplares da arquitetura colonial. A reconstrução seguia um padrão, onde foram desenhadas avenidas largas e retas. Nessa época, também foram elaborados planos de saneamento para o bairro e iniciadas algumas obras. A reforma, no entanto, não levou em consideração a conservação do patrimônio histórico. Antes da reforma, cada prédio possuía um comércio no térreo e os outros andares eram habitados pela família do comerciante. Com a modernização, os prédios se inspiraram no sistema habitacional parisiense, com várias famílias habitando os andares e o comércio funcionando no térreo. Na época, não era hábito local viver em apartamentos, o que acabou contribuindo para o desinteresse das famílias em residir no Bairro do Recife. Com uma área territorial de 467,8 hectares, o Bairro do Recife Antigo, desde os anos 1990, é considerado um lugar de intensas atividades culturais. O Bairro caracteriza-se, na contemporaneidade, como um espaço de confluência cultural, que possui fronteiras simbólicas que são demarcadas a partir do uso que seus frequentadores fazem das suas ruas, praças e largos. Dessa forma, as várias intervenções públicas que esse bairro sofreu materializaram fronteiras entre os lugares, sobretudo durante a noite, onde ocorrem as festas. O Bairro do Recife é um espaço público, que se mantém com recursos da iniciativa privada, Prefeitura da Cidade do Recife e Governo do Estado. Dentre os espaços ocupados com atividades culturais no Bairro do Recife, destacamos os que mantêm uma maior relação com os maracatus nação: O Marco Zero, Rua da Moeda e Rua Mariz e Barros. Popularmente conhecida por Praça do Marco Zero, o Marco Zero do Recife é o ponto inicial das estradas que cortam o Estado, implantado em 1938 pelo Automóvel Clube de Pernambuco. O Marco Zero está localizado no bairro do Recife, entre as ruas Marquês de Olinda, Rio Branco e Barbosa Lima. Na praça existiu um busto do Barão do Rio Branco, escultura do francês Felix Charpeutier, colocada ali em 1917, razão pela qual era conhecida como Praça Rio Branco. Em 1999, a praça foi reformada através do projeto "Eu vi o Mundo... Ele começava no Recife", o busto foi retirado e em seu lugar colocou-se um painel do artista Cícero Dias e um foral de Francisco Brennand. No cotidiano, o espaço é visitado por turistas e pessoas que querem descansar e admirar a vista dos prédios antigos do bairro ou do Parque das Esculturas de Francisco Brennand. Não por acaso, o Largo do Marco Zero no Recife foi também o local que passou a abrigar atos públicos e manifestações políticas. Além de ter se tornado, inclusive em decorrência de sua escala, um espaço propício a aglomerações urbanas, o Largo retinha um sentido comum para a Cidade: o local sedia diversos eventos culturais. No local é comumente erguido um palco para grandes shows gratuitos. Foi no Marco Zero que, a partir do ano de 2002, os maracatus nação participam ativamente da "Abertura do Carnaval Multicultural do Recife" com o show dirigido pelo percussionista Naná Vasconcelos. O evento configura uma das atrações mais populares do carnaval da cidade, conferindo grande visibilidade aos maracatus nação. A Rua da Moeda fica localizada no Bairro do Recife e possui esse nome devido a uma moradora chamada Maria Rodrigues que era a viúva de Antônio Saraiva, rico proprietário que possuía quatro sobrados de construção holandesa, localizados nessa rua. A Rua da Moeda, por muitos anos, era uma parte do bairro que não havia sido reestruturada, até a revitalização do Bairro do Recife em meados da década de 1990, ou seja, por muito tempo possuiu edificações deterioradas, iluminação precária, fachadas sem pinturas novas. Desse modo, até sua revitalização, a rua nada tinha que pudesse lhe configurar um status de lugar, compreendendo lugar como "uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente". A Rua da Moeda, como outras ruas do bairro, limitava-se a ser um estacionamento para os inúmeros veículos que ocupavam a pequena ilha. À revelia do processo de revitalização do bairro, sem ser planejado ou incentivado, com um caráter espontâneo, surge o Polo Moeda que conquistou força e visibilidade que não puderam ser ignoradas e passou a ser um polo de animação alternativo dentro do bairro do Recife Antigo. O polo permaneceu como um elo de continuidade de certas práticas e sentidos que já existiam antes da revitalização. O lazer na Rua da Moeda surgiu como um catalisador de manifestações culturais alternativas, por vezes ligadas à periferia da cidade ou pretendendo essa ponte. Foi um espaço construído, inclusive, pelo discurso contra a prática e a estética da cultura oficial. Um dos movimentos culturais que podem ter servido de inspiração para tal postura foi o Movimento Mangubeat que, sob a liderança de Chico Science, renovou a cena musical dos anos de 1990. No caso dos maracatus nação, o lugar da Rua da Moeda vai se tornando referência a partir de alguns eventos, destacando-se entre eles o "Traga a Vasilha", que ocorre desde o início dos anos 2000, e os Ensaios com Naná					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Vasconcelos, realizados com os maracatus nação no período pré-carnavalesco. Com a conquista de visibilidade por parte dos maracatus nação e dos grupos percussivos desde o início dos anos 1990, o Recife Antigo, por meio de lugares como o Marco Zero e Rua da Moeda, torna-se um espaço de referência para a linguagem do maracatu nação. Tal assertiva se reflete não só nas celebrações supracitadas como também por meio dos inúmeros ensaios de grupos percussivos que ocorrem por todo o bairro nos dias de domingo. Atualmente, é impossível alguém andar pelo bairro durante uma tarde de domingo sem ouvir alguma batucada no ritmo do maracatu. Vale salientar que, nos dias atuais e mesmo antes do processo de revitalização do bairro, ele possui população residente insignificante se comparada à de outros bairros. Porém, é para o Recife Antigo que não só a prefeitura, como também o governo do estado, produzem grandes programações turístico-culturais a exemplo do Carnaval, manifestação popular com a qual os maracatus nação possuem uma maior proximidade.		
REGISTROS		Nº	
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)		Cf anexo 2: 761 até 763
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf anexo 2: 771
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da Moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)		Cf anexo 2: 772 até 774
CONTATOS		Nº	
	Lindivaldo Oliveira Leite Júnior Anexo 4 (Olinda)		8

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Recife				IDENTIFICADO		51
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Século XVIII até os dias atuais.	LUGAR	Rua Estreita do Rosário, Recife.			
DESCRIÇÃO	A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos surge na metade do século XVII, em função da reunião de pretos e pretas em devoção a Nossa Senhora do Rosário. Ela foi estabelecida, segundo Pereira da Costa, em 1654, momento em que passou a ocupar o altar lateral da Igreja de São Frei Pedro Gonçalves, na época, Igreja Matriz daquela Vila. A data exata da construção de sua igreja própria é desconhecida. No entanto, alguns historiadores afirmam, a partir de pesquisas documentais, que a igreja foi erguida durante o reinado de D Afonso VI, entre 1662 e 1667, sendo conservada em sua sacristia uma imagem deste soberano. Essa Igreja do Rosário, todavia, durou pouco tempo, sendo construído outro templo em seu lugar. O trabalho de reconstrução e reforma prolongou-se por vários anos, sendo interrompido muitas vezes pela						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	espera de material vindo de Lisboa e aquisição de recursos. Acredita-se que a conclusão da obra se deu em 1777. A organização do Reinado do Congo relacionava tradições de origem africana e elementos barrocos integrados ao imaginário das vilas coloniais, pois na cerimônia de posse de coroação de tais reis, ocorriam missa, arrecadação de esmolas e suntuosas procissões acompanhadas de música e batuques africanos. Para a antropóloga Katarina Real, o momento em que o maracatu surge parece estar associado à história da Instituição dos Reis Negros na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife. A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife aparece enquanto categoria de lugar para os maracatus, pois representa a partir das cerimônias de coroação do Rei e da Rainha de Congo, um espaço de ancestralidade para os maracatus no presente, a exemplo das narrativas produzidas por dona Elda Viana, rainha do Maracatu Nação Porto Rico. A cerimônia de coroação da referida rainha teria sido realizada pelo cônego Miguel Cavalcanti, em 8 de outubro de 1980, na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, do Bairro São José, Recife. A partir dessa coroação Dona Elda, passou a produzir narrativas sobre si, onde coloca que ela se constitui como a única rainha coroada dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Luis de França, antigo mestre do Maracatu Leão Coroado, falecido em 1997, também recorria à Igreja do Rosário dos Homens Pretos para se legitimar, afirmando que era juiz em quatro irmandades no Recife, dentre elas: a do Rosário, a de São Benedito e a dos Martírios. Além de Elda Viana, foram coroadas em frente à Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos do Recife as rainhas Marivalda Maria dos Santos, Nadja Cristina de Castro e Lygia Rosalina da Silva, respectivamente dos maracatus Estrela Brilhante do Recife, Leão da Campina e Raízes de Pai Adão.		
REGISTROS	INRC – Fotografias – Raízes de Pai Adão (Fotos da Coroação do Rei e Rainha do Raízes de Pai Adão)	Nº	Cf anexo 2: 741
CONTATOS	Marivalda Maria dos Santos Anexo 4 (Recife)	Nº	41
	Nadja Cristina Castro Anexo 4 (Recife)		44

DENOMINAÇÃO	Mercado São José				IDENTIFICADO		52
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Fundado em 1875, até os dias atuais.	LUGAR	Bairro de São José, Recife Pernambuco.			
DESCRIÇÃO	O Mercado de São José, edificado em 1875 na antiga Ribeira do Peixe, é um imponente prédio de ferro (tombado pelo IPHAN) onde está estabelecida uma série de boxes que vendem desde o tradicional artesanato nordestino (estatuária de barro de Caruaru, renda, produtos de couro, redes etc.) a diversos outros produtos como peixe, carnes, queijos e derivados de laticínios etc. Ao redor do Mercado de São José, organizada como uma feira, vendem-se também frutas e legumes em alguns dias da semana. Faz parte do Mercado uma série de boxes instalados na frente e nas laterais onde são vendidas diversas espécies de comidas, castanhas e ervas. O mercado de ervas, como é conhecido, é um lugar tido como referência no Recife e região metropolitana por todos os que são praticamente das religiões afrodescendentes, pois lá compram ervas necessárias para os diversos rituais do candomblé (ou xangô) e da jurema. Ao redor do mercado de ervas (inclusive dentro do Mercado de São José) estão situadas diversas lojas de produtos religiosos, especialmente dedicadas à venda de artigos necessários às práticas das religiões afrodescendentes, tais como velas, defumadores, guias e contas, acessórios para os orixás, coroas etc. Os maracatuzeiros frequentam esses lugares não só para comprar os artigos necessários para fazerem as obrigações religiosas, mas também para comprar couro de cabra para os tambores e outros acessórios. No entorno do Mercado de São José, nas ruas de Santa Rita, Rua das Calçadas, Rua Direita, Rua do Rangel, dentre outras, está situada uma série de lojas de tecidos, armarinhos e outros complementos necessários para a confecção de fantasias e						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	adereços. Nos meses que antecedem o carnaval, é comum que maracatuzeiros e maracatuzeiras encontrem-se casualmente nessas lojas, uma vez que quase todos os grupos fazem suas compras para “por o maracatu na rua” no Bairro de São José. Lá pode ser comprada uma variedade de tecidos como lamês, paetês, brocados, cetim e veludos, usados na confecção de fantasias. Existem lojas especializadas na venda de armarinhos, aviamentos e diversas miudezas, como linhas, zíperes, agulhas, além dos mais sofisticados utilizados para a confecção de adereços e bordados como miçangas, lanteloulas, canutilhos, strass, pérolas, aljofres, etc. Nessas lojas também são compradas plumas, penas, boas e outros complementos muito utilizados pelos maracatuzeiros. Trata-se, portanto, de um lugar de referência entre as pessoas que fazem os maracatus nação, principalmente na época de carnaval, lugar onde sempre se encontra alguém conhecido, em que se pode trocar ideias, saber de notícias ou se atualizar com os acontecimentos que afetam o fazer dos maracatuzeiros, tais como pagamentos, agendas de apresentações etc.				
REGISTROS	GUILLEN, Isabel C. M. ; GRILLO, M. A. F. ; FARIAS, Rosilene Gomes. Mercado de São Jose. Memória e História. 1. ed. Recife: FADURPE, 2010. 139 p.			Nº	Cf anexo 1: 34
CONTATOS	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)			Nº	29

DENOMINAÇÃO	Passarela				IDENTIFICADO		53
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1935, sob cuidados da Federação Carnavalesca.	LUGAR	Diversas avenidas ou espaços públicos na região central do Recife.			
DESCRIÇÃO	A passarela é o local onde as agremiações que participam do Concurso de Agremiações Carnavalescas, organizado pela Prefeitura da Cidade do Recife, desfilam em caráter competitivo. O desfile das agremiações ocorria na pracinha do Diário de Pernambuco, que recebeu o nome de “quartel general do frevo”. O crescimento do número de agremiações e dos componentes criou a necessidade de deslocar os desfiles para a Avenida Conde da Boa Vista. A passarela havia sido transferida para a avenida Conde da Boa Vista, para posteriormente, na década de 1970, ser transferida para a avenida Dantas Barreto para o grupo especial, provocando reações adversas dos que se colocavam como tradicionalistas, pois, para estes, não deveria haver separação entre desfilantes fantasiados e foliões, nem mudança do local do desfile. No início da década de 1980, houve um processo de “despassarelização”. Tratava-se da retirada das passarelas do desfile das agremiações carnavalescas. A “despassarelização” ocorre no governo do prefeito Gustavo Krause, entre os anos de 1980 e 1983, fez parte do projeto intitulado “carnaval participação”, traduzido como carnaval de rua, sem competições ou espaços exclusivamente para desfiles, em que teoricamente não existiriam espectadores e todos participariam da festa, em oposição ao “carnaval espetáculo”, com suas arquibancadas. Com a vitória de Jarbas Vasconcelos nas eleições para prefeito em 1985, a passarela e as arquibancadas, mais uma vez, retornaram como opção de organização para o carnaval. Os maracatus tiveram que se adaptar a essa realidade. Era preciso oferecer um belo espetáculo para o público que ia para as arquibancadas ver os desfiles das agremiações, principalmente das escolas de samba, que mais atraíam os espectadores. O combate acontecia na passarela, sob a égide de uma comissão julgadora quase sempre formada por pessoas da elite, das camadas médias urbanas e intelectuais de modo geral. Hoje em dia a passarela do grupo especial é erguida na avenida Nossa Senhora do Carmo, no Bairro de São José, região central da cidade do Recife, enquanto que a passarela para o primeiro grupo fica na avenida Guararapes, no bairro de Santo Antônio, também no centro da cidade. Os maracatus nação pernambucanos, que participam desse concurso, veem a passarela como lugar relevante para a manifestação. No entanto, o lugar “passarela” não é fixo, ou seja, é preciso se levar em consideração que atualmente existem quatro passarelas por onde os maracatus nação						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	desfilam no carnaval, já que o concurso é dividido em quatro grupos (especial, primeiro, segundo e grupo de acesso). A passarela é erguida em uma rua, que é cercada por arquibancadas em suas laterais e camarotes para a comissão julgadora. Por esta razão, os marcos edificadas que circundam a localização não são relevantes para este lugar. A instalação da passarela tem um fim em si mesma, que é do permitir que as agremiações (dentre elas os maracatus nação) desfilem e sejam vistas no carnaval, mostrando todo seu trabalho e beleza enquanto manifestação cultural, além de concorrer no Concurso das Agremiações carnavalescas com prêmios para os primeiros e segundos lugares de cada grupo e categoria. Existem muitas narrativas sobre a passarela, principalmente, referentes aos sufocos ou contratempos passados antes do desfile ou mesmo sobre a alegria de receber naquele espaço os troféus de campeões ou vices de seus grupos. A passarela é instalada num período específico do ano, o carnaval. Por essa razão, seu uso não é cotidiano, mas unicamente cerimonial, visto que a passarela fornece aos grupos um espaço para que as agremiações desfilem e participem do concurso das agremiações carnavalescas no período de carnaval.					
REGISTROS	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.			Nº	Cf anexo 1: 176	
	COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Folk-lore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974. 634 p.				Cf anexo 1: 19	
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Especial) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Especial com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim e Porto Rico)				Cf anexo 2: 764 até 767	
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Dois) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Dois com os Maracatus Nação: Encanto do Dendê, Linda Flor, Tigre e Tupinambá)				Cf anexo 2: 768	
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Um) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo um com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Encanto do Pina, Estrela Dalva, Gato Preto e Raízes de Pai Adão)				Cf anexo 2: 769	
CONTATOS	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)			Nº	29	

DENOMINAÇÃO	Pátio de São Pedro				IDENTIFICADO		54
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde o século XVII até os dias atuais.	LUGAR	Bairro de São José, região central do Recife.			
DESCRIÇÃO	O Pátio de São Pedro dos Clérigos recebeu esse nome devido à Igreja de mesma denominação, que foi erguida no início do século XVII. O espaço possui formato de trapézio e dá destaque ao templo. O Pátio de São Pedro dos Clérigos foi durante os séculos XVIII e XIX um espaço pouco divulgado, retratado e fotografado. Alguns arquitetos e urbanistas que produziram sobre esse espaço consideram que este “esquecimento” se dava devido às casas térreas serem de pessoas simples, sendo o pátio o local de pessoas pouco abastadas. No entanto, no início do século XX, o espaço passa a ser valorizado, tornando-se um dos lugares de atração turística, lazer e cultura da cidade do Recife. Esse processo de valorização e visibilidade do Pátio tem início na década de 1920, a partir do convite feito por Gilberto Freyre ao desenhista pernambucano Manuel Bandeira, para elaborar um desenho da Igreja de São Pedro dos Clérigos a ser publicado no livro Nordeste						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	de 1925. No livro, Freyre escreve uma legenda para esse desenho que ressalta as características arquitetônicas e urbanas e a calma do espaço para os transeuntes. O Pátio de São Pedro é um dos lugares mais conhecidos da cidade de Recife, sendo visitado por turistas e abrigando em diversos momentos do ano uma série de manifestações culturais. Até o ano de 2011, realizava-se no Pátio a Terça Negra, celebração organizada pelo Movimento Negro Unificado, com o apoio da Prefeitura da Cidade do Recife. Toda terça-feira, grupos de afoxés, samba-reggae, bem como maracatus se apresentam. Trata-se de um lugar de referência para a cultura negra pernambucana, e para os maracatus, sendo inquestionavelmente um lugar de referência para a cultura dos maracatuzeiros. Vale salientar que, na atualidade, uma série de museus e instituições lá se localizam, dentre as quais o Núcleo de Cultura Afro-brasileira.					
REGISTROS	INRC – Fotos de Sítio			Nº	Cf anexo 2: 736	
CONTATOS	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)			Nº	29	

DENOMINAÇÃO	Pátio do Terço				IDENTIFICADO		55
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	XVIII até os dias atuais.	LUGAR	Pátio do Terço.			
DESCRIÇÃO	O Pátio do Terço é um espaço público que circunda a Rua Vidal de Negreiros, localizada no bairro de São José, próximo ao Forte Cinco Pontas, região central da cidade do Recife. O espaço existe desde o início do século XVIII, período da ocupação holandesa, quando foram construídas várias trincheiras a mando de Maurício de Nassau. Uma dessas trincheiras foi aberta no atual Pátio do Terço - no bairro de São José. Após a expulsão dos flamengos, foi erguido no local um nicho com a imagem de Nossa Senhora do Terço, onde os moradores e visitantes ajoelhavam-se e rezavam. Foi a partir da devoção popular que a Igreja foi construída no início do século XVIII. Alta, com um campanário e apenas uma torre, o templo possui um coruchêu de azulejos, jarros ornamentais, um sino, uma pequena cruz com anjos e um relógio datado de 1726. Atualmente nesse espaço, além do comércio popular estabelecido cotidianamente, ocorrem também eventos festivos ou mesmo religiosos ligados a manifestações da cultura popular. Dentre esses eventos, estão a Noite dos Tambores Silenciosos e o Encontro dos Afoxés, ambos durante o carnaval. A Noite dos Tambores Silenciosos é uma cerimônia que atualmente possui um caráter sagrado de culto aos ancestrais, onde os maracatus nação se encontram e desfilam perante a Igreja da Nossa Senhora do Terço. A cerimônia é organizada pela Prefeitura da Cidade do Recife, conta com a participação dos maracatus nação, do babalorixá Raminho de Oxóssi, autoridades locais e convidados especiais, ocorrendo toda segunda-feira de carnaval. Outra cerimônia importante é o Encontro dos Afoxés, que ocorre todo domingo de carnaval. Nessa cerimônia, os afoxés pernambucanos também desfilam perante a igreja, apresentando seus toques e loas. Ambos os eventos são muito procurados durante o carnaval, não só por turistas, como também pelas pessoas residentes das comunidades desses grupos populares ou admiradores e foliões de um modo geral. Mesmo não havendo indícios sobre a relação entre o espaço com a cultura negra no século XVIII, as produções historiográficas recentes sobre os maracatus do Recife apontam para as inúmeras narrativas que visam criar uma antiguidade para o Pátio do Terço. Maracatuzeiros e membros do Movimento Negro Pernambucano acabam por descrever os trajetos realizados pelos maracatus nação, quando estes vinham dos subúrbios, em direção ao centro da cidade. Dessa forma, em alguns depoimentos de maracatuzeiros idosos, é comum a afirmativa que naquele espaço foram enterrados os escravos que chegavam doentes ou que morriam ao longo da viagem; um espaço de venda de escravos; um espaço onde era permitido os festejos ou, ainda, um lugar onde havia uma quantidade considerável de terreiros. Como exemplo, no espaço localiza-se a casa das Tias do Terço, conhecida hoje como Espaço Badia, que foi dirigido por Maria de Lourdes da Silva, a Badia, sucessora das “Tias” Viviana Rodrigues Braga (1867-1966), a Sinhá, e Emília Duarte Rodrigues (1870- 1968), a Yayá. Localizada no Pátio do Terço no bairro de São José, foi uma das casas de culto afro-brasileiro mais antigas do Recife. A zeladora de santo, Badia, nascida (1915) e						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	criada naquele local, dizia ter nascido e crescido no santo, ou seja, na religião dos orixás. Isso nos leva a conjecturar que a casa das Tias do Terço era um espaço de culto afro-brasileiro dos mais antigos da cidade, que não foi deslocado com as pressões da repressão policial dos anos 1930, pois há indícios de que continuava a ter atividades religiosas ali, disfarçadas, com a reunião da Sociedade de São Bartolomeu, até o início dos anos 1990, quando Badia veio a falecer (1991). Sendo o espaço do Pátio do Terço considerado ancestral, acaba por permitir e legitimar os grupos de maracatus, afoxés e as suas práticas na atualidade. Atualmente o Pátio do Terço foi transformado em um dos polos do carnaval recifense, denominado de Polo Afro. Nesse espaço, maracatus, afoxés e grupos de samba se apresentam em dias distintos. Com essas apresentações no período carnavalesco, busca-se uma valorização cultural e uma afirmação da identidade negra no estado de Pernambuco. O Pátio do Terço é instituído como um lugar de memória da história dos maracatus do Recife, sobretudo por conta da celebração da Noite dos Tambores Silenciosos.		
REGISTROS		Nº	
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Cerimônia) (Grupo de Fotos da Cerimônia com Tatá Raminho na Noite dos Tambores Silenciosos)		Cf anexo 2: 777 até 780
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)		Cf anexo 2: 781 até 784
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)		Cf anexo 2: 787 e 788
CONTATOS		Nº	

DENOMINAÇÃO	Praça da Independência				IDENTIFICADO		56
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde o século XVIII até os dias atuais.	LUGAR	Bairro de Santo Antônio, região central do Recife.			
DESCRIÇÃO	Local onde eram realizados os concursos carnavalescos da cidade do Recife desde meados da década de 1930 até a década de 1970. Popularmente conhecida como Praça do Diário – por possuir em seu entorno o edifício do jornal Diário de Pernambuco – este espaço localiza-se no centro do bairro de Santo Antônio, e a partir dele se iniciam e cruzam avenidas e ruas de grande relevância para a cidade do Recife. A praça funciona como um local de encontro/partida de manifestações, passeatas, procissões, cortejos cívicos, sediando inúmeros acontecimentos, manifestações e/ou reivindicações ocorridos no Estado de Pernambuco, tanto por parte da política, das religiões, quanto dos movimentos populares e da cultura. Na planta da Cidade Maurícia, a Praça da Independência já figurava como o Terreiro dos Coqueiros, local onde funcionava um grande mercado durante o domínio holandês. Nese período, o logradouro foi chamado ainda de Praça Grande, Praça do Comércio e Praça da Ribeira. Com a expulsão dos						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	holandeses em 1654, a praça diminuiu de extensão por terem sido edificadas algumas casas em seu entorno. Além da diminuição espacial, houve também a alteração do nome de Praça da Ribeira para Praça da Polé. A praça passa a ser denominada de Polé, devido ao erguimento de um instrumento de tortura intitulado de Polé no início do século XVIII. O instrumento constava de um mastro levantado, uma roldana e uma corda, com a finalidade de supliciar indivíduos que tivessem cometido determinados crimes. O poste do Polé foi colocado junto a um poço que a municipalidade havia mandado abrir para a utilização pública. Com a retirada do Polé, a praça passa a funcionar enquanto mercado de farinha, cereais e legumes, sendo permitida a venda destes produtos neste espaço até o meio dia. No ano de 1788, o governador Thomaz José de Melo resolve implementar um mercado no Recife, o local escolhido foi a praça do Polé, sendo inaugurado o mercado em 21 de setembro do mesmo ano. Segundo Pereira da Costa, a nova praça formava um trapézio irregular, cuja maior largura ficava para o lado ocidental. Na praça existia, ainda, segundo o folclorista, sessenta e duas casas construídas de maneira uniforme, com um alpendre corrido, que descansava sobre uma arcaria, correspondendo cada arco a uma pequena habitação. As construções na época propiciaram, segundo Costa, um certo ar de elegância à praça, pois foi retirado também o poço ou cacimba que ficava em seu centro. A praça, no entanto, perde um pouco do seu terreno, não apenas com a construção das habitações, como também devido à construção de duas travessas uma ao sul (Beco do Peixe), outra ao norte (Beco do Polé) e alguns meses depois foram incorporadas as travessas das cruzeiras. Com o desabamento, em 1815, da Ponte do Recife, sobre a qual existiam duas laterais de casinhas de taipa ocupadas por mercadorias, a Câmara Municipal resolveu dar nova forma a Praça do Polé para acomodação dos estabelecimentos comerciais que tinham desaparecido com aquele desabamento. Em 1816, o espaço passa por uma grande reforma, as pequenas casas são substituídas por lojas de maiores dimensões e o local fica sendo chamado de Praça da União. No ano de 1833, a praça adquire o nome da Independência. No começo do século XX, mais precisamente em 1905, com a finalidade de ampliá-la, quarteirões inteiros são demolidos, bem como uma série de lojinhas que funcionavam em pleno largo. Certas vias públicas, tais como a rua Sigismundo Gonçalves e a rua do Cabugá, deixam de existir. Quarenta anos depois, a praça duplica de tamanho, adquirindo mais ou menos as dimensões que possui na atualidade e fica popularmente conhecida como praça do Diário ou Pracinha. Ao seu redor, destacam-se a Matriz de Santo Antônio, o edifício do Diário de Pernambuco - o jornal mais antigo da América Latina -, e vários outros prédios modernos. Na administração do prefeito Novais Filho, grandes reformas foram realizadas nessa região, – a abertura da Avenida 10 de Novembro (atual Avenida Guararapes) e a reforma da Praça da Independência – bem como iniciou as demolições para a abertura da Avenida Dantas Barreto. Os concursos promovidos pela Federação Carnavalesca de Pernambuco ocorriam na Praça do Diário, denominada como o QG do frevo. Nesse espaço, era formado um grande palanque onde as agremiações passavam por ordem de chegada e tinham um tempo estipulado para a realização do desfile. Dessa forma, desfilavam blocos, clubes, maracatus e caboclinhos. As escolas de samba também desfilavam na praça, só que em um dia diferente das outras agremiações. Nas memórias dos maracatuzeiros e carnavalescos em geral, as agremiações carnavalescas se dirigiam a pé para o centro do Recife para se apresentarem na Praça. Esse percurso era entremeado por diversas outras apresentações que ocorriam ao longo do percurso. No entanto, no final da década de 1960, com o aumento das escolas de samba, o espaço da praça tornou-se pequeno e o desfile acabou sendo transferido para a Avenida Conde da Boa Vista e outros espaços da cidade do Recife. Atualmente, esse espaço público é <i>locus</i> de recentes acontecimentos, manifestações e/ou reivindicações ocorridos no Estado de Pernambuco, tanto por parte da política, das religiões, quanto dos movimentos populares e da cultura.						
REGISTROS	INRC – Fotos de Sítio	Nº		Cf anexo 2: 736			
CONTATOS	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)	Nº		29			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Sítio de Pai Adão				IDENTIFICADO		57
						NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde o século XIX até os dias atuais.	LUGAR	Bairro de Água Fria, Recife/PE.			
DESCRIÇÃO	O Sítio de Pai Adão, ou Ilê Obá Ogunté (denominação do terreiro em iorubá, pouco conhecida pelas pessoas), é um local de referência para muitos maracatus nação, já que, de acordo com alguns estudos (GUERRA PEIXE, 1955) e relatos de memória de antigos maracatuzeiros, até a década de 1970, muitas agremiações carnavalescas, incluindo os maracatus nação, passavam em frente ao local no período carnavalesco. O terreiro fica localizado na Estrada Velha de Água Fria, 1644, em um grande terreno que termina nos fundos do quarteirão, possuindo muro que beira a rua Abdom Lima, paralela à Estrada Velha de Água Fria. No terreno encontram-se a edificação, no caso uma casa com ampla varanda, que abriga o salão do terreiro, pegis (quartos onde se localizam os assentamentos dos orixás), cozinha, além de casa anexa com quartos, sala, banheiro e cozinhas, onde reside uma família, e uma pequena capela chamada Capela de Santa Inês. Essas edificações foram as primeiras a serem construídas no Sítio, datando do início do século XX. Salienta-se também que alguns pegis localizam-se na parte externa da casa, constituindo-se em pequenas edificações de um só cômodo e muitas vezes com cerca de 1m50cm de altura, espaço suficiente para abrigar o assentamento do orixá que não pode ficar na parte interna do terreiro. No restante do terreno encontram-se casas mais recentes, algumas construídas em alvenaria, outras em madeira, a maioria delas pequenas, contendo um ou dois quartos, onde moram outras famílias, todas elas parentes de Pai Adão. Aos fundos do terreno encontra-se um Baobá centenário, que é compreendido pelo terreiro como sendo seu irôko (árvore sagrada que representa a ligação do céu com a terra (ayê e orum)). O Sítio de Pai Adão é o terreiro de tradição nagô mais antigo de Pernambuco de que se tem registro, sendo por esse motivo considerado muito tradicional, não só no estado como também no Brasil. Em 1985, o local é tomado como Patrimônio Histórico do Estado de Pernambuco pelo Governo do Estado. No passado, o local era de grande importância simbólica para os maracatus nação pernambucanos, pois no dia do desfile, que acontecia nos domingos do carnaval, os grupos costumavam sair de suas sedes no período da tarde e sair em cortejo até o bairro de Água Fria, que sediava, não só o Sítio de Pai Adão, como também diversas agremiações carnavalescas, possuindo assim um carnaval comunitário muito ativo. Nesse contexto, não só os maracatus nação, como também outras agremiações carnavalescas que se apresentavam no bairro desfilavam em frente ao Sítio de Pai Adão, em deferência ao local. Depois da passagem pelo sítio, os maracatus nação costumavam passar por outros carnavais comunitários, sempre a pé, para em seguida passar pelo Pátio do Terço, onde se situava a casa das renomadas ialorixás Iaiá, Sinhá e Badia, para enfim alcançar a Praça do Diário, local do desfile do concurso de agremiações. Nesse sentido, o lugar torna-se uma importante referência de memória dos maracatus nação. Atualmente, nenhum maracatu nação é diretamente ligado ao Sítio de Pai Adão, assim como nenhuma atividade ou celebração dos maracatus nação ocorre no local cotidianamente. O maracatu nação que indiretamente possui mais vínculos espaciais e afetivos com o local é o Raízes de Pai Adão, pertencente aos descendentes do Sr. Malaquias Felipe da Costa, filho de Sabino Felipe da Costa (Pai Adão), que não possui residência ou terreiro no espaço interno do Sítio, mas sim na rua Abdom Lima, onde se situam os muros dos fundos do terreno. Ainda assim, para o Maracatu Raízes de Pai Adão, o local torna-se importante por conta do nome de Pai Adão, que é homenageado no nome do próprio maracatu e, acima de tudo, por conta da identidade cultural da família de seu principal articulador Itaguara (neto de Malaquias), visto que muitos parentes seus, mas não a maioria, são componentes do grupo.						
REGISTROS	INRC – Fotografias – Visita às Sedes (Grupo de Fotos do Sítio do Pai				Nº	Cf anexo 2: 789	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Adão)		à 791
CONTATOS	Itaiguara Felipe da Costa Anexo 4 (Recife)	Nº	28

OFÍCIOS E MODOS DE FAZER (02)

DENOMINAÇÃO	Abê				IDENTIFICADO		58
					NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	É constitutivo do maracatu e não tem época específica.	LUGAR	É constitutivo do maracatu e não tem lugar específico.			
DESCRIÇÃO	Instrumento de percussão da família dos idiofones, também conhecido como agbê ou xequerê, construído a partir de uma cabaça grande, seca, cortada em uma das extremidades e envolta por uma rede de "Contas" (miçangas) que são presas entre si por um barbante de algodão ou nylon. O abê tem seu som produzido pelo atrito das contas feito com as mãos contra o corpo de uma "cabaça", dado que enquadra o abê entre os instrumentos percussivos de fricção. No batuque, sua função, ao lado do mineiro, é de dar preenchimento sonoro e marcação cadencial, por sobre o qual os toques são articulados pelos bombos, caixa, tarol e gonguê. O abê é um dos instrumentos introduzidos recentemente no corpo percussivo dos maracatu, e não estava presente, por exemplo, no conjunto descrito por Guerra Peixe. Na atualidade, o abê tem composto o conjunto percussivo da grande maioria dos maracatus, sendo que em alguns, como o Gato Preto, mais com um fim estético e performativo do que funcional. No entanto, em outros grupos, a exemplo do Estrela Brilhante do Recife e do Porto Rico, o abê tem sido apontado como o responsável pela aceleração do baque. Esse instrumento ocupa, em alguns maracatus, o papel antes exclusivo do mineiro. A performance desse instrumento causa grande impacto visual, conferindo características identitárias aos grupos e contribuindo para reforçar uma estética mais “africana”.						
REGISTROS	CARVALHO, Ernesto Ignácio de. Diálogo de negros, monólogo de brancos: Transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós – Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007, 145p.				Nº	Cf anexo 1: 157	
	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.					Cf anexo 1: 176	
	INRC – Fotografias – Traga a Vasilha (Grupo de Fotos de Encontro no Recife Antigo do Traga a Vasilha)					Cf. anexo 2: 740	
	INRC – Fotografias – Maracatus Mirins (Grupo de Fotos de apresentação dos Maracatus Mirins na Noite dos Tambores Silenciosos – Cambinda Africano, Estrela do Amanhã, Estrela do Mar, Filhos de Olorum, Nação de Oxalá, Nação Erê, Nação Estrelar, Nação Novo Pina, Porto Rico, Vuginho)					Cf. anexo 2: 742 até 745	
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da					Cf. anexo 2: 761 até 763	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)						
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Especial) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Especial com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim e Porto Rico)					Cf. anexo 2: 764 até 767	
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Dois) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Dois com os Maracatus Nação: Encanto do Dendê, Linda Flor, Tigre e Tupinambá)					Cf. anexo 2: 768	
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Um) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo um com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Encanto do Pina, Estrela Dalva, Gato Preto e Raízes de Pai Adão)					Cf. anexo 2: 769	
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)					Cf. anexo 2: 770	
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)					Cf. anexo 2: 771	
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)					Cf. anexo 2: 772 até 774	
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Sede) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos nas Sedes com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Gato Preto, Leão da Campina e Oxum Mirim)					Cf. anexo 2: 775 e 776	
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)					Cf. anexo 2: 781 até 784	
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)					Cf. anexo 2: 787 e 788	
CONTATOS				Nº			
	Jailsom Viana Chacom Anexo 4 (Recife)					31	
	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)					29	
	Walter Ferreira de França Anexo 4 (Recife)					50	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO		Atabaque (ou Tabaque)			IDENTIFICADO		59
TIPO		☐ CELEBRAÇÃO		☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☒ OFÍCIO
CONDIÇÃO ATUAL		☒ VIGENTE / ÍNTEGRO			☐ MEMÓRIA		☐ RUÍNA
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	É constitutivo do maracatu e não tem época específica.		LUGAR	É constitutivo do maracatu e não tem lugar específico.		
DESCRIÇÃO	É um instrumento musical da família dos membranofones. Trata-se, neste caso, de unimembranofônico, ou seja, possuindo pele em apenas uma de suas extremidades (diferentemente das alfaias, que são bimembranofônicas). O nome é de origem árabe: <i>at-tabaq</i> (prato). Constitui-se de um tambor cilíndrico ou ligeiramente cônico, com um dos lados coberto de couro animal, que pode ser de boi ou bode, ou sintético no caso dos timbales. Nas liturgias afro-brasileiras é considerado um instrumento de função, ou seja, apropriado a funções sacramentais a orixás, entidades da jurema e demais entidades. Seu caráter percussivo, alusivo à tradição africana e religiosa, o faz equipamento presente em grupos percussivos, podendo vir a compor o conjunto instrumental do maracatu. Conforme a origem cultural das comunidades que desse instrumento fazem uso, ele pode ser tocado com ambas as mãos, com duas baquetas ou galhos de árvore ou com uma mão e uma baqueta. Sua afinação pode ser obtida por amarração de corda ou por uso de parafusos. Nos maracatus nação seu uso é recente, restrito ao início dos anos 2000. No batuque do maracatu tem por função a execução de solos. Dentro dos ensaios, cortejos e apresentações dos maracatus o uso nem sempre se restringe ao atabaque em si. Por vezes os grupos utilizam outros instrumentos unimembranofônicos que exercem a mesma função, é o caso dos elús (tambor que também possui pele animal, mas que possui o corpo cilíndrico reto, sem afunilar) e timbales (tambor que possui pele sintética, corpo cônico, podendo ser acoplado ao corpo). Apesar das variações no uso de tais membranofones e unimembranofônicos, ao se referirem a eles, os maracatuzeiros geralmente utilizam o termo genérico “atabaques”, tendo em vista que eles executam os mesmos toques, ou seja, possuem a mesma função. Para este inventário adotaremos a categoria nativa, visto que os maracatuzeiros podem utilizar as variantes dentro da categoria dos unimembranofones, sem adotar um critério específico.						
REGISTROS	CARVALHO, Ernesto Ignácio de. Diálogo de negros, monólogo de brancos: Transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós – Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007, 145p.				Nº	Cf anexo 1: 157	
	LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p.					Cf anexo 1: 176	
	INRC – Fotografias – Traga a Vasilha (Grupo de Fotos de Encontro no Recife Antigo do Traga a Vasilha)					Cf. anexo 2: 740	
	INRC – Fotografias – Maracatus Mirins (Grupo de Fotos de apresentação dos Maracatus Mirins na Noite dos Tambores Silenciosos – Cambinda Africano, Estrela do Amanhã, Estrela do Mar, Filhos de Olorum, Nação de Oxalá, Nação Erê, Nação Estrelar, Nação Novo Pina, Porto Rico, Vuginho)					Cf. anexo 2: 742 até 745	
	INRC – Fotografias – Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos no Marco Zero (Grupo de Fotos da Abertura do Carnaval Multi Cultural no Marco Zero, apresentação do Naná Vasconcelos com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da alegria, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim,					Cf. anexo 2: 761 até 763	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		PE	01	00	12	F1-	A3
	Porto Rico e Raízes de Pai Adão e Encanto do Pina)						
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Especial) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Especial com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim e Porto Rico)					Cf. anexo 2: 764 até 767	
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Dois) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo Dois com os Maracatus Nação: Encanto do Dendê, Linda Flor, Tigre e Tupinambá)					Cf. anexo 2: 768	
	INRC – Fotografias – Desfile das Agremiações (Grupo Um) (Grupo de Fotos do Desfile das Agremiações, Grupo um com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Encanto do Pina, Estrela Dalva, Gato Preto e Raízes de Pai Adão)					Cf. anexo 2: 769	
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Dona Lindu) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Dona Lindu com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)					Cf. anexo 2: 770	
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Marco Zero) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos no Marco Zero com os Maracatus Nação: Cambinda Estrela, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)					Cf. anexo 2: 771	
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Rua da moeda) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos na Rua da Moeda com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Gato Preto, Leão da Campina, Oxum Mirim, Porto Rico e Raízes de Pai Adão)					Cf. anexo 2: 772 até 774	
	INRC – Fotografias – Ensaio com Naná Vasconcelos (Sede) (Grupo de Fotos do Ensaio com Naná Vasconcelos nas Sedes com os Maracatus Nação: Aurora Africana, Cambinda Estrela, Encanto da Alegria, Gato Preto, Leão da Campina e Oxum Mirim)					Cf. anexo 2: 775 e 776	
	INRC – Fotografias – Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Axé da Lua, Encanto do Pina, Estrela Brilhante, Estrela Dalva, Porto Rico, Raízes de Pai Adão, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre, Cambinda Estrela e Linda Flor)					Cf. anexo 2: 781 até 784	
	INRC – Fotografias – Prévia Para a Noite dos Tambores Silenciosos (Grupo de Fotos da Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos com os Maracatus Nação: Almirante do Forte, Axé da Lua, Cambinda Africano, Encanto do Dendê, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Dalva, Linda Flor, Nação de Luanda, Rosa Vermelha, Sol Nascente, Tigre)					Cf. anexo 2: 787 e 788	
CONTATOS				Nº			
	Ivaldo Marciano de França Lima Anexo 4 (Recife)					29	
	Jailsom Viana Chacom Anexo 4 (Recife)					31	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PE	01	00	12	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Isabel Cristina Martins Guillen, Ivaldo Marciano de França Lima, Anna Beatriz Zanine Koslinski, Jailma Maria de Oliveira, Fernando Antônio Ferreira de Souza, Lydiane Batista de Vasconcelos, Fábio de Souza Sotero, Patrícia Roberta da Silva Araújo, Lunara Caroline Nascimento Gomes, Walter de França Filho, Juliana Ferreira Campos Leite, Angelina Lima.		
SUPERVISOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski		
PREENCHIDO POR	Isabel Cristina Martins Guillen, Ivaldo Marciano de França Lima, Jailma Maria de Oliveira, Fernando Antônio Ferreira de Souza, Lydiane Batista de Vasconcelos, Anna Beatriz Zanine Koslinski.		DATA 26.10.2012
RESPONSÁVEL INVENTÁRIO	PELO	Isabel Cristina Martins Guillen	